TÉCNICA DO DISCURSO MODERNO

1ª Edição – Outubro de 1953

— Todos os direitos reservados —

ÍNDICE

Introdução necessária 11
Providências indispensáveis para bem falar 13
Exercícios de dialéctica 23

Técnica do discurso:

Invenção, disposição e elocução 39
Meios para adquirir as cinco virtudes do orador 43
O exórdio 44
Em face de um auditório adverso 47

Peroração ou epílogo:

A narração e a divisão 51
Regras práticas sôbre o discurso 55
A ordem dos argumentos 59
Dos gestos e das atitudes 65
O estilo do discurso 67
Observações Teórico-Práticas sôbre os temas tratados 87
As palavras de valor 95
As ligações 101

Novas Regras sôbre o emprêgo das figuras:

Regras sôbre o emprêgo das figuras 113
Como proceder quando há interrupções 133

Exercícios práticos:

Exercícios para a memória 141
Para dar brilho e vigor à voz 145
Novos exercícios analíticos e sintéticos 153
Outros exercícios práticos 173

Recomendações importantes:

50 regras 179
Regras gerais para a constituição de "grupos de oratória" 187
Regras para discursos segundo os temas 193
Como se deve dizer e como não se deve dizer 197

Étimos gregos e latinos:

Prefixos latinos 205
Prefixos Gregos 215

Enriquecimento do vocabulário:

Origem e significação das palavras 223

INTRODUÇÃO NECESSÁRIA

Em complemento ao nosso "Curso de Oratória e Retórica", oferecemos agora ao leitor "A Técnica do Discurso Moderno".

Esta obra, eminentemente prática, tem um escopo delineado: dar ao estudioso da arte de falar em público o que ainda há de actual nas regras clássicas da retórica, permitindo-lhe o manejo mais eficiente da palavra.

Não se pode deixar de reconhecer que o discurso dos nossos dias não pode mais cingir-se totalmente às regras da retórica grega, da retórica romana ou da Renascença europeia, nem muito menos ao condoreirismo excessivamente eloquente, mas palavroso, dos discursos do período que antecede à Revolução francesa e que perduraram, através do romantismo, até os nossos dias não só na Europa, como entre nós.

Aquele exagêro na adjectivação, o abuso das imagens da retórica, das figuras que servem para embelezar a frase, os ademanes e os gestos excessivos, o tom trêmulo e gargarejante da voz, ou excessivamente tonitroante, o efeito espectacular das orações, tudo isso, na verdade, perdeu seu valor, devido ao abuso cometido por oradores menores.

A sobriedade eloquente da oratória moderna, que exige ideias claras, precisas, nítidas, revestidas de expressões adequadas, simples, mas apresentadas com a máxima segurança, leva-nos ao abandono de muitas das velhas normas e o aproveitamento mais comedido de outras, a par de inovações, que são de grande aproveitamento para quem empreende esta arte prática, tão útil e necessária, que é o pleno domínio das palavras.

O método empregado neste livro serve para corroborar o que apresentámos em nossa primeira obra de oratória.

Os discursos analisados neste e as regras expostas, bem como os capítulos, onde sintetizamos o que de mais eficiente se pode usar na oratória moderna, muito auxiliarão ao estudioso o pleno exercício de suas faculdades, com a acquisição fácil, no decorrer do tempo, da palavra fluente, ao lado de uma forma adequada à boa expressão das ideias.

Prosseguindo na orientação de nosso livro anterior, neste apresentamos novos exercícios, como os que se referem ao fortalecimento da memória, ao desenvolvimento do raciocínio e da meditação, esta tão necessária para a construção da personalidade, sem a qual nenhum orador consegue persuadir ou dissuadir, exercícios de análise dialéctica, e os que se referem às origens das palavras e derivados destas, permitindo, assim, o enriquecimento do vocabulário, imprescindível ao orador.

O estudo prático dos étimos verbais, a análise técnica dos elementos do discurso, a maneira de organizá-lo, e a coordenação dos gestos, voz e palavras, cooperando para a formação de um todo expressivo, os erros e defeitos que se devem evitar, o estudo de cinquenta novas recomendações imperiosas ao orador, tudo isso está inserto nesta obra, que complementa o que havíamos realizado em o "Curso de Oratória e Retórica".

A longa experiência, que obtivemos através dos nossos cursos de oratória, nos habilita a justificar plenamente as afirmativas e normas que oferecemos no decorrer de nossas obras, que conservam o que há de proveitoso nas clássicas normas da retórica grega e romana, como compendia, ademais, o que de novo conquistámos no decorrer do Renascimento e na chamada época moderna, com a apresentação de um método mais seguro para alcançar o desideratum dos que se dedicam ao estudo desta nobre arte.

Mário Ferreira dos Santos

PROVIDÊNCIAS INDISPENSÁVEIS PARA BEM FALAR

A RESPIRAÇÃO

Um dos pontos mais importantes, cuja irregularidade põe em risco a nossa saúde, é a falta de uma respiração bem ordenada.

Geralmente não respiramos bem. Quando em criança, época em que nos deveriam ensinar a melhor forma de respirar, nossos pais e mestres de tal se descuidam. Posteriormente, quando homens feitos, muitos dos nossos males decorrem de uma respiração deficiente e mal orientada.

Para quem usa da palavra, mesmo numa conversa, a boa respiração é fundamental. A perda de fôlego acarreta a diminuição do volume de voz, tornando ininteligível aos ouvintes o que diz o orador.

Em nosso "Curso de Oratória e Retórica" muito falamos sobre a necessidade da regularização da respiração, e demos alguns exercícios que auxiliam a fortalecer a voz, aumentar-lhe o volume, e dar-lhe mais brilho.

Mas, hoje, queremos estudar um exercício de magna importância, que é o da meditação, imprescindível para o desenvolvimento intelectual do orador.

Para chegarmos até lá, precisamos examinar prèviamente um exercício respiratório fundamental, que deve ser praticado, durante pelo menos 5 minutos, duas vezes ao dia, ao acordar e antes de deitar-se.

O exercício respiratório é o seguinte:

Lava-se primeiramente, com um pouco de água, que se aspira, as narinas. Toma-se depois a posição erecta. Com as mãos

entrecruzadas atrás da nuca, inicia-se a *inspiração* máxima possível, que deve demorar o tempo que se leva a contar até 4, mentalmente.

Retém-se o ar inspirado durante o tempo em que contamos até 10 ou 15, *expirando-o*, depois, lentamente, enquanto contamos até 6.

Após essa expiração, fazemos um descanso, enquanto contamos até 3, sem respirar, reiniciando, a seguir, o mesmo exercício.

Quando da expiração, vergamos o corpo em direcção aos joelhos, tanto quanto nos for possível.

Esse exercício pode ser feito em número, de início, de10 vezes, aumentando-se até 20, fazendo-se intervalos, para descanso, de 5 em 5, ou de 10 em 10 vezes.

O uso deste exercício não exclui outros que acaso costume fazer o leitor. *Mas é imprescindível fazer este, pelo menos.*

E à noite, antes de deitar, deve ser repetido.

* * *

RESPIRAÇÃO RÍTMICA

Ao deitarmo-nos, em decúbito dorsal, isto é, com as costas voltadas para baixo, estiramos as pernas, abrimos levemente os braços, em arco, e com as mãos tocando no corpo, iniciamos o exercício de respiração rítmica, por um tempo indeterminado.

Este exercício consiste no seguinte: deve, quem o emprega, adquirir, a pouco e pouco, um ritmo regular entre a inspiração e a expiração, realizadas lentamente. Demora-se na inspiração e na expiração, até adquirir-se o ritmo natural, fluídico, da respiração.

Com o decorrer do tempo, consegue-se atingir tal fluidez, que parece nem sequer respiramos.

Após este exercício, que no início exigirá a convergência de toda a nossa atenção para o ritmo constante e igual da inspiração-expiração, pratica-se o *exercício de meditação*.

Aquele exercício fluidifica o pensamento de tal modo que facilita uma meditação com poder atencional cada vez maior, o que robustece a nossa capacidade de pensar e de examinar ideias, imprescindível ao bom orador.

Esse mesmo exercício pode ser realizado durante o dia.

Pode ser praticado de outra forma: Sentamo-nos numa cadeira, sem deixar que nossas costas se juntem ao encosto, em posição erecta.

Unem-se as pernas e cruzam-se as mãos, com as palmas voltadas para cima, a mão direita sobre a esquerda, e realiza-se o exercício rítmico de respiração.

É possível que, no início, sucedam alguns factos que não nos devem preocupar, como, por exemplo, tremuras, respiração ofegante e descontrolada, estremecimentos, etc.

Todos eles são naturais no início, mas tendem a desaparecer à proporção que o exercício é realizado.

Com o decorrer do tempo se adquire o pleno equilíbrio, e a respiração rítmica fluidifica-se de tal modo, que sentimos um bem estar em todo o corpo.

Após a realização desse exercício, no qual pomos, de início, toda a atenção, passamos à posição normal, na mesma cadeira ou na cama, e meditamos sobre um tema, isto é, realizamos o

EXERCÍCIO DE MEDITAÇÃO

Importantíssimo é este exercício pelas seguintes razões:

1) Acostuma-nos à máxima atenção às ideias. Quem adquire essa capacidade, obtém na vida uma fortuna.

Os grandes homens, em todos os sectores, quer do conhecimento, como sábios, filósofos, etc., quer da ação, como chefes

militares, políticos, industriais, comerciantes, que realizaram tanto em tão pouco tempo, e que são capazes de resolver um problema em minutos, que outros necessitariam anos, que vêm vantagens ou desvantagens numa posição, que outros nem sequer percebem, foram e são homens de uma grande capacidade atencional às ideias (o que na psicologia se chama de *reflexão*).

E esta capacidade se adquire pelo exercício de meditar.

Prestar a atenção a uma ideia é aumentar a tensão do nosso espírito, dirigida para o que nos interessa, o que aumenta nossa capacidade de perceber semelhanças e diferenças. Assim, nós, quando olhamos desatentamente alguma coisa, não captamos tão bem os seus diversos aspectos como quando dirigimos nossa tensão psíquica para o objecto, isto é, prestando-lhe atenção.

Esse exercício tende a dar ao espírito uma capacidade redobrada de atenção, o que fortalece a inteligência, muito mais do que se possa julgar.

2) O exercício de meditação, obrigando a prestar atenção a uma ideia, permite, por sua vez, captar quanto ela contém.

Processa-se da seguinte maneira:

a) vê-se, em primeiro lugar, o que diz a ideia. Digamos que vamos meditar sobre a *guerra*.

Primeira providência é ver o que é guerra, qual o conteudo desse conceito. Uma guerra é uma luta. Mas uma luta qualquer não é guerra. É necessário que nessa luta haja lutadores armados, que se opõem. Mas há guerra entre dois antagonistas armados? Realmente só se poderia empregar o termo guerra neste caso, num sentido muito lato. No sentido normal, a palavra guerra quer indicar a luta entre bandos armados, que se antagonizam e procuram impor-se um ao outro, isto é, vencer o adversário.

b) Realizada essa colocação do conceito, vejamos em que está contido. A guerra, onde se dá? Dá-se entre homens, por exemplo, mas podemos admitir guerra entre animais, armados das armas naturais? Mas entre os homens tais guerras implicam instrumentos ofensivos e defensivos. Ela dá-se na sociedade humana, entre grupos, nações, povos, etc.

c) Que implica o conceito? O conceito guerra implica armamento, organização, indústria, etc. Neste caso, quem medita sobre este tema poderá juntar inúmeros pensamentos que a ele se associam.

COMO SE PROCEDE A MEDITAÇÃO

Durante a meditação, toda a atenção do espírito deve dirigir-se para o tema que se medita. Mas essa atenção, no princípio, é quase impossível conseguir-se, pois ideias vagabundas, outras idéias, que não estão contidas pròpriamente nem relacionadas com o tema, sobrevem e nos desviam a atenção.

Que fazer em tais casos? A providência que se impõe é não irritar-se por isso, pois é absolutamente natural que tal aconteça.

Quando se percebe que nosso espírito está divagando, focalizando outras ideias, volta-se novamente ao tema em meditação, evitando-se (o que é importante!) aborrecer-se com tal coisa.

Não há necessidade nenhuma, nem convém em absoluto, ficarmos nervosos por não poder manter por muito tempo uma meditação sobre um tema. Toda preocupação, todo nervosismo, aquí, só pode prejudicar. Compreenda-se que é natural, e retorne-se ao exercício, tantas vezes quantas pudermos.

Finalmente, após algumas semanas, e em certos casos, ainda normais, alguns meses (3, 4 e até 6), adquire-se o pleno domínio da atenção, e estando aptos, desde esse momento, a visualizar, com os olhos do espírito, qualquer pensamento, e a desdobrá-lo sob todas as formas possíveis, através de análises.

Este exercício não só desenvolve a capacidade de pensar, como a inteligência e a memória das ideias, o que é importante, não só para a oratória, como para integração da pessoa humana!

TEMAS PARA MEDITAÇÃO

Os mais variados temas podem ser aproveitados para este exercício. Vamos estabelecer algumas condições indispensáveis para o bom êxito a ser alcançado, cujo emprego é importante:

1) Tomar uma postura, e permanecer nela, sem fazer movimento do corpo, braços, etc.

2) Pôr os olhos fixamente sobre um ponto, a fim de ter toda a tensão psíquica voltada para o assunto. Seria conveniente fechar os olhos e fixar o olhar sobre a direcção da ponta do nariz. Se causar mal-estar, fixá-lo mais distante. Pode fazer-se, também, com os olhos abertos mas, neste caso, há perigo de desatenção.

3) Escolher um lugar silencioso, se possível, e permanecer só.

Procurar pronunciar intimamente as palavras que formam as orações construídas, buscando dar-lhes uma forma regular e gramaticalmente perfeita, tanto quanto possível.

4) Realizar o exercício tantas quantas vezes se puder.

5) O tempo é indeterminado. A princípio bastam alguns segundos, depois minutos. Uma meditação de 5 minutos já é ótima.

6) Os temas podem ser os mais variados, desde os mais simples aos mais complexos.

A princípio escolhem-se os mais simples: por exemplo meditar sobre um dos aforismos que oferecemos em nossas obras de oratória.

Toma-se um pensamento, e medita-se sobre ele. Realiza-se um discurso interior, analisando todas as ideias, contidas na ideia exposta. Pode tomar-se uma palavra e analisá-la, e assim complexionar o exercício, a pouco e pouco, tanto quanto for possível.

Nunca desanimar encontrando dificuldades no princípio, porque estas são naturais.

O domínio da meditação só se consegue depois de um grande esforço, mas os benefícios adquiridos são supinamente compensadores.

Realizá-lo diàriamente, antes de dormir, quando já estamos deitados, logo após haver feito o respiratório.

DIÁLOGO INTERIOR

Com o decorrer do tempo, e depois de se haver conquistado certo domínio na meditação, convém discutir interiormente, pondo as ideias em choque.

Podemos desdobrar-nos em dois antagonistas, que defendem ideias opostas ou levemente discordantes, sobre o tema em meditação. Neste caso, juntam-se as razões de um lado em oposição às razões do outro, e fazem-se paralelos, análises, tão complexas quanto possível.

De início, podemos escolher temas políticos, ideológicos ou religiosos, e fazer a discussão interior, apresentando razões de um lado e d'outro. Deve-se procurar encarnar a posição de cada lado, para acostumarmo-nos a ver os factos, segundo as suas oposições, e evitarmos, no futuro, as visões unilaterais.

Com esse exercício nos acostumamos, aos poucos, a conhecer as possíveis razões do adversário, e a preparar as respostas convenientes, capazes de fortalecer e justificar o ponto de vista que sustentarmos.

Nos exercícios analíticos e sintéticos, oferecemos inúmeros temas, ótimos para a meditação.

Mas quem pratica este exercício deve, por sí mesmo, escolher os temas.

Em nossa época, discute-se muito o problema da mulher.

Deve ela penetrar ou não na vida econômica e competir com o homem?

Ponderar as razões a favor e as razões contrárias. É o divórcio conveniente ou não?

Ponderar as razões de um lado e de outro. Colocá-las mentalmente, segundo as diversas posições. Analisá-las. Ver os argumentos que podem robustecer esta ou aquela posição.

Colocar os diversos argumentos e analisá-los separadamente para descobrir-lhes as falhas ou virtudes. Sopesar, balancear os argumentos pró e contra, e procurar conclusões, etc.

Todos esses exercícios são de grande utilidade, pois além de auxiliar o desenvolvimento da inteligência, aumentam a capacidade de atenção mental, desenvolvem o raciocínio, o poder de argumentação, e a palavra mais fácil.

Esses exercícios, que são feitos interiormente, não excluem os que se devem fazer a "auditórios imaginários", já com a pronúncia das palavras, por nós tantas vezes aconselhados, pois uns fortalecem os outros, favorecendo-nos a conquista dessa nobre arte, tão útil também, que é a oratória.

EXERCÍCIOS DE DIALÉCTICA

Oferecemos uma série de exemplos de exercícios dialécticos, que servem para mostrar ao estudioso de oratória, como é necessário dispor com atenção as afirmativas que faz, ou as que faça seu adversário, para que encontre os pontos fortes e os fracos, que lhe facilitem uma análise, capaz de permitir-lhe responder a um argumento apresentado.

Sombart, em seu famoso livro "O Apogeu do Capitalismo" reproduz esta passagem de H. Lugardelle, cujo tema pode ser analisado dentro das bases da dialéctica. (1)

Diz aquele autor:

> "O socialismo e o sindicalismo . . . são, neste momento em que falo, os agentes essenciais da civilização no mundo. Impelem o capitalismo aos caminhos do mais alto aperfeiçoamento possível. Quanto mais pressionantes são as exigências da classe obreira, mais audaciosas devem ser as injustiças, e mais se acelera e se intensifica o desenvolvimento técnico. As conquistas do proletariado não permitem uma indústria rotineira, enraizada nos velhos métodos, sem iniciativa nem audácia. Feliz do capitalismo que encontra ante sí um proletariado combativo e exigente".

Esta afirmativa, endossada por Sombart, merece análise.

De antemão, é possível tomar duas atitudes, ambas perigosas, por serem unilaterais e absolutistas: ou assiste verdade ao autor citado ou não lhe assiste.

---

(1) Para um bom estudo da dialéctica e da decadialéctica, aconselhamos ao leitor os nossos livros "Lógica e Dialéctica" e "Filosofia e Cosmovisão" que oferecem os meios hábeis para construir uma sólida argumentação.

Mas, não se pode esquecer, que é possível e fundado raciocinar deste modo. Se estabelecemos que a afirmação acima é uma regra geral, que aceita excepção, podemos concordar com ela. Resta apenas verificar se realmente se dão tais excepções ou não.

Se há excepções não se deve aceitar uma afirmação geral como absoluta. Pelo menos, estas precisam ser consideradas.

Examinando-se os factos que decorreram no mundo, verificamos que as greves, com a finalidade de aumento de salário, quando vitoriosas, levaram muitos capitalistas a melhorar a técnica de produção, a fim de poder colocar no mercado os produtos sem aumento do preço. Tal se verificou, em muitos casos, nos grandes paises, como na Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos, etc.

Entretanto, em outros, tais aumentos de salário levaram os capitalistas a um aumento do custo da produção e consequentemente a um aumento do preço de venda, redobrado, como é o exemplo do Brasil.

Aquí, entre nós, as greves não conseguiram, senão muito levemente, forçar os capitalistas nacionais a melhorar a técnica da produção. A solução mais simples ao aumento do custo de produção não é a reforma técnica, pois não somos produtores de máquinas, nem o nosso capitalismo encontra da parte do consumidor uma resistência aos aumentos dos preços. Por isso, resolve pelo mais simples (e os meios mais simples são quase sempre os piores), que é o de aumentar o preço que, por sua vez, por um mecanismo prejudicial, como se pratica no Brasil, é dùplice ou trìplicemente aumentado para o consumidor.

Ao intermediário não interessa manter os preços, pois os seus lucros são proporcionais aos preços de venda, razão pela qual logo os aumenta, quando o produtor se vê obrigado a aumentar, por sua parte, o preço de venda.

Onde o consumidor resiste aos aumentos de preços, o produtor não pode aumentar os seus ao intermediário, pois este

perde em vez de ganhar, e opõe-se ao aumento. Desta forma, resta-lhe apenas a solução da melhoria técnica da produção, diminuição de gastos, etc., que vêm beneficiar a todos, sem sacrificar a ninguém.

Esta a razão porque em certos paises a ação enérgica de um proletariado organizado acaba tornando-se favorável a todos.

E por outra parte permitiu, facilitou e apressou a reforma técnica da sociedade, que é muito mais importante do que se julga, e que irá provocar, com o decorrer do tempo, transformações que poucos são capazes de prever.

Mas estaríamos examinando tudo parcialmente se considerássemos sòmente os factores que apresentamos até aquí. Há outros, e importantes, que entram a funcionar e a predispor condições para tais modificações técnicas.

A concorrência internacional, a necessidade de competir, no mercado internacional, com os produtos de outros paises, leva a muitos às modificações técnicas, a fim de conseguir uma produção de custo menor, o que provoca uma emulação recíproca, com vantagens para todos.

Os países que defendem a sua indústria, como o nosso, contra a concorrência estrangeira, se por um lado realizam algo de benéfico, por outro, provocam males. Uma proteção à indústria, que lhe permita dominar o mercado, com aumentos sucessivos de custo, sem ser forçada a uma modificação intensiva e extensiva da técnica, só pode ser prejudicial a todos. Na verdade verificamos entre nós um progresso técnico em alguns sectores, mas este é ainda pequeno para assegurar à nossa indústria uma capacidade tal que a coloque face a face à indústria estrangeira. Ainda não podemos competir industrialmente, e de tal modo é patente a nossa inferioridade, que a nossa indústria ainda não conseguiu organizar-se amplamente para exportar seus produtos. Tudo isso se deve ao lado pernicioso das leis protecionistas, e sobretudo à falta do desenvolvimento progressivo da técnica, que as greves, aumentos de salários e leis sociais não conseguiram promover suficientemente.

Portanto, atravessamos uma época cheia de problemas que estão a exigir a melhor atenção dos nossos homens públicos (se é que eles a prestam às coisas públicas, o que duvidamos em face dos factos).

Não encontramos apoio às iniciativas inventivas, como as têm outros países. Nosso povo, que tem revelado uma grande capacidade criadora, que muitos brasileiros, por ignorância ou cegueira, não podem ver, não consegue ordenar uma ampla ação, com modificações técnicas que facilitem e melhorem a produção, porque, entre nós, embora pareça incrível, tudo se faz para que os inventores nacionais sejam coartados em sua ação.

No Brasil, todo inventor é recebido de antemão com desconfiança.

Provoca desde logo uma reação pessimista. Somos um povo colonialista passivo, descrente das nossas possibilidades, sem fé em nós mesmos, e nenhum inventor (a não ser que seu nome seja estrangeiro) encontra ambiente favorável. Há muita coisa extraordinária criada por inventores nacionais, sem o menor aproveitamento. Jamais um Santos Dumont poderia vencer se tivesse vivido no Brasil. Este aspecto é muito importante, e não deve ser esquecido quando se pretende estudar algum tema de economia ou de tecnologia. Temos, em São Paulo, organismos valiosos, técnicos de real valor, e o mesmo se verifica em todo o país, mas não encontram o menor apoio para levar avante os seus inventos. E até mesmo são obstaculizados pela ação do governo, que cria as maiores dificuldades, a par do desinteresse de grande parte dos nossos industriais, que só desejam leis protecionistas, que lhes permitam permanecer numa forma incipiente, primitiva e sobretudo paleotécnica de produção, mas que lhes assegura importantes lucros.

Muitas outras análises caberiam aqui, mas só a podem fazer os que estão habituados aos usos da decadialéctica. Estes, trabalhando com os factores de emergência e de predisponência, analisando pentadialecticamente nos planos e decadialecticamente nos campos, poderiam desenvolver, em torno desta simples afirmação de Lugardelle, uma ampla exposição, que ofereceria não só uma visão global, (que reuna tudo quanto analìticamente se possa fazer) sobre um tema de tanto interesse, como ainda permitiria outras sugestões para longos exames. Queremos apenas mostrar, com o exemplo supra, que uma afirmação, embora feita genèricamente, com os perigos que daí decorrem, pode servir, no entanto, para acharem-se os pontos fortes que são de grande utilidade, e que podem oferecer campo para novas investigações.

Para os que lerem nosso livro "Lógica e Dialéctica", chamamos a atenção para a parte final, onde estudamos o tema do valor na economia, e observem como se pode construir uma visão global, dialéctica, que inclua em seu bojo todas as análises parciais, oferecidas pelas diversas posições, permitindo uma visão mais clara e mais segura da matéria.

* * *

Analisemos, agora, outra tese de Sombart, exposto no livro que acima citamos. Em sua fase de apogeu, no capitalismo, o instinto de poderio e o impulso acquisitivo se unem para o domínio dos homens e das coisas.

Teria o marxismo conseguido, em sua ação, sublimar esses ímpetos, para alcançar uma outra posição?

A essa pergunta, Sombart responde negativamente, afirmando que o marxismo não alcançou, na Rússia, essa sublimação desejada pelos socialistas, mas apenas conjugou aquele instinto e aquele impulso com o Estado, para servir aos fins políticos de um partido, sem alcançar o benefício almejado. Impõem-se aquí alguns comentários.

Em primeiro lugar, o capitalismo caracteriza-se pelo seu afã aquisitivo sobretudo de lucro. Nenhum capitalista tem outra intenção.

Ora, o lucro é sempre *um mais* em troca de *um menos*. Portanto, o capitalista pretende sempre dar menos e receber mais.

Correlativamente decorre que alguém recebe menos e dá mais.

Desta forma, quer queiram quer não, o capitalismo sempre gera um desequilíbrio. Ademais os capitalistas não poderiam impor o seu regime sem ter uma base de poder que os assegurasse. Seria difícil que os homens, sem ser forçados pelas leis e pela fôrça que a sustenta, se conformassem com a situação de dar mais e receber menos. Só podem tolerar o capitalismo os capitalistas, o que é natural.

Portanto, o capitalismo não pode deixar de manejar o órgão do Estado, que é o monopolizador de fôrça, de coacção, para poder manter sua situação, corroborando-a com uma propaganda bem feita, com uma coordenação de capitalistas menores e semi-capitalistas, afim de poder manter sua ordem.

Os socialistas, em todo o mundo, sempre desejaram destruir essa ordem, sem entretanto pensar, em geral, na destruição das pessoas que a encarnam.

A forma soviética substituiu a figura do capitalista, mas não substituiu a ação política da fôrça do Estado, que assegura a coacção, e que a realiza, e que mantém a *mais-valia*, na forma de impostos e de contribuições ao govêrno. De qualquer forma, a população consumidora dá mais do que recebe. Não se alegue que o Estado arrecada tais contribuições para aplicá-las no bem comum, pois é ele o órgão menos hábil para tais realizações, pois as encarece.

As organizações particulares podem realizar as obras sociais com um dispêndio muito menor, como se verifica em todo o mundo.

Além disso, pelo seu papel eminentemente político, por sua fatal organização burocrática, pela necessidade de organizar um aparelhamento coactor (polícia, exército, etc.), como se verifica em toda a história, em todos os tempos e em todos os povos, o Estado não assegura a superação da situação do capitalista, pois, ao contrário, ainda a agrava. Os países, em que o Estado

é mais poderoso, e intervém nos negócios da economia, são os de custo de vida mais alto.

Consequentemente, o socialismo, com os métodos estatais empregados, não assegura a solução do defeito acusado ao capitalismo.

Colocado o problema neste ponto, quantas análises dialécticas cabem aquí?

São tantos os aspectos que podem ser investigados, que teríamos de escrever páginas e páginas para justificar os pontos onde fizemos certas afirmações. Além disso, ainda caberia lugar para uma pergunta como esta: há possibilidade de se encontrar uma solução social, que evite os males, que decorrem do capitalismo, e estabelecer uma forma que mantenha uma reciprocidade justa entre dar e receber.

Outra pergunta ainda caberia: é toda mais-valia um mal?

As obras sociais não exigem, para que se realizem, que se institua uma mais-valia?

E será o Estado o melhor órgão para aplicá-la ao bem comum, ou haverá outros meios, de iniciativa colectiva, mais aptos para tal?

Assim como o tema anterior implica que se discutam os aspectos do liberalismo econômico, do protecionismo, do câmbio-livre, etc., este ponto implica o estudo de outras posições ideológicas, que ante os factos da economia levam a conclusões divergentes, todas merecedoras e capazes de uma ampla análise dialéctica.

* * *

Vejamos outro tema: Pode a paz humana ser assegurada? Quererão, na verdade, os homens a paz? Não será a guerra uma necessidade? Quais os meios de assegurá-la? Podem falar em paz aquêles que se armam?

Aí temos uma sequência de interrogações que permitem também muitas análises dialécticas.

Mas vamos, aqui, apenas colocar a problemática da paz, para que observe o leitor as grandes possibilidades de argumentos e razões, que se podem apresentar, quando tratamos de tema de tal importância como este.

O problema da paz é inseparável do problema da guerra. Se a paz é um grande desejo humano, a história nos mostra que ela é frágil e constantemente solapada pelas guerras que sucedem.

Por que os homens vão à guerra ou dela usam?

Se pensamos nos homens primitivos, logo nos acodem as inúmeras razões que levavam os povos a se guerrearem entre si.

Não eram apenas factores econômicos, pois havia guerras levadas por factores bionômicos (normas vistas), como para conquista de mulheres, etc.

Por outro lado, encontramos guerras motivadas apenas por desmedidas ambições de mando, e até pelo prazer desportivo de guerrear.

Tais factores são sobejamente estudados nas obras dos antropologistas.

Povos agricultores são em geral pacíficos, enquanto os caçadores, criadores, etc., são em geral guerreiros.

As necessidades de terras, de pastos, etc., levavam povos a invadir outros. E consequentemente as guerras defensivas ou ofensivas se processavam.

Quando o homem atingiu a fase da realização das altas culturas, as guerras prosseguiram. Aqui deve o leitor procurar estabelecer todas as razões (factores), que intervêm para precipitar as soluções bélicas.

Quando há unidade de vistas, unidade econômica, interêsses recíprocos e fundados, entram os povos em guerra?

Quando há choque de interêsses, vemos eclodirem as lutas entre os povos.

Como seria possível assegurar uma paz se entre os homens há choques de interêsses?

É, realmente, uma verdadeira utopia ou não pensar-se na possibilidade da realização da paz, quando os motivos para as lutas entre os homens são mantidos?

Quais são os pontos de divergência entre os homens?

Reuna-os o leitor. Quais deles são passíveis de uma solução?

Poderíamos encontrar meios de reunir os homens num grande interêsse comum, que os levasse a não pensar mais na solução bárbara e primária da guerra?

Vejamos, agora, um factor psicológico. Não há no homem ímpetos guerreiros?

Poderia o ser humano permanecer satisfeito numa sociedade em que se respirasse apenas a paz? Não se sentiriam cansados da própria paz e não procurariam as guerras, sob os mais ridículos pretextos?

Por outro lado, é possível dar uma vasão a esses ímpetos destrutivos por meios sublimados, que permitissem a descarga energética afetiva, sem precisar levar povos à destruição?

É fácil encontrar uma solução universal, capaz de solver os conflitos e evitar as guerras?

Não há povos mais ricos e povos mais pobres, e a inveja destes não os pode levar aos conflitos armados?

É a guerra ainda uma fonte de ganho? Podem os guerreiros conhecer genuinas vitórias, quando atingimos a um grau da técnica que a destruição é quase total?

Se é inegável o anelo universal da paz, não encontramos nêle um ponto sólido para marcharmos para uma transformação social?

Neste caso, teríamos que nos apoiar num factor emergente, psicológico. Basta o desejo humano de paz ou impõem-se ainda medidas que devem ser empregadas para alcançar esse desideratum?

E quais seriam os meios a ser empregados?

Podem os povos que se armam até os dentes falar em paz?

Querem a Rússia e os Estados Unidos a paz? Pode a Rússia, com a sua produção, a mais cara do mundo, como o afirmou o próprio Stalin, competir com a indústria de outros povos tècnicamente mais avançados que ela?

É possivel uma cooperação entre as nações para que desapareçam essas diferenças técnicas, e surja uma reciprocidade justa?

Quais os meios que favorecem a conquista dessa meta, e quais os que oferecem obstáculos?

Conhecendo-os, podemos traçar planos de acção que nos permita avançar seguramente no caminho desejado?

E os obstáculos que se antepõem à conquista desse fim, podem ser afastados, ou contornados ou até destruídos?

E da sua destruição, não podem surgir outros obstáculos maiores?

Em suma, vê claramente o leitor que cada tema oferece uma grande problemática.

E essa problemática exige uma dialéctica segura para analisá-la. Desses exercícios, tem o leitor um exemplo de como se pode pensar, sob diversos ângulos, e captar, imediatamente, afirmação unilateral de um provável adversário, que se firmara num ponto de vista unilateral e, portanto, fraco, enquanto o leitor pode colocar-se num ponto amplo, que englobe todas as possibilidades, e que o impeça de uma visão primária e superficial dos grandes temas, favorecendo-o para que os veja em profundidade, intensiva e extensivamente.

Os exercícios desta espécie, aparentemente difíceis no início, terminam por se tornarem fáceis, logo que o leitor se familiarize no emprego da dialéctica, que, como a preconisamos, é um método de inclusão das ideias, e que permite uma visão completa e total do tema, sem o perigo das quedas nos unilateralismos, e no absolutismo, que só podem levar a posições falsas e a gerar um fanatismo, que é simplesmente ridículo, embora tão frequente nos dias de hoje.

* * *

TEMAS PARA MEDITAÇÃO

Um dia foi preso um homem que tentava assaltar o caixa de uma casa comercial. Perguntado por que fizera tal acto, quando tinha emprego e um ordenado que lhe permitia, ao menos, viver modestamente, ele alegou:

"Sempre desejei fazer a barba diàriamente, e não o podia. Queria mudar de camisa diàriamente, e não podia. No almôço e no jantar desejava sempre tomar uma garrafa de vinho, e não podia. Se meu ordenado não dava para isso, que deveria fazer? Conformar-me? Não quis.

Ganhar mais, era impossível. Pouco aprendera, e minha capacidade não é grande. Tornar-me comerciante, precisava de capital. Não quis conformar-me com a minha situação. Isso foi tudo . . ."

Os jornais chamaram de cínicas a estas palavras. Mas poderíamos pensar sobre elas. Não há povos, classes e homens que, em todas as épocas, sempre se apossaram do que era dos outros por motivos semelhantes?

Quando um povo inveja a riqueza de outro ou não se conforma com a pobreza, procura meios para realizar a pilhagem, como guerras, etc.

Outros, amparados na lei, saqueiam os seus semelhantes.

Essas razões, tão humanas, são èticamente injustas. Mas, a verdade, é que elas são a segunda intenção de muitos actos coletivos.

Meditemos sobre elas.

* * *

Não é a crueldade uma virtude . . . dos lobos?

* * *

A carência que nos dói mais não é aquela que julgamos mereceríamos de justo título?

* * *

Não houve sempre os que se afirmaram possuidores da verdade?

Que foi feito de tantas verdades?

* * *

O mau que se reconhece como mau, e proclama o seu defeito, possui uma virtude?

* * *

Qual vale mais: a prática ou a teoria? Que vale mais um saber prático-prático, um saber teórico-prático ou um saber teórico-teórico?

* * *

Meditemos profundamente sobre o bem. O bem que se revela em tudo, e no que todos desejam. Como compreender, então, o mal?

* * *

O excesso de elogios pode ser insultoso?

* * *

Qual a diferença entre a delicadeza e a cortezia?

* * *

Podemos crer em dores fecundas?

* * *

Pode-se ser infeliz por excesso de bem estar?

* * *

"A vida é demasiadamente curta para ser pequena". (Disraeli)

* * *

Queremos tudo. Seremos capazes de nos contentarmos com pouco?

* * *

É a liberdade um direito que se adquire? Onde há liberdade não há responsabilidade? É a liberdade um previlégio?

Não é a prática da liberdade que torna a liberdade prática?

TÉCNICA DO DISCURSO

INVENÇÃO, DISPOSIÇÃO E ELOCUÇÃO

Um orador deve ser apto a falar sobre qualquer tema e em qualquer ocasião.

Necessita, portanto, dispor das seguintes qualidades:

1) *invenção*, que consiste na capacidade de dispor de argumentos seguros, sólidos, evidentes, ou pelo menos verossimilhantes, capazes de convencer.

Portanto impõe-se:

a) *Confiança em si.* A confiança em si é uma das virtudes mais importantes. Se a temos, devemos fortelecê-la. Se não a temos, devemos adquirí-la.

Como poderá um orador convencer, se suas palavras revelarem insegurança?

Quem pode persuadir se entre as palavras surgem constante os "quem sabe", "talvez seja", "aliás", "pode ser", "assim parece", "quero crer", "julgo que assim seja", "tudo parece indicar que", "estou por acreditar que", etc.?

Se está inseguro em suas afirmativas, provoca dúvidas.

Mas, *regra importante*:

Não basta evitar o emprego de termos que indiquem dúvida e insegurança.

É preciso mais:
é preciso ter confiança em si mesmo e no que diz!

Portanto, confiança em si mesmo e confiança nas palavras, na expressão.

Como se adquire confiança em si mesmo?

Há muitos que, por timidez, por defeitos de educação, duvidam de suas possibilidades. Por isto se inibem constantemente, isto é, timidamente se calam quando deveriam falar. E passado o momento de perturbação, as palavras jorram com intensidade, sobretudo quando se encontram consigo mesmos, sòzinhos.

Consequentemente, a pessoa que passa por tais estados, põe-se a duvidar de suas possibilidades, e manifesta-se cada vez mais fraco, mais impotente.

No entanto, é preciso que se diga mais uma vez:
todos podem adquirir confiança em si mesmos.

Que precisamos fazer?

Meditemos, primeiramente um pouco. Na verdade, cada um de nós é um ser humano, que dispõe de suficiente inteligência e capacidade para tornar efectivas as suas possibilidades.

Se sofremos malogros muitas vêzes, não nos esqueçamos que não há quem não os sofra.

É preciso, por isso, estimular-se. E para tanto, convém lembrar-se do seguinte: se nós mesmos não nos amparamos, quem nos amparará?

E diga cada um dentro de si mesmo: "se eu não tiver confiança em mim, quem terá confiança? Portanto, a confiança em mim mesmo é imprescindível. Primeiramente preciso ter confiança de que terei confiança. Posso realizar muitas coisas. Nenhum ser humano é absolutamente impotente. Posso andar, posso agitar-me, posso fazer isto e aquilo".

E memorizemos o que temos feito. "Se posso fazer isto, porque não poderei fazer mais? Quando criança, quantas coisas não podia fazer. Os anos passaram-se e hoje realizo muito do que me parecia tão difícil. Se sou capaz de tantos progressos, serei de muitos outros".

E afirmativamente, para si mesmo, com toda confiança, deve dizer:

"Eu posso, eu quero, e eu tenho confiança em mim!"

A confiança em si mesmo adquire-se assim. Para certos casos, é preciso usar de outro exercício, que é de um efeito extraordinário.

Ao deitar-se, no instante penumbroso em que o sono está querendo nos dominar, digamos, com energia:

"Eu tenho confiança em mim e cada vez terei mais".

A mesma frase, dita com confiança, deve ser repetida ao acordar, diàriamente.

O exercício físico, que já aconselhamos em "Curso de Oratória e Retórica", deve ser feito diàriamente, sobretudo os respiratórios, já indicados.

Desta forma preparamos o terreno para adquirir a confiança em nós mesmos.

E obtida esta confiança que há de infundir nas palavras não será difícil nem longínqua.

E para tal, basta evitar têrmos dubitativos, expressões que indiquem dúvida ou indecisão. Podem ser usadas expressões dubitativas, como também apresentar-se, durante um discurso ou uma palestra ou uma conversa, algumas dúvidas sôbre a realidade ou não de um facto. Mas, imediatamente devemos apresentar os argumentos que afirmarão alguma coisa, sempre acompanhados de expressões positivas.

Desta forma, está o orador capacitado para construir a parte da *invenção* com a máxima segurança.

Impõe-se ainda mais:

a) dispor de argumentos seguros, sólidos, evidentes ou pelo menos verossimilhantes, capazes de convencer.

Com a presença da confiança em si e da confiança expressa através de têrmos positivos, já podemos trilhar o caminho que nos levará aos argumentos sólidos.

Em nosso livro citado, expusemos a arte de argumentar. Neste, a seguir, oferecemos novos elementos que fortalecem a maneira de coordenar os argumentos.

b) *A disposição* — Consiste esta em ordenar os argumentos e dispô-los ordenadamente, colocados em seu devido lugar.

No capítulo em que estudamos a "Arte de Persuadir" demos as regras da disposição dos argumentos, segundo o grau de convencibilidade.

Nos capítulos próximos oferecemos novas regras e outras sugestões, imensamente úteis ao leitor.

c) *A elocução* — Consiste esta em saber revestir os argumentos com as expressões mais seguras, e mais convenientes.

Os diversos exemplos de exercícios, expostos na obra citada, sobretudo os *sintéticos* e so *analíticos*, são muito úteis. A sua prática deve ser constante. Desta forma, obteremos o pleno domínio, sobretudo da síntese. Um argumento sintèticamente exposto, com firmeza, tem um poder imenso de convicção.

Em outras passagens dêste livro, estudaremos novas regras com os respectivos exemplos, que muito auxiliarão a obter o domínio desejado.

d) *Memória* — É preciso exercitá-la. Torná-la capaz de guardar os argumentos que precisamos usar, quando do discurso, e também a ordem que deverão ter.

Há muitos livros que nos ensinam a obter o pleno domínio da memória. Neste, daremos algumas regras práticas, e sugestões, de fácil emprêgo.

e) *Gestos, voz e fisionomia* — Nossos gestos, a voz e suas inflexões, e a fisionomia devem regular-se de modo a completar adequadamente o que desejamos dizer. Reportamo-nos ao nosso trabalho anterior, às regras que já expusemos.

Voltaremos, neste, a tratar de outros aspectos, de grande utilidade.

MEIOS PARA ADQUIRIR ESTAS CINCO VIRTUDES

Para adquirir estas cinco virtudes expostas, que são imprescindíveis para o bom orador, impõe-se empreguemos uma série de meios, que passaremos a expor.

Em *primeiro lugar*, o conhecimento das regras apresentadas em nossos trabalhos anteriores e, *em segundo lugar*, a assiduidade dos exercícios práticos. Em suma: teoria e prática.

É inútil insistir sôbre êstes pontos, pois o leitor já tem plena consciência do seu valor e da sua importância.

COMO PROCEDER COM A REALIZAÇÃO DA INVENÇÃO

Um discurso pode ser considerado como composto de *seis partes*, nìtidamente distinguíveis, conforme à clássica divisão da retórica.

A boa organização dessas seis partes é capital para a feitura de um bom discurso.

1) *Exórdio* — É o início, é a sua abertura. Deve chamar a atenção, predispô-la para o que o orador vai dizer.

A habilidade nos exórdios é típica dos grandes oradores.

Há várias regras práticas para provocar a atenção dos ouvintes, que passaremos oportunamente a estudar.

2) *A narração* — É a exposição dos factos que se deram ou poderão dar-se.

3) *A divisão* — parte na qual se colocam em oposição nossas afirmações ou a de nossos antagonistas. Nesta parte são reunidas as idéias por todos aceitas e as em que há profundas divergências.

4) *A confirmação* — Nesta parte juntam-se os argumentos a favor de nossas idéias.

5) *A refutação* — Nesta são refutadas as razões do adversário, e juntas as provas que podemos apresentar.

6) *A peroração* — o final, que por seu vigor e arte deve servir de coroamento do discurso.

Esta classificação é importante. Vem ela da retórica greco-romana e ainda é viva para a oração moderna.

E a prova do que afirmamos está fundada na análise destas seis partes e das regras, que elas permitem estabelecer, bem como das normas que convém seguir.

O EXÓRDIO

Pode ser de quatro modos:

Após a saudação, que corresponde naturalmente à abertura de um discurso, quando oramos ao público, o exórdio apresenta diversas modalidades.

Vamos usar da palavra. O tema que nos cabe tratar pode ser:

a) tema que, pela sua nobreza, todos devem defender.

Trata-se, por exemplo, de um discurso sôbre os deveres do cidadão para com a coletividade, de um pai para com um filho, dos esposos entre si, da veneração aos mortos, etc.

b) Ou tema que representa algo que todos devemos combater;

c) ou tema que trate de algo em que há dúvida entre defender ou combater;

d) ou de algo que merece nosso desprêzo.

Analisemos os diversos temas e as regras convenientes:

Em primeiro lugar, o exórdio deve prender desde logo a atenção.

Mas como proceder?

Uma frase cuidada de início, breve, concisa, que exponha o que pretendemos, despertará a atenção e a simpatia dos ouvintes.

Examinemos a seguir uma série de temas, e os exemplos que se podem usar de abertura:

Uma saudação de casamento

"Há sempre um mistério que aguça o nosso espírito, quando dois sêres juntam os seus destinos para formar um só destino".

Num enterro

"O pó ao pó há-de tornar! Mas há-de tornar ao pó o que é pó, diz a velha sentença. Mas o pó é inerte como o é a matéria. Neste corpo, porém, houve luz e houve inteligência, etc.".

Ou:

"Quando o corpo de um homem desce à sepultura, aqueles que o estimaram em vida, sentem ainda palpitar em si mesmos algo que não morre".

Ante uma ameaça estrangeira:

"O perigo ronda ameaçadoramente as nossas fronteiras".

O:

"Neste momento, vindos de terras distantes, pairam sôbre nós ameaças que não tememos".

Êstes exemplos poderiam ser multiplicados. O que interessa, porém, é guardar o leitor um conjunto de regras que servem para despertar a atenção do auditório e, consequentemente, a simpatia.

1) Estando-se ao par do que interessa ao auditório, as nossas primeiras palavras devem sempre sugerir o que é da preocupação dos ouvintes.

Ou são os adversários, ou são os amigos, ou até a situação dos próprios ouvintes:

2) Uma fábula de início, curta e singelamente exposta, que se adapte ao tema de que se pretende falar.

3) Um pensamento célebre, curto, mas enérgico, e que desperte a atenção;

4) Ao falar aos ouvintes, lembrar alguma coisa que já fizeram de grande.

"Vós, que soubestes em tal ocasião repelir tal coisa . . .".

"Vós, que nos momentos preciosos, sempre estivestes a postos . . .".

"Vós, cuja atenção às boas causas, nunca foi desmentida . . .".

"Vós, em cujos corações sempre ressoaram as nobres campanhas . . .".

"Vós, que em todos os momentos de vicissitudes, tivestes um ânimo sereno e forte . . .".

5) O principal deve vir sempre em último lugar. As primeiras palavras devem despertar a atenção para o que se vai dizer.

Pro ex.: "Devem ser repelidos aqueles que enganam os povos . . ." não provocaria o mesmo interêsse do que usando outra ordem, como por ex.: "Aqueles que enganam os povos (pausa, e em tom levemente mais forte e marcado) devem ser repelidos, devem ser desprezados".

No segundo caso, a atenção é melhormente provocada que no primeiro.

O orador deve sempre, no início, até conquistar o pleno domínio da palavra, ter a sua frase de exórdio prèviamente feita, lembrando-se sempre que é preciso despertar a atenção dos ouvintes.

EM FACE DE UM AUDITÓRIO ADVERSO

Podemos estar em face de um auditório, hostil às idéias que defendemos ou até contra nós. O espírito dos ouvintes foi indisposto, por aqueles que nos precederam, ou está preparado contra nós.

É o que se dá, por exemplo, quando defendemos alguém sôbre o qual pesa uma acusação terrível.

Há vários meios de iniciar:

a) É o facto abominável, e não o acusado.

"Reconhecemos que êste facto (descrevê-lo) é abominável. Não o é, porém, o acusado. O facto, como o descrevem os acusadores, é abominável. Mas estamos em face de um acontecimento totalmente diferente . . . Se êste facto se tivesse dado como pintam os nossos adversários, também estaríamos revoltados. Mas é preciso examinar a verdade, etc.

b) Podemos iniciar elogiando o espírito de justiça do auditório, a justiça que tantas vêzes o povo (ou o tipo a que pertencem os ouvintes, militares, operários, etc.) tem demonstrado, o que lhe impede deixar arrastar-se sem ouvir as razões de ambos os lados;

c) Se o auditório revela que está totalmente com nossos adversários, tomamos uma das frases pronunciadas por um dêles ou a última, e a pronunciamos. Fazemos uma pausa, depois afirmamos que é sôbre ela que se apoia tôda a sua argumentação. E rebatemo-la afinal.

d) Se o auditório está fatigado, convém usar no exórdio algo que o alegre, que o faça rir, uma graça, uma anedota histórica, um verso curto, uma sentença famosa.

Ou então, afirmamos que seremos breves, e iremos imediatamente ao assunto. Ou: seremos breves mas incisivos . . . "quero respeitar o vosso tempo e o pouco que vos direi será suficiente . . .", "poucas serão as minhas palavras . . .";

e) Se o auditório está muito interessado, devemos iniciar sem pressa, com certa lentidão, pausadamente.

f) Evitar: os lugares-comuns, o banal. O que é banal é o que pode ser aplicado a vários discursos. O lugar-comum é a repetição, o chavão, a frase feita, já corrente.

O exórdio não deve conter nem o banal nem o lugar-comum.

g) Não deve ser longo.

h) Mas deve ser capaz de provocar a simpatia, o interêsse e a atenção dos ouvintes.

Ao regressar à sua terra natal, a Bahia, Rui recebeu a mais entusiástica ovação que se assistira em São Salvador.

Emocionado, contruiu com estas palavras o exórdio de uma das suas mais famosas orações:

"Depois disto . . . diante disto . . . não sei como principie . . . .

Aos primeiros sorrisos longínquos de minha terra na curva azul de sua enseada, enquanto o vapor me aproximava ràpidamente destas doces plagas, onde minha mãe me embalou o primeiro e meus filhos me velarão, talvez, o último sono, vendo pendurar-se do céu e estremecer para mim o ninho, onde cantou Castro Alves, verde ninho murmuroso de eterna poesia, debruçado entre as ondas e os astros, parecia-me que a saudade, amado fantasma evocado pelo coração, me estendia os braços de tôda a parte, no longo amplexo do horizonte. Minha vida inteira, o remoto passado fugitivo recompunha-se-me nalguns instantes, de uma infinita suavidade triste, como as das grandes afeições tenazes, que lutam contra a volubilidade dos sucessos, e procuram fixar-se à beira da corrente irresistível da vida, abraçando-se aos ramos imortais do ideal. Nesse crescer, porém, de recordações, onde o meu espírito flutuava, anelante, de vaga em vaga, de pensamento em pensamento, de resurreição em resurreição, mais vivas, mais insistentes, mais obsessivas entre tôdas se me debuxavam na memória as impressões da minha última visita a êstes lares. Vai por cinco anos. Era em 1888. Corriam os últimos dias de abril. Poucos me eram dados, para respirar êstes ares, a cujo oxigênio se formou a minha paixão pela liberdade. Eu vinha só com a minha fé, a única fôrça que a natureza não me recusou, a companheira fiel das minhas provações, o viático de meu caminho acidentado. A atmosfera do Império e da escravidão oprimia-nos, abafadiça, de todos os lados. Os partidos monárquicos brigavam, enfezados, na sua rixa de lagartos, na raiva preguiçosa de estélios coriáceos, à luz de uma publicidade indiferente, ou hostil, como os raios do sol que acariciam o torrão próspero, mas flagelam a estepe escalvada, no silêncio, no marasmo, na solidão moral da pátria, calcinada por uma esterilidade maldita.

Quisestes então ouvir-me, amigos meus, bons conterrâneos, meus irmãos . . .irmãos, porque fomos ninados todos no mesmo berço destas encostas arredondadas e meigas como regaço de fada bemfazeja, todos amamentados aos seios da mesma mãe, a alma Bahia, mãe da inteligência, da generosidade e do entusiasmo . . .".

A NARRAÇÃO E A DIVISÃO

A exposição dos factos, que se deram ou poderiam ter-se dado, merece a máxima atenção.

Impõe-se que seja breve, clara e verossimilhante. Estas três regras são as de tôda retórica. Poucas palavras, clareza na exposição, para que não pairem dúvidas.

Convém descrever os factos de maneira a terem semelhança com a verdade, sem fantasias, sem exageros, que apenas servem para criar dúvidas.

Devem êles ser descritos em suas linhas gerais. Evitar com o máximo cuidado demorar-se em pormenores. Absolutamente não fugir ao assunto, associando outros factos, afim de evitar confusões.

Evitar repetições, e tudo o que embrulhe, como longas digressões, etc. Os factos devem ser descritos de maneira a que se acredite neles, isto é, contados com tôda a verossimilhança, e evitar invenções que possam desvirtuá-los e servir de apoio ao adversário.

Quando vamos enumerar os factos, e se anunciamos os pontos principais, nunca devemos classificá-los além de três.

Sendo mais, os ouvintes podem desconfiar de que nos preparamos.

É preciso dar a impressão da improvização, e para tal deve-se dividir os factos em três pontos importantes, aqueles para os quais mais nos interessa chamar a atenção.

Em certos discursos, como os de casamento, batizados, etc., a narração não é a mesma de um discurso, por exemplo, para um juri.

O que se enumera, então, pode ser de modo literário, poético, como ainda veremos.

A CONFIRMAÇÃO E A REFUTAÇÃO

Aqui a arte de persuadir exige a observância das regras já expostas.

A argumentação compõe-se de cinco partes, classificadas pela retórica clássica, e válidas ainda para nós: proposição, prova, confirmação da prova, ornamentos, conclusão.

1) *Proposição* — exposição breve do que queremos provar;

2) *Prova* — breve relato do facto ou texto, que revela a verdade do que dizemos;

3) *Confirmação* — parte em que se usam os argumentos, também brevemente expostos;

4) *Ornamentos* — algumas frases breves, com figuras expressivas, para solidificar os argumentos;

5) *Conclusão* — curto resumo do pensamento, sintetizando as quatro partes anteriores.

Estas cinco partes não são totalmente necessárias. Mas sempre convém usá-las. Podemos dispensar os ornamentos e a conclusão, se a argumentação é forte. Às vêzes a ornamentação pode ser desagradável, devido ao assunto ao qual não se adequa.

Evitar uma argumentação defeituosa.

Evitar falsas afirmativas que podem ser desmentidas.

Evitar as generalizações, atribuindo a todos alguma ação, pois há diferenças entre os homens, e os ouvintes, consequentemente, considerarão fraca a argumentação.

Se alguém diz: "Todos os homens em iguais circunstâncias fariam o mesmo", está sujeito a um desmentido.

Não se deve, também, totalmente negar um facto que pode acontecer ou já aconteceu, embora raramente.

Cuidar de não esquecer uma possibilidade, que pode ser importante para servir de base a alguma argumentação contrária.

Evitar as falsidades.

São fracas as provas que não correspondem à proposição, isto é, quando se fundam no que se deve provar.

Nunca esquecer que uma prova bem feita solidifica uma argumentação.

Evitar definições falsas.

Evitar contradições.

Não prometer provar qualquer coisa e depois não provar.

Evitar disputas apenas sôbre palavras.

Evitar comparações defeituosas.

A PERORAÇÃO OU EPÍLOGO

Na peroração, depois da síntese dos argumentos, evitar os lugares-comuns.

A voz deve ser mais alta e mais exaltada, mais quente, e cheia de convicção.

E segundo o tema tratado no discurso, deve provocar a compaixão, se êsse é o nosso intuito, ou a revolta, etc.

Não deve ser longa, mas curta, expressiva, directa, e convicta.

* * *

REGRAS PRÁTICAS SÔBRE O DISCURSO

Oferecem os retóricos de todos os tempos uma série de regras práticas que passaremos a compendiar:

a) O exórdio pode ser construído com palavras nossas ou com palavras pronunciadas por um orador que nos precedeu, ou com a frase ou palavra pronunciada por um dos ouvintes, durante um aparte, ou durante um aplauso, etc.

b) Se pretendemos louvar alguém, iniciaremos mostrando o nosso dever em face da amizade, ou do respeito, ou da reverência, segundo o caso.

Se quisermos justificar nosso acto, basta dizermos poucas palavras sôbre a virtude que deve ser louvada, ou sôbre o gesto nobre que deve ser aplaudido, ou sôbre os grandes momentos que sempre devem ser lembrados, ou sôbre os grandes factos que devem ser conhecidos.

Exs.: "Num mundo como o de hoje, em que a amisade é cada vez mais rara, um verdadeiro amigo é quase uma exceção.

Se a amizade, em tôdas as épocas é digna de louvor, hoje, mais do que nunca deve ser louvada . . ."

"Todos os povos têm, no acervo de seus acontecimentos, alguns factos que nunca devem ser esquecidos da memória dos homens . . ."

"Se queres conhecer os amigos, cai no infortúnio", dizia Napoleão.

Nestes casos, uma frase famosa, aplicada ao tema, que orientará o discurso, é de grande efeito para o exórdio.

c) Se desejamos responder a acusações injustas ou a atos indignos, devemos iniciar expondo nosso direito à resposta.

Exs.: "Nada é mais indigno que uma ofensa infundada".

"Há crimes, que pela sua frieza e hediondez, espantam, estarrecem, apavoram".

"Repelir uma afronta é um dever que cabe a um homem de brio".

d) Se queremos elogiar uma pessoa que o merece, devemos iniciar mostrando que é justo elogiar as grandes obras, ou pessoas.

Certas atitudes do orador, aqui, soam bem. Por ex.: "Sei que minhas palavras, embora elogiosas, mas justas, não poderão alcançar a grandeza de quem me quero referir . . ."

"Os factos são mais eloquentes que as palavras e os elogios são muitas vêzes pálidos ante a grandeza da obra elogiada".

e) Se pretendemos falar de quem o auditório desconhece, convém fazer uma rápida descrição da pessoa, mas bem rápida, deixando para depois a análise dos factos realizados.

Exs.: "Quero vos falar de um homem, cuja dignidade é um exemplo para todos. Esse homem é . . ."

"Nada melhor fala do valor de um homem que os seus actos públicos. Fulano de Tal, que fez isto e isto . . ."

f) Ao louvar alguém, pode-se, desde início, mostrar-se embaraçado, o que é de bom efeito.

"São tantas e tantas as grandes obras de benemerência de F . . . . que não sabemos por onde começar para enumerá-las, pois nos vêm de roldão as imagens das suas realizações . . ."

g) Ao exórdio pode seguir-se a narração, se o tema o exigir, como nos casos anteriormente examinados, em que os factos devem corroborar as nossas afirmativas.

h) Se não cabe lugar à narração, a *divisão*, que deverá seguir-se, pode constar de um balanço expositivo do que é favorável e do que se apresenta de desfavorável. Só após essa exposição, é que entra a justificação ou confirmação.

i) Nos elogios a pessoas, podemos chamar a atenção para a família à qual pertence, mostrando-o como um digno continuador dos antepassados. Se é modesta, ao facto de ser o realizador das suas próprias qualidades, que se devem ao seu exclusivo esforço.

Se estudioso, ao esforço dispendido por noites a dentro no manuseio dos livros, o abandono aos prazeres fáceis, o intuito de elevar-se pelo conhecimento para ser útil aos seus concidadãos.

Tem boa saude, deve-a à vida disciplinada e honesta.

É doente, ao excesso de trabalho e às preocupações, etc.

Se perdoou, deve-se à magnanimidade de sua alma. Se castigou, à grandeza de sua justiça.

Estas normas devem ser honestamente empregadas, e não com o intuito de satisfazer interêsses mesquinhos.

Tôda pessoa realiza em sua vida actos dignos, a par de outros de valor inferior.

É preciso ter o máximo cuidado na análise dos factos antes de descrevê-los.

A ORDEM DOS ARGUMENTOS

Em o "Curso de Oratória e Retórica", ao expormos a dialéctica como arte de persuadir, oferecemos algumas regras práticas para uso do leitor na organização das razões que deve usar.

Apresentamos agora novas regras de grande utilidade.

É na parte do discurso, que se chama *disposição*, onde se alinham os argumentos que desejamos usar.

Na ordem do discurso, a disposição, em certos casos, e segundo certas circunstâncias, pode vir logo após o exórdio. E em alguns casos pode até precedê-lo.

Os exemplos ilustrarão as nossas afirmativas:

A narração rápida de um facto, sôbre o qual queremos argumentar, pode preceder ao exórdio, que passaria a sucedê-lo, com a idéia que lhe caberia. Se a narração é pouco plausível, convém antecedê-la com uma justificação.

Tais modificações são ditadas pelas circunstâncias, e cabe ao orador saber usá-las, sobretudo quando encontramos ambiente pouco favorável às nossas palavras.

Já vimos que o argumento mais forte deve ir para o final. Os mais fracos para o meio e podemos iniciar com um argumento mèdiamente forte, sem ser o mais forte.

De início, uma prova sólida provoca forte impressão. Sobrevêm as mais fracas, para serem, afinal, sucedidas por uma mais forte.

As intermédias ficam robustecidas pela ação da primeira e da última.

As mais fracas, as centrais, por sua vez, valorizam a primeira e sobretudo a última. Esta regra vale tanto para as provas como para os argumentos.

A sequência dos argumentos expostos deve ser acompanhada pelos gestos correspondentes, que estudamos em "Curso de Oratória e Retórica".

Esses gestos completam a simbolizam a ação, e estimulam, no ouvinte, uma predisposição simpática.

A voz, aqui, é de importância capital. Qualquer fraqueza pode contribuir para desmerecer a prova ou o argumento.

É preciso fazer-se os exercícios de entonação, sobretudo e da variação das inflexões, que nunca devem ser exageradas, mas inteligentemente dirigidas.

Se, no exórdio, não elevarmos demasiadamente a voz, o que se deve evitar para não cansar, quando fôr preciso usá-la mais alto, tê-la-emos fácil.

Os exercícios propostos em nosso trabalho anterior são de capital importância.

De vez em quando, durante o discurso, deve-se voltar ao tom da conversação, para descansar a voz, para poder usá-la firme e alta quando necessário.

Evite-se, durante a argumentação, qualquer excesso que possa criar um clima de ridículo, como falsetes, voz gritante, metálica.

Evitem-se as frases muito longas que cansam.

Começar calmo. Nunca dar tôda a voz possível no início. Só em rapidíssimos discursos, de dois ou três minutos, admite-se tal proceder. Primeiro, porque é desagradável ao início; segundo, porque cansa totalmente.

Há casos em que são admitidos, mas êsses são raros, e devem ser bem cuidados. Nada mais desagradável que ver um orador iniciar com "todo volume", como se diz popularmente, e depois cair num tom fraco, apagado de voz, esmaecido, destruindo, afinal, todo o bom efeito que poderia obter.

Vejamos algumas regras sôbre o tom de voz:

Energia — quando é necessário energia: erguer gravemente a voz;

Refutação — quando é para confirmação e para a refutação, erguê-la enèrgicamente;

Excitação — quando é para excitar os ouvintes à indignação ou a provocar compaixão, ampliar a voz ou baixá-la com doçura. Mas cuidado com o exagêro!

Gravidade — Nos momentos de gravidade, uma voz calma.

Descrição — Sôbre um facto, que aconteceu ou pode acontecer, um tom explicativo, ou descritivo.

Humorismo — Quando se quer fazer rir ou dar impressão de ridículo, um tom humorístico, bem dosado. Dizemos bem dosado, porque o auditório tem facilidade de rir quando se dizem graças, mas convém ter cuidado em dizê-las, pois se não provocarem riso, podem servir contra o orador, criando uma atmosfera de desagrado.

Cólera — Quando se quer provocar a cólera, usa-se o tom declamatório. Mas é preciso ser comedido. Os exageros podem levar ao ridículo, pois a exaltação desejada deve ser possível e já ter, nos ouvintes, um ponto real em que se funde e não apenas apoiada numa mera possibilidade, afim de evitar o malôgro.

Compaixão — Quando se quer levar à compaixão, o tom declamatório na descrição dos infortúnios é de grande efeito, obedecendo-se, porém, ao cuidado salientado na alínea anterior. Nestes últimos casos, o declamatório pode atingir ao patético, mas nunca alcançar o exagerado.

Seriedade — Quando se quer emprestar um tom sério à conversação, convém reduzir levemente o volume da voz, falar calmamente, empregar pausas constantes, para que se grave no espírito dos ouvintes o que pretendemos dizer.

Narrativo — Quando pretendemos narrar, convém entonações variadas, que pareçam imitar cada facto com se deu. Se é algo decisivo, enunciar ràpidamente e com decisão; se algo que se realizou à vontade, retardamos a voz.

Quando há motivos de tristeza, ou de alegria, ou de dúvida, nossa voz deve expressar tais estados.

Se quando falamos emprestamos palavras a outros, estas devem ser pronunciadas em tom diferente do empregado por nós.

Humor — Quando pretendemos dar certo humor às nossas palavras, convém, se queremos dizer algo em tom de brincadeira, tomar uma voz trêmula, com ligeira expressão de riso, mas sem traço de histrionismo, nem de loucura, passando do tom sério ao delicadamente brincalhão.

Elevação — Quando se pretende um tom elevado, ergue-se levemente o volume de voz, com inflexões variadas, segundo o tema tratado, deixando para o fim a elevação da voz, cujo volume deve crescer com a velocidade das palavras pronunciadas.

Excitação — Quando pretendemos excitar, o tom declamatório é o melhor, e emprega-se uma voz bem baixa, forte, sem metalismo algum, com a elocução cortada, por pausas, mas sempre em volume igual, com momentos de mudança frequente de entonação, e alguns de grande rapidez.

Patético — Se queremos alcançar ao patético, depois de excitar, reter a voz, dar uma entonação triste, pausas mais longas, mutações bem marcadas.

Um longo exercício de voz se impõe, e sobretudo uma grande autocrítica, evitando sempre o excesso ou o aspecto convencional das entonações.

É preciso corrigir-se e treinar bem o emprêgo dos diversos tons. Estas regras servem não só para o discurso em público, como numa conversação entre pessoas conhecidas, e, até, com certo cuidado, quando da conversa mais íntima com outra pessoa (reduzindo-se, nestes casos, o volume e a qualidade da voz).

O trecho de uma defesa de Rui, que ora reproduzimos, é um exemplo vivo das regras por nós expostas até aqui, e pode servir ao leitor para exercício das diversas tonalidades de voz, que acima estudámos:

"A mesma idéia, a idéia da igualdade e de responsabilidade universal, a mesma idéia que me pairava sôbre o espírito, ao começar desta defesa, levanta-se outra vez diante de mim, ao terminá-la. Sòmente, a princípio, ela crescia em tôrno de nós, sob as proporções de um grande espetáculo humano, e agora sinto penetrar-me sob a influência de um prestígio divino. Há hoje, à mesa, em que vos sentais uma cadeira vazia; dessa cadeira ergue-se uma sombra, que se estende sôbre todo o tribunal. Será um vivo? Será um morto? Tão rápida é a transição, e tão recente a ausência, que muitas vêzes, no curso dêste debate, não resistireis à ilusão da sua presença, da sua fisionomia, da sua toga, da sua voz, do seu olhar, com que fito agora mesmo em mim, no momento em que vos falo. Ao encetar desta campanha pelos oprimidos, pelos aflitos, êle estava entre vós, no meio dela. À vespera da conjuntura decisiva, uma intervenção imprevista arrebata-o ao areópago da justiça.

Ela continua a ser a justiça, como o oceano a ser o oceano, emquanto as ondas perpètuamente correm sôbre as ondas, como as existências sôbre as existências. Mas essa desaparição subitânea de um julgador dentre os julgadores, na hora do julgamento, nos embebe dos sentimentos da igualdade pelo sentimento da morte, mostrando-nos a rapidez, com que, por obra de um minuto no infinito do tempo, os juízes, da majestade do pretório, onde julgavam, são transportados ao seio da obscura multidão inumerável, que aguarda a sua sentença no último plenário, à barra do supremo tribunal, o verdadeiro, aquele que não erra. Vosso nome é um nome de empréstimo, um reflexo

dessa magistratura invisível, cujo primeiro elo os crentes puseram no céu, os estóicos na consciência, o instinto humano na opinião dos sobreviventes sôbre os mortos, dos governados sôbre os governantes, dos sentenciados sôbre os sentenciadores. Instância passageira na hierarquia desta função soberana, que em vós tem o seu órgão por excelência na terra, julgais hoje sem recursos, para amanhã serdes julgados sem indulgência. E agora, que exerceis essa autoridade envolvida em luto, estais mais perto que nunca da sua expressão mais sublime.

Eu não conheço duas grandezas tão vizinhas pela sua altitude, tão semelhantes pelas suas lições, tão paralelas na sua eternidade, como estas: a justiça e a morte. Ambas tristes e necessárias, ambas amargas e salvadoras, ambas suaves e terríveis, são como dois cimos de névoa e de luz, que se contemplam nas alturas imaculadas do horizonte. Em vão se agitará derredor dessas duas fatalidades inevitáveis tudo o que é mesquinho e efêmero no homem e na aglomeração social: as misérias da baixeza, da ambição e da crueldade, os apetites dos partidos, os cálculos, as irresponsabilidades e os triunfos dos déspotas, as fraquezas, os interêsses e as traições dos intérpretes da lei, sacerdotes infiéis do seu culto, que a renegaram nas crises de provação. Quando muito, lucraram adiar a hora da conta para a hora do desaparecimento, entrar para a expiação pela porta da posteridade. Mas uma incerteza indefinível envolve a região destas probabilidades; e o tirano, que oprime, não sabe a quantos passos está da terra, que sepulta; o demagogo que pede a iniquidade não mede quantas inhalações do ar, que êle empesta, o separam da corrupção, que há de decompô-lo; o juiz, que deixa cair na urna inapelável uma esfera ímpia não presente quantas palpitações do coração o distanciam da reparação infalível. Muitos duvidarão de que essa justiça se consume numa vida futura; mas, ao menos, ela há-de vir necessàriamente nesta, e as testemunhas das suas decisões irreformáveis têm de ser os restos mais sensíveis da nossa alma, as partes mais vivas da nossa vida, nossos filhos, nossas viuvas, nossas famílias, os que usarem o nosso nome e perpetuarem o nosso sangue.

Neste momento, podeis crer, estamos todos nós numa cumiada eminente da história, e trabalhando para o porvir. Vossa palavra será recolhida no regaço do tempo como um oráculo de liberdade ou como uma ruína.

A política com as suas transações, os seus sofismas, os seus espantalhos dissipar-se-á como a cerração dos maus dias. Mas o vosso aresto perdurará, fonte de energia ou de cativeiro para muitas gerações, e as suas queixas, ou as suas bênçãos coroarão a vossa descendência."

* * *

DOS GESTOS E DAS ATITUDES

Importante ao orador é o cuidado dos gestos, das atitudes físicas e da expressão, que devem, em sua exteriorização, ser condizentes com as palavras.

Um gesto precisa ser plausível às palavras, adequado a elas, mas com tal sóbria adequação que todo exagêro é perigoso.

É preferível *menos* do que *mais*. Em suma: que diga menos do que expresse em demasia. Desta forma se evita o exagêro e, consequentemente, o ridículo.

A oratória moderna tem de ser sóbria nos gestos. A oratória dos gregos e dos romanos caracterizava-se por gestos demasiadamente expressivos, mas tais povos não sentiam o ridículo que em nós êles podem provocar.

Em nosso "Curso de Oratória e Retórica", estudámos os gestos e, aqui, vamos apenas acrescentar algumas regras não examinadas naquela obra.

São importantes estas normas quanto à colocação do corpo:

1) *Se o tom é sério* — deve o orador permanecer em seu lugar, corpo direito, com leve movimento da mão direita.

   O rosto deve expressar alegria ou tristeza ou um sentimento grave, sem exagêro, apenas levemente esboçado. Um espêlho muito nos facilitará para marcar o limite exacto da expressão.

A tristeza pode ser expressa, deixando cair um pouco a comissura dos lábios, e a face. Nada de exagêro, senão surge uma expressão de choro.

Na alegria, elevam-se as linhas. Os músculos zigomáticos da face devem erguer um pouco a comissura dos lábios.

Nos sentimentos intermédios uma quase passividade do rosto é suficiente.

2) *Se o tom é explicativo*, neste caso, pende-se um pouco a cabeça para a frente. Na verdade, sempre que queremos explicar alguma coisa a quem nos ouve, fazemos êste movimento.

3) *Se o tom é narrativo* as mesmas posturas do tom sério são convenientes.

4) *Se o tom é chocarreiro*, e quer expressar alegria, certo humor, uma expressão de alegria, sem mudança dos gestos.

5) *Se o tom é de excitação*, impõe-se empregar um gesto um pouco excitado, não exagerado.

6) *Se o tom é patético*, pode-se erguer uma ou outra das mãos em garra, ou os dedos recurvos, até à altura próxima da cabeça ou do peito, conforme os casos. A expressão do rosto deve ser triste ou decomposta levemente, como a de quem. *Mas apenas sugerir*, eis aqui a regra de ouro.

Apenas sugerir e não imitar, regra por nós tantas vêzes acentuada, cuja obediência é imprescindível.

Fazer bastantes exercícios, e observar-se. Todos êsses gestos devem indicar sinceridade da parte do orador do contrário são ineficientes.

Nos primeiros exercícios, para muitos, tal domínio pode parecer inalcançável.

Mas aqui, como em muitos outros casos, é necessário persistência confiança em si, e grande dose de auto-crítica.

O ESTILO NO DISCURSO

Em nosso "Curso de Oratória e Retórica", tivemos ocasião de estudar os três tipos de estilo que os retóricos classificam: o *sublime*, o *temperado* e o *simples*.

Nessa ocasião, apresentámos muitas regras úteis, que pretendemos ampliar com outras.

O estilo *sublime* exige o emprego de expressões nobres, em frases cheias de harmonia e brilho, enquanto o *temperado* emprega palavras simples que não levem ao vulgar, ao chão, e o estilo *simples* tende a cair na linguagem familiar, quotidiana.

Assim como para uma oração fúnebre não cabe o estilo simples, e sim o sublime, numa exposição de razões não cabe o estilo sublime, e sim o simples.

Se o estilo *sublime* exige o emprego de figuras de ornamento, já estudadas, o *simples* exige o emprego da frase quotidiana, sem cair, naturalmente, no gênero vulgaríssimo, da linguagem do homem ignorante.

Para exaltar, para alcançar o patético, é o estilo sublime o mais adequado.

Os exemplos tornarão bem claras as regras que desejamos oferecer.

HINO À LIBERDADE

Liberdade! entre tantos, que te trazem na boca sem te sentirem no coração, eu posso dar testemunho da tua identidade, definir a expressão do teu nome, vingar a pureza do teu

evangelho; porque, no fundo da minha consciência eu te vejo incessantemente como estrêla no fundo obscuro do espaço.

Nunca te desconheci, nem te trairei nunca; porque a natureza impregnou dos teus elementos a substância do meu ser.

Teu instinto derivou para êle das origens tenebrosas da vida no temperamento inflexível de meu pai; entre as mais belas tradições da tua austeridade oscilou o meu berço; minha juventude embebeu-se na corrente mais cristalina da tua verdade; a pena das minhas lides aparou-se no fio penetrante do teu amor, e nunca se imbuiu num sofisma, ou se dissimulou num subterfúgio, para advogar uma causa, que te não honrasse.

De posto em posto, a minha ascenção na vida pública se graduou invariàvelmente pela das tuas conquistas; as vicissitudes da minha carreira acompanharam o diagrama das alternativas do teu curso; contra os dois partidos, que dividiam o Império, lutei pela tua realidade sempre desmentida; renunciei por ti, as galas do poder, suspiradas por tantos, com que êle me ascenou; sòzinho, sem chefes, nem soldados, tive por ti a fé, que transpõe montanhas; ousei pôr na funda de jornalista pequenino a pedra, de que zombaram os gigantes; aos ouvidos do velho rei, sacrificado pela família, pela côrte, pelas facções, vibrei nos teus acentos o segredo da sua salvação e a profecia da sua ruína; na República, saudei a esperança do teu reinado; quando a República principiou a desgarrar do teu rumo, enchi do teu clamor a imprensa, o parlamento, os tribunais; e, porque eu quisera fundar assim uma escola, onde te sentasses, para ensinar aos nossos compatriotas o exercício viril do direito, ouvi ressoarem-me no encalço, convertidos em grita de perseguição, os cantos heróicos de civismo extraídos outrora do bronze da tua égide pelos que combatiam a Monarquia à sombra da tua bandeira.

Emquanto a fascinação do teu prestígio podia ser útil a uma deslocação do poder, tua áurea lenda foi o estribilho dos entusiastas, dos ambiciosos e dos iludidos. Mas assim que a vitória obtida sob a tua invocação entrou a ver na tua severidade o limite aos seus caprichos, um culto novo, armado de anátemas

contra os espíritos incorruptíveis no teu serviço, começou a te contrapôr as imagens da República e da pátria, dantes associados à tua, e dela inseparáveis. Eu não podia aceitar o paradoxo e o artifício dessa substituição; porque tu és o centro do sistema, donde ambas essas idéias alongam as órbitas, e, no dia em que te apagasses, ou desaparecesses do universo moral, a que presides, incalculáveis perturbações transtornariam a ordem das esferas políticas, abismando a pátria e a República no eclipse de uma noite indefinida.

Dos que deveras te amam, e entendem, nem a República, nem a pátria podem receber detrimento; porque tu és para uma e para outra a maior das necessidades, o primeiro dos bens, a mais segura das garantias.

Só entre os que te não trocam por outros interêsses, a pátria encontrará um dia os capazes de reerguê-la; e, se a República animar a expansão da tua seiva, deixando frondescer ao largo a piedade das tuas ramas, as últimas sementes do outro regime mirrarão e morrerão à sombra da tua indiferença.

A democracia, que te nega, ou te cerceia, engoda os povos com o chamariz de uma soberania falsa, cujo destino acaba sempre às mãos das facções, ou dos aventureiros, que a exploram.

Senhoras de si mesmas, na acepção verdadeira da palavra, são ùnicamente as nações, que te praticam sem óbices, nem reservas; pois só onde a unidade humana fôr livre, a coletividade humana pode ser consciente.

Os que falam nas tuas demasias, esquecem que não te poderás desregrar, senão quando fores impura, ou não sejas completa, e, onde te observarem por igual no desenvolvimento simultâneo de todos, não há meio de contrariares o de ninguém.

Aí está por que eu te advoguei para a consciência e para a palavra, para o ensino e para o culto, para a imprensa e para o "meeting", para a opinião e para o voto, e, depois de ter lidado com os que te deram ao negro, entendendo que os emancipadores necessitavam de ser emancipados, expus-me à revolução, quando nos negaram a reforma, certo de que as instituições,

em que te encarnamos, inaugurariam entre nós uma era de sinceridade. É tempo de vires animá-las, ó liberdade tantas vêzes abandonada pelas criaturas da tua propaganda, pelos pequeninos, que fizeste magnatas, pelos desválidos, que elevaste a onipotentes.

Teu nome é como o do povo: vencedor sempre na batalha, preterido quase sempre nos despojos. Na hora das grandes reivindicações triunfa irresistível a harmonia das tuas promessas, como o "poean" grego, o hino da vitória infalível. Mas não raro os teus apóstolos assumem no outro dia a tua tutela, e os crimes contra ti concebidos passam a se perpetrar em teu nome. A ordem, a autoridade, a razão de Estado entram desde logo a habitar a bôca de teus antigos confessores, como se a razão de Estado não fôsse a velha meretriz do despotismo, e a autoridade, ou a ordem, pudesse ter bases mais estáveis que a observância estricta dos teus mandamentos. Os tons podem variar, mas a gama é a mesma; autoridade, ordem, patriotismo, povo, democracia, república, liberdade, tudo são modulação do mesmo motivo, o poder: poder em aspiração, poder em gôzo, ou poder em saudade.

Mas tu não és a escada para o poder: és, nas sociedades adiantadas, o elemento sagrado, que o limita. Não te chamas dominação: chamas-te igualdade, tolerância, justiça. Não te entregas em monopólio a um predestinado, a uma religião, a uma parcialidade, a um sistema; existe uniformemente para todos, eliminadora do mal, fonte igual de luz, calor e prosperidade para o bem.

Só te compreendem os que te não recusam aos seus adversários; porque tu és a discussão, a luta das inteligências, o combate das idéias.

Nenhuma opinião, nenhuma política, nenhuma invenção humana é privilegiada contra ti: sôbre tôdas entornas imparcialmente os teus raios, a cujo clarão o êrro se descobre, e prevalece a verdade. Teu influxo decompõe as criações efêmeras, e cristaliza as divinas.

Muitos séculos te rejeitaram em nome da fé religiosa, até que acima de todos os dogmas a humanidade pusesse o teu dogma,

não como a negação de Deus, mas como a sua confissão mais sublime.

Tremendos sofrimentos atravessou o homem, primeiro que te enxergasse nesta evidência, percebendo a impotência dos cultos fabricados na terra, para concorrer com o que encerrasse a expressão da eternidade. Destronizada, porém, a intolerância religiosa, querem agora desmentir-te, assentando no mesmo sólio a intolerância civil. Os que adquiriram o direito de afirmar que Deus é o mal, perderam o de dizer que a República não presta. Mas é preciso não ter colhido os rudimentos da tua experiência, para não saber que o regime, cujo princípio não se discute, é um regime pela sua própria desconfiança condenado à antipatia, ao descredito e à morte.

Uma Constituição indiscutível é, perante a lição da tua experiência, uma Constituição caduca, gerada na decrepidez, condenada de nascença à senilidade. Só por ti se discriminam autenticamente os regimes. Tua presença faz as repúblicas, dando-lhes o govêrno da opinião, fórmula necessária da realidade republicana. Tua ausência as infama, as desmacara, as arruína, insurgindo contra elas as tuas fôrças, as maiores que a nossa natureza conhece, as que revolvem até o fundo a alma humana, as que levantam, ao grito da consciência, as pedras das calçadas, as que fazem pairar sôbre as revoluções o espírito de Deus.

Ai dos que põem as mãos na tua arca, ó liberdade que ergues as nações, e abates os impérios! As democracias, que atentam contra a tua majestade, perecerão na tirania dos Césares, ou na anarquia das ruas.

Onde tu decais, ou te somem, não tarda em te seguir na desestima e na extinção o govêrno do povo pelo povo. Tôda maioria, que te comprime nos indivíduos, ou nas minorias, pronuncia a condenação de si mesma; porque o princípio das maiorias é um princípio de evolução e rotação, em que alternativamente as maiorias se decompõem em minorias, e as minorias se dilatam em maiorias. É graças a essa actividade contínua das tuas correntes na formação da vontade popular que as

democracias se depuram, esclarecem e legitimam. Porque nada seria menos tolerável à dignidade humana, mais contrário à natureza moral da autoridade e da obediência do que a supremacia do número, se tu não suscitasses as vocações, para o iluminarem, as virtudes, para o converterem, as capacidades, para o reprimirem.

Em lhe faltando essa abóbada estrelada, onde rutilam as superioridades, êsses confins, que limitam a fôrça, êsse paradeiro, de onde os instintos refluem, coibidos pela razão, a sorte dos Estados entraria na zona das catástrofes, onde, extintos os teus signos e os teus faróis, rola a vaga negra da loucura coletiva, sucedendo ao povo, com a sua inteligência, a sua generosidade e a sua grandeza, "a calamidade terrível" do trágico grego, a tirania das multidões.

Quando ela espuma convulsiva nas praças de uma cidade, imagina ter empunhado o cetro de um país; e os que não têm crenças, ou gastaram o carácter no atrito dos interêsses, desertam espavoridos à tua milícia, para agregar o falsete da sua pusilanimidade aos bramidos da catástrofe desencadeada. Ela passará, como todos os fenômenos da desordem.

As procelas, as trombas, os ciclones devastam, mas não duram.

O que não passa é o oceano das verdades eternas, indiferente ao rugir das paixões contemporâneas, e por sôbre êle a imensidade sidérea das almas, que és tu, ó liberdade.

Com a fronte banhada na claridade que derramas sôbre o curso dos tempos, o historiador, que se debruçar para a crônica das misérias do passado, terá muitas vêzes repugnância em memorar entre os mais desnobres especimens da degenerescência no homem civilizado os panegíricos da demagogia aos crimes cometidos contra ti pelo delírio anônimo das ruas.

Querem santificá-los essas desprezíveis apologias, indo buscar-lhes a origem na indignação, que inspira ações grandes, ou no entusiasmo, que move os heróis, e transfigura divinamente os povos.

Por essas vociferações passa a miúde a tua evocação profanada. De quando em quando na eloquência dessas cumplicidades se estorce, glorificada com as tuas palmas, a alucinação rubra de uma espécie de Káli indiana. Mas tu não és a musa do sangue, ó liberdade; tu és o gênio da paz.

A abafadiça magnificência das civilizações sem ideal não te entreviu.

Nasceste, quando a inteligência principiou a devassar o infinito, no espírito dos que resgatavam com o ostracismo, ou a cicuta, o amor da verdade e a independência da razão contra o Estado. Na Helênia se deu um dia a medida do teu valor, quando os embaixadores de Atenas, quatro séculos antes de Cristo, afirmavam a Esparta que os atenienses não negociariam a liberdade, para salvar o território. Mas uma organização que dividia os homens, perante o direito, em gregos e bárbaros, em cidadãos e ilotos, não podia resolver a tua incógnita. Foi a cruz do Nazareno que decifrou o teu mistério, levantando-te num pedestal, que as maiores revoluções não combaliram, nem hão-de combalir. Quando a justiça de Cesar e a justiça do povo supliciaram, entre dois malfeitores, a divindade, que as nações civilizadas adoram há mil e novecentos anos, o homem viu que o arbítrio de matar e a autoridade de oprimir acabam lògicamente no deicídio. Desde êsse exemplo tremendo todo aquele que te maltratar, perseguindo uma opinião, ou derramando o sangue, a um semeador de idéias, comete debaixo do céu o sumo sacrilégio. O homem, que é o êrro em procura da verdade, não pode traçar a divisória entre a verdade e o êrro; e por isso, em todo pensador, em todo apóstolo, em todo reformador, em todo heteródoxo há alguma coisa, que os poderes da terra não têm meios de saber se é humana, ou divina. A maior vítima das maiorias políticas foi o Deus crucificado. E aqui está porque a imagem da sua paixão é a tua própria imagem. Entre os braços daquele patíbulo, tu e a verdade sofrestes juntamente, e com a verdade resurgistes dos mortos. Porque tu não és a verdade; mas ,se a verdade pode entrever-se da terra, é pelos horizontes que tu nos abres.

Bem merecias que a república, no Brasil, te estremecesse, ó liberdade. Ela emanou de ti, da tua aspiração, do teu programa, dos sacrifícios de teus amigos. Ela nunca se teria afirmado, se não se anunciasse como a tua portadora. Os povos não distinguem as instituições, a não ser pela tua presença, ou a tua falta; e nisto é bom o senso que se exprime pelo instinto dos povos. A experiência dos agitadores não tarda em mostrar às nações o carácter odioso dos ídolos, com que o frenesí demagógico te intenta suprir. As nações vivem de tranquilidade e segurança, de crédito e trabalho, de inteligência e probidade; e nem um só dêsses benefícios resiste à vasa dos sentimentos, em que transborda o regime da ameaça, da intolerância e da sedição. O motim não é a democracia; a celeuma não é o parlamento; a rua não é o país; o incêndio não é a razão; o crime não é o direito; o assassínio não é a justiça; a anarquia não és tu, ó liberdade.

Teus heróis não são os gigantes da carniça, os clássicos da perseguição, os semi-deuses do terror; são os bons, os mansos, os justos, os mártires da infalibilidade política no trono, na plebe, nas seitas ferozes, os homens limpos de sangue alheio, que venceram pregando, escrevendo, edificando, salvando, e morrendo, os que, abraçados contigo, semearam a religião, lavraram o direito, e estabeleceram a moral política, êsse composto de moderação, experiência e senso comum.

O primeiro dêsses santos, o arquétipo dêles, expirou no Gólgota; e do horror à violência, envolvido no qual o madeiro sublime alonga através da história a imensidade melancólica da sua sombra, cada era, cada geração, cada povo exprime o sentimento sempre vivo na santificação dos que êles viram agonizar por ti, ó liberdade, em cuja descendência de mártires não é o último, ó Tiradentes.

Da fôrca, onde padeceste a morte infamante reservada aos malfeitores, baixou à tua pátria o sonho republicano, que outras gerações tinham de ver consumado. Teu suplício é um dos crimes da perseguição, històricamente fatais aos perseguidores. A posteridade enflorou o teu cadafalso em altar; porque o

vilipêndio da expiação, que te imolou, fêz, da tua memória divinizada a padroeira nacional do direito.

Supliciado por uma idéia, deixaste de emblemar a figura especial dela, para te converteres em símbolo universal da inviolabilidade da opinião humana. Morto pela república, ó Tiradentes, és a lição imortal, dada à república, da aversão ao sangue e à intolerância; és, perante a república, o advogado geral contra a vingança e a opressão. Vítima de um terror, passaste à posteridade como a condenação de todos os terrores. Tua história não afina com os cantos da guerra cruenta, mas com as imaculadas aspirações da liberdade, que floresce na paz. Se se erigisse um templo à justiça, onde os tribunais se abrigassem da política, na frontaria dêsse templo, ó Tiradentes, seria o lugar para o teu nome.

Pregar com êle a fôrça é apostolar com o do Cristo a fogueira.

Na fisionomia das tuas imagens, mais fieis à verdade do teu destino do que o gesto político da tua efígie militante, da sua contrafeição moderna, a intuição da arte pôs, com um toque de ideal, o sêlo da firmeza na bondade, a vaga sombra de uma tristeza semelhante à do filho de Maria: a tristeza profética dos precursores, presentimento das profanações da sua vitória e do seu nome entre as longas vicissitudes do futuro.

Se lograsses renascer, ó Tiradentes, não seria para te reveres nos furores republicanos, mas para lhes dizeres que não te deste à morte, por legar à república o baraço das Ordenações do Reino que na revolução por ti servida só havia ódio aos algozes? que não terias tramado, se pudessas imprimir? que os que destroem prelos, espargem conspirações? que o extermínio das opiniões é o suicídio dos regimens? que o culto dos mártires só não tolera a intolerância? que o próprio êrro é inviolável no seu direito de se enunciar pacìficamente, porquanto o juiz infalível não se acha entre nós, e êsse ensinou aos homens a liberdade pela mais alta das lições, dotando-os, na palavra que lhes deu, com a faculdade de negá-lo.

Por isso, ó Tiradentes, quando se pensasse deveras em consolidar a república, e para êsse efeito criasse o meu partido, o único em que eu devotadamente serviria a um govêrno, o partido da resistência à política agitadora, o patido da luta pelo direito, o partido da regeneração pela democracia na lei, o partido da paz na tolerância, um partido que não mate, não proscreva, não odeie, o partido da liberdade conservadora, poderíamos, ó Tiradentes, eleger-te nosso patrono, e o teu santuário não seria defendido por baionetas, mas pela amplidão hospitaleira das tuas portas abertas à garantia de tôdas as opiniões.

(*Conferência, no Politeama Bahiano, em 26 de maio de 1897*).

Temos, neste discurso de Rui, um exemplo do estilo sublime.

* * *

O estilo temperado leva-nos a baixar um pouco o tom, evitar apóstrofes, exclamações. É um estilo calmo, sereno, tranquilo, seguro. Deve sempre dar a impressão da segurança, de quem fala com a máxima firmeza.

Vamos a um exemplo esclarecedor; como é êste discurso de Sócrates em sua defesa.

"Eis, portanto, atenienses, que falta um pouco de paciência de vossa parte; e aqueles que quiserem descrever vossa cidade, vão acusar-vos, difamar-vos como tendo morto Sócrates, famoso por sua ciência. Porque êles dirão que eu era sábio, embora eu não o seja, pelo prazer de vos difamar. Contudo, não tendes nada a esperar; o curso natural das coisas tem vos dado satisfação. Vêdes minha idade, sou avançado na vida, aproximo-me do fim. E o que digo o dirijo a vós, mas sòmente àqueles que me condenaram à morte.

E tenho ainda outra coisa a dizer-vos. Pensais, por acaso, atenienses, que fui condenado por falta de hábeis discursos, daqueles que vos persuadiriam, se eu acreditasse fôsse necessário tudo dizer e tudo fazer para escapar à vossa sentença. Nada de menos exato.

O que me faltou para ser absolvido, não foram os discursos, foi a audácia e a insolência, foi a vontade de não vos fazer ouvir o que teria sido mais agradável. Sócrates chorando, gemendo, fazendo e dizendo coisas que julgo indignas de mim, em uma palavra, tudo quanto estais habituados a ouvir de outros acusados.

Não, não poderia admitir, em nenhum momento, que, para escapar a uma desgraça, tenha direito de fazer um acto covarde, e não me arrependo agora de ter assim me defendido.

Ah! como prefiro morrer após uma tal defesa do que viver a tal preço!

Nenhum homem, nem eu, nem ninguém, quer perante um tribunal, quer na guerra, deve procurar fugir à morte por qualquer meio. Frequentemente, nos combates, é claro que temos mais oportunidade de viver, depondo as armas e pedindo clemência ao inimigo que nos domina. E até, em todos os outros momentos de perigos, há muitos meios de escapar à morte, se nos dispomos a tudo fazer e a tudo dizer. Sòmente, prestai atenção a isto, juízes: que o difícil não é evitar a morte, mas, sim, evitar o proceder mal. O mal, vêdes, corre atrás de nós mais rápido do que a morte.

O que quer dizer que eu, que sou velho, e ando lentamente, deixei-me apanhar pelo mais lento dos dois corredores, enquanto meus acusadores, vigorosos e ágeis, foram pelo mais rápido, que é o mal.

Assim, agora, sairemos daqui, eu, julgado por vós digno da morte, êles, julgados pela verdade, culpados de impostura e injustiça.

Pois bem, estimo a minha posição como êles estimam a dêles.

Sem dúvida, é preciso que assim seja, e penso que as coisas são o que elas devem ser.

Quanto ao futuro, desejo fazer uma predição, a vós que me haveis condenado. Porque, eis-me aqui naquela hora da vida, na qual os homens falam melhor, um pouco antes de expirar.

Anuncio, então, a vós, juízes, que me fazeis morrer, que vós fazeis sofrer no momento que deixarei de viver, um castigo bem mais duro, por Zeus, do que aquele que me haveis infligido.

Condenando-me, acreditais libertar-vos da inquirição exercida em vossas vidas; pois será o contrário que irá acontecer, eu vos afirmo.

Vereis aumentar o número dos inquiridores que eu reprimia, sem que o percebais. Inquiridores, tanto mais importunos, porque são mais jovens. E êles vos irritarão por mais tempo. Porque, se pensais que matando as pessoas, impedireis que vos repreendam de viver no mal, enganai-vos. Esta maneira de desembaraçar-se dos censores, ouví, não é muito eficaz, nem honrosa. Uma só é honrosa e, além disso, muito fácil: consiste, não em fazer silenciar os outros, mas tornar-se verdadeiramente homem de bem.

Eis o que tinha a predizer àqueles que me condenaram. Ditas estas palavras despeço-me dêles.

Quanto a vós que me absolvestes, terei prazer em conversar convosco sobre o que se passou, durante o tempo em que os magistrados estão ocupados, e não me conduzirão ainda para onde devo morrer. Ficais, então, alguns instantes ainda perto de mim. Nada nos impedirá de conversar tanto quanto seja possível. Desejava expor-vos, como também aos amigos, como interpreto o que me aconteceu hoje.

Sabeis, então, juízes — porque este título, que vos dou, o mereceis e a ele tendes direito — uma coisa maravilhosa me aconteceu.

Durante tôda a minha vida, a voz divina jamais cessou de se fazer ouvir, até nas coisas de mínima importância para me

reter, se estivesse para fazer alguma coisa de mal. Ora, hoje, aconteceu, como tivestes ocasião de ver, uma coisa que se poderá considerar como o maior dos males. Pois bem, nem esta manhã quando saí de casa, a voz divina não me deteve, nem quando subí ao tribunal, nem quando fazia meu discurso, advertiu-me o que deveria dizer. E, entretanto, em muitas outras circunstâncias, ela me detinha no melhor momento de meu propósito. Mas, hoje, ao contrário, no decorrer do debate, não impediu nenhum de meus actos ou de minhas palavras. A que motivo devo atribuir sua abstenção? Vou dizer-vos. Sem dúvida, o que me aconteceu foi um bem para mim, e certamente que nos enganamos, quando julgamos que a morte é um mal. Sim, isto é para mim uma prova decisiva. Não é admissível que meu sinal costumeiro não tenha me advertido, se o que tivesse feito não fôra bom.

Há razões para se esperar que a morte seja um bem! Porque, de duas coisas, uma: ou aquele que morre, fica reduzido ao nada, e, nesse caso, não tem consciência de nada; ou então, conforme o que se diz, a morte é uma mudança, uma passagem de um estado a outro, uma transmigração da alma de um lugar para outro. Se a morte é a extinção de todo sentimento e assemelha-se a um sono sem sonhos, é uma maravilha a morte!

Se efetivamente, considerássemos uma dessas noites em que se dorme profundamente, sem ter um sonho sequer para compará-la às outras noites e dias da vida, para decidirmos se tivemos dias e noites melhores e mais agradáveis do que aquela noite, imagino que todo homem — e não me refiro sòmente aos homens em particular — mas até o grande Rei em pessoa, achá-los-ia bem pouco numerosos em relação aos outros.

Portanto se a morte é um sono dessa espécie, considero-a um grande benefício, pois que em todos os tempos nos aparece como uma noite única.

De outra maneira, se a morte é como uma viagem desse lugar a outro, se é verdadeiro, como se costuma dizer, onde se reunem todos os mortos, que podemos imaginar de melhor?

Pergunto-vos, juízes, admitis que chegando ao *Hadjs*, desembaraçados dessas pessoas que se dizem juízes, devemos encontrar os verdadeiros juízes, aqueles que, dizem, praticaram a verdadeira justiça, Minos, Radamanto, Eaque, Triptolemo, com aqueles semi-deuses que foram justos quando viveram; pensais que a viagem não valerá a pena? Quanto a mim, desejaria morrer muitas vezes, se isso é verdadeiro. Que maravilhoso passatempo, para mim particularmente, conversar lá com Palamedo, com Ajax, filho de Telamon, ou com outro heroi do tempo passado, que morreram vítimas de um julgamento injusto!

Acharia uma certa satisfação em comparar minha sorte com a deles.

Gostaria sobretudo de passar meus dias a examinar e discutir e a interrogar como fazia aquí, para ver entre eles, quais os sábios e quais os que se julgavam ser, mas não o eram.

Quanto não se dará, juízes, para ver assim aquele que conduziu contra Tróia o grande exército, ou ainda Ulisses, ou Sisifo, e tantos outros, homens e mulheres, que se poderiam citar?

Conversar com eles, viver na companhia deles, examiná-los, seria um prazer indefinível! Em todo caso, no *Hadjs*, temos certeza de não ser condenados à morte por isso, e apenas não se é, de qualquer maneira, mais feliz do que aquí, como ainda se é imortal, se o que dizem é verdadeiro.

Esta confiança em face da morte, juízes, deveis tê-la como eu, se tiverdes consciência desta verdade, que não há mal possível para o homem de bem, nem nesta vida, nem na outra, e que os deuses não são indiferentes à sua sorte. A minha não é fruto do acaso; longe disso: vejo claramente que seria melhor para mim morrer agora, do que ser libertado de tôda pena.

Eis porque minha voz interior não me deteve em nenhum momento, e eu não desejo abafar a voz daqueles que me condenaram e de meus acusadores.

Na verdade condenando-me acusando-me, eles não pensavam como eu; acreditavam estar prejudicando-me, o que merece reprovação.

Tenho uma coisa a vos pedir: quando meus filhos crescerem, atenienses, castigai-os, atormentando-os como eu vos atormentei, se eles procurarem a riqueza ou qualquer outra coisa mais do que a virtude.

Se eles atribuírem a si mesmos um valor maior do que são, corrigí-os, como eu vos corrijo, repreendei-os de se descuidarem de seu dever e de acreditarem ter um valor, se eles não o tiverem.

Se fizerdes isso, sereis justos para comigo e para com meus fllhos.

Mas, eis que chegou a hora de partir, eu para morrer, vós para viver. Qual de nós tem a melhor sorte? Ninguém o sabe, sòmente Deus".

* * *

São de Rui Barbosa estas palavras, em estilo temperado:

"Retórica ou eloquência? Eloquência é o privilégio divino da palavra na sua expressão mais fina, mais natural, mais bela. É a evidência alada, a inspiração resplandescente, a convicção electrizada, a verdade em erupção, em cachoeira, ou em oceano, com as transparências da onda, as surprezas do vento, os reflexos do céu e os descortinos do horizonte.

Como o espírito do Senhor se librava sobre as águas, a sensação da iminência de um poder invisível paira sobre a tribuna ocupada por um verdadeiro orador. Abriu êle a boca! Já ninguém se engana com a corrente do fluido imponderável e maravilhoso, que se apodera das almas. É a espontaneidade, a sinceridade, a liberdade em ação.

Daí à retórica vai uma distância incomensurável. A retórica é o esforço de arte por suprir a eloquência nos que não a têm,

a sua singeleza, a sua abundância, a sua luminosidade, a sua energia triunfal.

Todos os grandes oradores se viram chamar retóricos pelos rivais impotentes da sua superioridade. De Atenas à Grã-Bretanha, de Roma à França, à Itália, à Hungria, à Alemanha, a eloquência tem vibrado e dardejado nos lábios dos maiores homens de governo, os construtores de nacionalidades, os unificadores de impérios, os salvadores de constituições, os condutores de repúblicas e democracias, sem lhes desmerecer jamais a eles a valia de estadistas.

Péricles, Cavour, Mirabeau, Pitt, Gladstone, Cícero, Lincoln, Bismarck, Daek, Thiers, Gambetta, que foram todos esses titães do pensamento e da ação militante senão prodigiosas encarnações da palavra ao serviço do gênio político? Vede a livre Grécia, a Inglaterra livre, a livre América do Norte, a França livre: outras, tantas criações, antigas ou modernas, da tribuna. Sob essa potência eterna se fez a mãe das artes, a mãe dos parlamentos, a mãe das atuais democracias, a mãe das maiores reivindicações liberais. Na idade hodierna, todas as grandes expansões do direito, todos os grandes movimentos populares, todas as grandes transformações internacionais são maravilhas da sua influência universal.

O próprio Brasil, o Brasil republicano, que outra coisa não é, senão a obra dos seus homens de Estado, os quais eram ao mesmo tempo, os seus jurisconsultos e os seus oradores?

Se abstraísseis deles em França, onde a Revolução Francesa sem a Assembléia Constituinte, a Assembléia Legislativa e a Convenção? Se os eliminássemos da Inglaterra, onde o governo parlamentar? Varrei-os dos Estados Unidos, e tereis apagado a história americana, que é uma via-láctea de estrelas da palavra. Exclui-os do Piemonte, e vereis sumir-se esse parlamento de Turim, onde o verbo de Cavour, em doze anos de lida tribunícia, assentou o laboratório da unidade nacional.

Suprimí-os, enfim do Brasil, e tereis acabado com a actividade civilizadora do Império, a luminosa jurisprudência dos seus

tribunais, os seus magníficos monumentos de codificação e educação liberal das classes cultas pela escola das suas assembléias, a conquista da emancipação pelos comícios populares, a organização da monarquia e da república pelas nossas duas constituições. Tudo benefício do senso jurídico e do senso político, representados e desenvolvidos pela ciência dos nossos legistas e pelo influxo dos nossos parlamentares."

* * *

Como exemplo do estilo simples, em que a linguagem é mais quotidiana, corrente vulgar, damos o seguinte exemplo:

"Naquela tarde, que tais factos se deram, ninguém esperaria, ninguém poderia pensar que Fulano tivesse tais intenções tão más. Todos o conheciam como um bom homem, de vida morigerada. Quem havia de desconfiar dele, depois de morar naquele bairro por tanto tempo, nada tendo feito que levantasse suspeitas? Pois foi o que se deu. Todos ficaram espantados. Quando correu a notícia, ninguém quis acreditar. E os que acorreram ao local do crime, foram mais levados pela dúvida do que pela curiosidade. Pois era tudo verdade. Sinceramente, foi para todos simplesmente espantoso."

* * *

Todos esses três estilos exigem certo cuidado, pois todos eles podem levar a exageros, que a oratória moderna não mais suporta. Todos sabem que a sobriedade nas palavras é característica de nossa era. Sem algumas épocas, os arroubos são permitidos, e obtêm bom êxito, na que atravessamos a simplicidade é uma exigência imperiosa.

Muitos procuram fazer combinações entre esses três estilos. Quais os limites que tais combinações podem atingir, em breve estudaremos.

Analisemos, porém, com o máximo cuidado o emprego dos mesmos.

O estilo sublime não é o estilo enfático, empolado, exagerado, cheio de metáforas e alegorias, que se tornam ridículas.

Quem dissesse frases como estas não faria um estilo sublime:

"Abancados como abutres sobre os magros cofres públicos, esses pássaros lúgubres da infâmia e da indecência, não saciam jamais a sua sede de ouro, acumulando montanhas de desgraças e afastando dos lares pobres a tranquilidade e a paz, para submergê-los em lágrimas, desesperos e choros".

Seria um completo erro. Não há nobreza nas frases.

Citamos outro trecho sem indicar o nome de seu autor, mas de um mau gosto evidente:

"As pústulas da miséria política nacional esvurmam puz. A nação está ameaçada de afogar-se nesse mar de lama da corrupção e da indignidade".

Nada há de sublime. É possível manter-se dentro do estilo sublime, sem cair em exageros que o enfeiam e o tornam até ridículo.

* * *

O estilo temperado pode cair, por sua vez, também, em certos erros, e o principal deles é a monotonia, que provoca cansaço, inatenção, desinteresse. Há muitos discursos, que encontramos nos anais da Câmara, desse estilo, que devem provocar sono.

Vamos citar algumas frases de um desses discursos:

"Os adversários da política econômica do governo, seguramente não sabem calcular o alcance de suas palavras, pois não lhes falta constantemente afirmações que se baseiam em dados, que não foram devidamente investigados, o que revela muita má intenção a até mesmo, se poderia dizer, certa audácia pouco controlada. Quando se trata de combater algumas medidas, é necessário ponderar demoradamente, reflectir com muito cuidado o que se pretende dizer, para que não transpareçam, às

primeiras palavras, erros tão grosseiros, que o mais simples e menos conhecedor de finanças desde logo percebe, expressos nas palavras que não têm outra finalidade senão mostrar os factos diferentemente do que eles se dão na realidade."

Ao chegar aquí a desatenção já é geral, e o sono ameaça apossar-se dos ouvintes.

São verdadeiro fiasco estes casos, que podem ser evitados.

Se o orador quer permanecer dentro do estilo temperado, e tem de dizer o que disse, poderia expressar-se assim:

"Os adversários da política econômica do governo deveriam ter maior cuidado em suas afirmações. Se os factos não as apoiam, tais atitudes são produto ou de má fé ou de ignorância. Reflectir antes de falar, ponderar antes de expor argumentos, evitá-los-ia cair em erros gravíssimos. Seria preferível o silêncio, a sujeitarem-se a um desmentido fácil, imediato e definitivo."

O estilo temperado exige elegância da frase as par da simplicidade. Não é um estilo seco, descarnado, mesquinho.

* * *

Quanto ao estilo simples é ele realmente difícil, pois o efeito é muitas vezes nulo. Há perigo de cair na chatice. Deve, por isso, ser combinado com o temperado.

A melhor regra é variar. Por exemplo, do sublime podemos variar para o temperado, do temperado ao simples. Deste, podemos ir ao temperado e daquí ao sublime. Mas é perigoso passar do sublime para o simples ou do simples para o sublime.

Em casos, quando se relata um facto com simplicidade e se deseja alcançar a exaltação, é preciso erguer-se, segundo as regras da exaltação, quanto à voz e ao gesto, passando por um estilo temperado, rápido e subir, finalmente, ao sublime.

Vamos dar um exemplo:

"Virando-se então para a criança aquele homem perguntou: "Menino, onde está tua mãe?...

O menino não respondeu logo. Os olhos estavam fitos, como se recordasse, como se visse alguma coisa distante. Depois, voltou-se lento, olhos baixos, e sua voz, quase fria, apagada, pronunciou esta única palavra:

— Morreu . . .

O homem não tornou a perguntar nada. Ambos ficaram silenciosos. Mas, quando a criança, com um choro já nos lábios, apontou com a mãozinha, para longe e disse: "Eles a mataram . . .", o homem compreendeu tudo.

Ergueu o busto, inflamaram as narinas e os olhos brilharam de ódio. Passou de leve a mão pela cabeça da criança que chorava, e pôs-se a caminhar lento, depois depressa, cada vez mais depressa. Todo seu corpo estava agora agitado por um ímpeto só: vingar. Não vingar apenas aquela mulher, vingar todos os seus irmãos que haviam tombado na luta, vingar todo o seu povo, que sofria sobre o tacão do vencedor, lutar pela libertação de sua pátria, contra os bárbaros invasadores. Era todo ele um só querer, um só ódio, o ódio que ardia em todos os seus irmãos.

Como são grande os oprimidos quando erguem seus braços para a luta. Que importa cair vencido o corpo, quando o espírito se rebela, se exalta, e embora vencido, o seu malogro é uma semente que germinará, afinal, as grandes explosões colectivas da liberdade!"

Temos aí um exemplo de um escritor desta última guerra, em que nos mostra como do estilo simples se passa ao temperado e até se alcança ao sublime, sem perder a unidade, e sem tornar-se exagerado nem falso.

Os constantes exercícios são sempre proveitosos. O bom orador deve fazê-los constantemente, pois o exercitarão ao mais cuidadoso emprego.

As variações são, portanto, de grande valor. Permitem que o discurso não se torne monótono. O homem moderno gosta da variedade, e a obediência a esta regra é sempre proveitosa.

OBSERVAÇÕES TEÓRICO-PRÁTICAS SÔBRE OS TEMAS TRATADOS

Alinhamos a seguir uma série de observações sôbre os temas tratados até aqui, de grande utilidade para o estudioso da oratória, cuja leitura frequente aconselhamos, a fim de bem gravar-se em seu subconsciente, e permitir-lhe a memorização fácil e natural, quando do uso da palavra.

A posse da "maestria", por parte do orador, exige que as normas aconselháveis, adquiridas conscientemente, se tornem, de tão estudadas e empregadas nos exercícios, em verdadeiros hábitos psicológicos, que, no decorrer do tempo, surjam ao orador como "instintivos", isto é, espontâneos.

A "maestria" do orador está na proporção em que pode usar espontaneamente das normas que foram adquiridas, a pouco e pouco, através de muita observação e muita prática.

CULTURA DO ORADOR

Em primeiro lugar, o orador deve cuidar de sua cultura. Esta se adquire pela leitura de bons livros e por uma sólida base filosófica, que o habilite ao bom e seguro uso da Lógica e da Dialéctica. Não poderá o orador alcançar uma solidez e uma segurança no que diz, se não tiver essa segurança interior.

O segredo psicológico da persuasão e da dissuasão dependem:

a) da confiança em si, que tenha o orador;

b) da segurança interior no que diz.

Ora, para adquirir tão importantes princípios, o orador precisa realizar os exercícios que aconselhamos, que são fortalecedores de sua personalidade, de sua tensão psíquica, e de seus dotes naturais, imprescindíveis.

Mas como transmitir essa confiança, se o orador revelar que não tem solidez em suas idéias?

Não basta apenas manifestar convicção no que se diz. O público pode ser persuadido pelas palavras do orador, pela influência da fôrça de convicção. Mas se êsse público já tem idéias formadas, não basta essa convicção para convencê-lo. É mister que o orador mostre firmeza nas idéias, pleno conhecimento do que diz, domínio dos argumentos, alinhados com segurança, com nexo lógico e dialéctico. Do contrário, dará a muitos a impressão apenas de um homem de boa fé, de grande força de convicção, mas que só pode infundir suas ideias naqueles que não se acham devidamente preparados para examiná-las, para analisá-las.

E se a seguir surge um outro orador, que exponha opiniões adversas com mais habilidade logico-dialéctica, todo o trabalho anterior estará perdido.

Eis por que o orador deve ser um homem culto e com grande domínio das ideias, concatenadas dentro de uma cosmovisão (de uma visão geral do mundo) muito segura, isto é, de uma filosofia sólida.

Ademais não deve o orador nunca esquecer-se que não há tema, por simples que seja, que não possa merecer uma tintura de filosofia, pois esta abrange o todo, e em todos os objectos do conhecimento humano tem sempre o que dizer.

Além disso, a leve cor filosófica dá um carácter mais sólido, mais respeitável, mais nobre ao que se diz. Revela-se uma segurança que transmite aos ouvintes convicção.

Por outro lado, e o mundo nos oferece êsse espectáculo, muitos oradores se contradizem constantemente. Não só o fazem no corpo do discurso, como em face do que disseram

anteriormente. Ora, tal facto causa um efeito desastroso, pois nada é mais decepcionante para um ouvinte do que sentir que o orador está contradizendo suas palavras anteriores. Tal facto causa verdadeiro escândalo, e só é admissível naqueles oradores que revelam um progresso ao levar suas ideias anteriores a pontos mais elevados e mais nobres. Nesses casos, o orador permanece dentro do âmbito das ideias anteriores (o que todos logo percebem), mas oferece nelas um grau de intensidade e de extensidade novo, elevando-as. Neste caso, não há uma contradicção que exclua as posições anteriores (contradicção excludente), mas uma contradicção apenas de grau (contradicção gradativa, que é includente e dialectica).

O orador que reafirma suas ideias anteriores, mas as ergue a degraus mais altos, como o exemplo do orador que sempre manifestou sua fé na democracia, mas que afirma agora que ela deve ser limpa de tudo quanto é híbrido, contrário à sua essência, exigindo a sua pureza, extremado em seus ímpetos, etc., causa uma impressão agradável, e não provoca nos ouvintes a impressão de uma mudança radical de atitudes (o que, na verdade, não o é), mas apenas uma mudança intensista da atitude anterior, que se revigora agora.

Portanto, sintetizando as normas fundamentais expostas, deve o orador:

1) Cuidar de sua cultura geral;

2) Cuidar de sua posição filosófica;

3) dominar plenamente a Lógica e a Dialéctica.

Para realização dos dois últimos itens, propomos ao leitor nossas obras: "Filosofia e Cosmovisão", "Lógica e Dialectica", e "Psicologia".

A primeira oferece uma visão geral do mundo (cosmovisão) filosófica. Acostumará o leitor ao uso das ideias colocadas dualìsticamente, isto é, ante suas oposições, permitindo-lhe ver como o funcionamento de nosso espírito nos leva a sempre nos colocarmos em uma das duas possibilidades pensamentais, e cair, por isso, em unilateralidades abstractas. O segundo ofe-

rece o panorama da lógica de maneira prática e segura, dando as regras fundamentais para um pensamento formal conexionado, e permite, finalmente, pela dialéctica e decadialéctica, o estudo dos aspectos que não pertencem a uma formalidade, mas que são imprescindíveis para que elas se dêem, o que oferece uma base para uma visão concreta.

Dessa forma, habitua o estudioso a ter uma visão global dos factos e permite, que possa prever, com segurança, os argumentos contrários, e evitar que o acusem de unilateralismo.

Com o terceiro, poderá ter uma visão geral da psicologia, do funcionamento do nosso psiquismo, o que oferece, não só uma grande base cultural, como também o habilita a empregar pràticamente os conhecimentos e a saber aproveitar as oportunidades para dar mais solidez e segurança ao que diz.

PRÁTICA: O GRANDE EXERCÍCIO

Em complemento aos exercícios que até aqui temos oferecido, não deve nunca o estudioso de oratória esquecer que todos êles tendem a preparar o terreno para o exercício dos exercícios: a prática oratória ante o público.

É preciso habituar-se a enfrentar o público. E para tanto, a prática é o caminho da própria prática.

A timidez, que é natural, pode ser vencida por uma série de práticas. O melhor exercício é o do fortalecimento interior, seguindo as normas já aconselhadas. O segundo consiste em enfrentar o público.

Como se procede?

1) Aproveitar as rodas para expor alguma coisa, com base, com nexo, com solidez e segurança. Em tôdas as ocasiões, em que estamos com outros, temos oportunidade de conversar sôbre certos assuntos. Tratá-los sempre com segurança, evitando o falar quotidiano. Dar precisão e ordem às frases. Preferi-las curtas, compondo períodos também curtos, no máximo de tres juízos. Desta forma, evitam-se as digressões que levam a perder o fio do que se queria dizer.

Falar pausadamente (não exageradamente), mostrando domínio, sem afectação, do que se pretende dizer.

Se alguém desvia o assunto, não se preocupar. Aceite o novo tema para permitir que varie seu modo de exposição.

Se é tímido que deve fazer?

Inicie por um processo muito fácil e de bom efeito. Se ante os companheiros sente-se inibido para falar, procure ler-lhes alguma coisa. Um artigo bem escrito, um pequeno ensaio, trechos de um livro, uma poesia, etc., tudo isso serve de oportunidade para empregar, em volume mais alto à sua voz, familiarizando-se com ela, e facilitando-o a enfrentar os outros.

Antes de usar êsse processo, faça os exercícios que aconselhamos para a leitura em voz alta ,em casa.

Poderá perguntar: mas se não sei ler com arte?

Não se preocupe de início. São poucas as pessoas que sabem ler bem. É preciso exercitar, dominar bem a voz, usar as inflexões ensinadas, evitar os exageros, etc. E tudo isso exige prática, prática, prática.

Não se preocupe com os defeitos que observará no início. Lembre-se que, pelo simples facto de perceber os seus defeitos, revela uma superioridade que lhe será imensamente benéfica. Pois quem é capaz de notar seus defeitos, *já sabe que precisa ser melhor*. E se já sabe, conhecendo os meios de alcançar o progresso, seguindo as normas aconselhadas, o adquirirá em pouco tempo.

Portanto, para complemento da primeira providência, siga êste roteiro de exercícios:

a) ler em voz alta, em casa, dando as inflexões normais à voz;

b) ler aos outros, depois de ter feito os primeiros exercícios;

c) estará apto, então, a tecer comentários sôbre o que leu e a preparar-se melhor para a conversação entre companheiros.

Agora podemos examinar as outras providências:

2) Faça, primeiramente, seus discursos lidos, se tiver receio de sua capacidade de improvisação. Prefira, no início, pequenos discursos, muito curtos, usando-os em certas cerimônias, como casamentos, baptizados, etc.

3) Faça seus discursos maiores, aproveitando datas solenes, etc., mas lidos;

4) Use a palavra em público improvisada, depois de ter adquirido o domínio, através dos exercícios aconselhados. Inicie com temas fáceis e curtos.

5) Use a palavra, afinal, nas grandes solenidades, de improviso. Em complemento a todas essas providências, oferecemos uma série de análises sobre aspectos importantes, para os quais chamamos a atenção do leitor.

Pronuncie as palavras com clareza, no exercício de leitura. Não deixe de fazer os exercícios aconselhados sôbre a mímica dos lábios, dominando bem todos os músculos que operam nos movimentos da voz, e que já tratamos.

Experimente falar em voz baixa com as pessoas de casa, quando estão colocadas a uma distância de uns dez metros, e veja se elas entendem claramente o que pronunciou. Se o conseguiu, fique satisfeito e se rejubile. Alcançando êste ponto, atingiu um grande domínio na dicção.

Quando ler um trecho, cuide bem da entonação.

Exemplifiquemos:

"Lá os vi, em uma sala menor, talvez que metade desta, seis, ou oito, sentados nas camas onde dormiam".

Não pode este período ser pronunciado na mesma entonação, pois não lhe daríamos o menor brilho. Examinemos:

Lá os vi, (pausa, ergue-se um pouco a voz, quando se pronuncia a sílaba *vi*);

em uma sala menor (no *em uma* volta-se ao tom anterior, erguendo-se quando da última sílaba *nor*, no mesmo tom da anterior *vi*);

talvez que metade desta (aqui estamos num parêntese, o tom deve descer para diferenciar-se bem do tom das palavras anteriores, baixando-se a voz em *desta*, e pausa curta);

seis, ou oito, (volta-se ao tom anterior, aumentando-se um pouco quando se pronuncia *ou oito*, prolongando-se na sílaba *oi*; pausa);

sentados nas camas onde dormiam (baixa-se a voz, prolonga-se na sílaba *ta*, pronunciando-se o resto da frase em tom normal, baixando-se afinal em *iam*, pois é fim do período. Procure-se o ritmo que a frase tem).

Que se deduz dessa análise?

É preciso fazer sentir claramente o que está em parêntese, o que é *incidental* do que é *principal*.

AS PALAVRAS DE VALOR

Cuide em dar relevo às palavras de valor. São aquelas que tem um papel importante, o principal, na frase. Em tôda a frase as encontrará, pois expressam a idéia principal. É preciso descobri-las e salientá-las.

Quando há antiteses, quando duas idéias opostas são colocadas face a face, deve dar relevo a ambas.

Exemplifiquemos:
"O patriotismo, *pràticamente*, consiste, sobretudo, no trabalho". (RUI).

Aqui, o advérbio *pràticamente*, é a palavra de valor. Não pode ser pronunciada sempre no mesmo tom esta frase. Quando se pronuncia *pràticamente*, tem que se lhe dar a ênfase, e deve ser pronunciado mais lenta e marcadamente.

O suborno, o nefando suborno, que campeia na política . . ."

Nefando suborno exige a ênfase.

Reproduzimos. a seguir um trecho, assinalando, em grifo, as palavras que merecem ênfase e mudança de entonação:

"A pátria não é ninguém: *são todos;* e cada qual tem no seio dela o mesmo direito *à ideia*, à *palavra*, à *associação*". (Dar a entonação num *crescendo*).

A pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de governo: é o céu, o solo, o povo, a tradicção, a consciência, o lar, o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade."

Nesta frase, há valôres diversos, e a entonação, que acompanha aos valôres, precisa ser vária e consequente com êles.

Examinemos pormenorizadamente, com as entonações correspondentes:

"*A pátria não é um sistema*" (o tom em *sistema* deve dar a impressão de quem nega, de quem refuta, de quem não aceita. Aqui não se eleva o volume, apenas se dá o tom grave de quem recusa);

"*nem uma seita*" (no mesmo tom e volume e com o mesmo valor anterior);

"*nem um monopólio*" (o tom deve ser menos grave, tendendo para o agudo, o volume um pouco mais alto);

"*nem uma forma de governo*" (mais lento, mais seguro, enérgico, grave, mudando o tom para mais baixo, sem diminuir o volume);

"*é o céu,*" (agora a entonação é afirmativa, a voz grave, mais baixa, segura, a entonação vem do peito, volume mais alto);

"*o solo*" (entonação natural, no mesmo volume);

"*o povo*" (idem);

"*a tradição, a consciência, o lar*" (ligados pela mesma entonação grave, erguendo-se o tom para o agudo em *lar*, alongando-se a sílaba);

"*o berço dos filhos e o túmulo dos antepassados*"(mais afectivo, mais do peito, grave, no mesmo volume anterior);

"*a comunhão da lei, da língua e da liberdade*" (em tom solene, na voz de ouro, num *crescendo*, com erguimento da cabeça).

Prossigamos na análise do trecho de Rui:

"Os que a servem são os que não invejam, os que não infamam, os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam, os que não emudecem, os que não se acovardam, mas resistem, mas ensinam, mas esforçam, mas pacificam, mas discutem, mas praticam a justiça, a admiração, o entusiasmo. Porque todos os sentimentos grandes são benignos, e residem originàriamente no amor. No próprio patriotismo armado, o mais difícil da vocação, e a sua dignidade, não está no matar, mas no morrer. A guerra, legitimamente, não pode ser o extermínio, nem a ambição: é simplesmente a defeza. Além dêsses limites, seria um flagelo bárbaro, que o patriotismo repudia."

Muitas palavras de valor, mas que, pela sua heterogeneidade, implicam uma heterogeneidade de valoração da voz. Vejamos:

"*Os que a servem são os que não invejam*" (Após a pausa do periodo anterior, que fôra em tom solene, entra-se aqui num tom grave, afirmativo, em que o olhar firme e convicto expressa confiança no que se vai dizer. A palavra de maior valor é *invejam*. Nela o tom grave deve ser, aqui mais afirmativo);

"*os que não infamam*" (deve, na entonação, manifestar-se aqui certo tom de desprezo, mas dominado pelo afirmativo e grave);

"*os que não conspiram, os que não sublevam, os que não desalentam* . . . (até) *acovardam* (o tom grave, afirmativo, solene, confiante e seguro, segue num *crescendo*. Mas deve ter-se o cuidado que êsse *crescendo* seja levemente acentuado, pois do contrário poderia o orador perder o fôlego. A pausa, aqui, deve ser mais longa, sem cair de modo algum o volume da voz);

"*mas resistem*" (é na adversativa *mas* que a ênfase deve cair, pois, opondo-se tenazmente a tudo quanto foi dito até então, o tom agora é enérgico, mais agudo, forte, com os maxilares mais fortemente apertados e o som pronunciado com os dentes cerrados, e com expressão, com brilho nos olhos, peito inflado, punho cerrado, no gesto de

obstinação, isto é, mais para baixo, numa oblíqua para o lado direito);

"*mas ensinam*" (um sorriso nos olhos, tom mais suave, sem perder a energia);

"*mas esforçam*" (abrir as mãos, em baixo, voltados os dedos para cima, pronunciando *esforçam* lentamente, acentuando a sílaba *for*, com o *r* mais longo, sem esquecer a acentuação do *mas*, que deve ser sempre pronunciado no mesmo tom vigoroso e enérgico);

"*mas pacificam, mas discutem, etc.* (até) *entusiasmo.*" (Acentuação do *mas*, pronunciando o restante num tom semelhante aos anteriores, mas num *crescendo*, com o peito alevantado, até alcançar a palavra *entusiasmo*, que deve ressoar longamente, elevando-se o tom, fazendo-se uma longa pausa, para que as ideias se associem nos ouvintes);

"*porque todos . . .* (até) *amor*" (tom afectivo, acentuando *benignos* para mudança de entonação. A frase, por sentenciosa, deve ter o tom sentencioso, sem exagero).

Pode agora o leitor, por si mesmo, prosseguir exercitando-se no restante do trecho, prestando atenção às palavras que merecem a ênfase, como *mas no morrer,-legìtimamente,-simplesmente*, e *flagelo bárbaro* e o prolongar-se da pronúncia da palavra *repudia*, com a ênfase que merece o seu valor.

Tome o leitor trechos de discursos e exercite a ênfase e a entonação. Deve proceder do seguinte modo:

a) o trecho deve ser tomado isolado do discurso. Primeiramente o leitor o lê. Depois que tomou o conhecimento das palavras, exercita-se uma, duas, mais vezes;

b) faça a autocrítica. Veja o que pode melhorar. Observe se não exagerou. Retorne a fazer o exercício;

c) procure colocar-se do ângulo do ouvinte. Veja-se pronunciando o trecho com os olhos do ouvinte. O orador está num ponto alto. Ouça imaginativamente a sua própria voz.

Logo notará os defeitos que tem. Corrija-os e retorne até alcançar a pronúncia melhor do trecho.

d) Se não obtém progressos no primeiro exercício, guarde o trecho e outro dia retorne ao mesmo, e verá que há progresso. O subconsciente o ajudará. Confie nele, pois é um meio de confiar em si mesmo.

AS LIGAÇÕES

Importantíssimo é este ponto nos exercícios de leitura. Não só é desagradável para quem ouve alguém ler, a falta das ligações, como também é desestimulante para quem o pronuncia.

As ligações entre as palavras tem um efeito importante: dão brilho ao discurso, evitam a monotonia, facilitam a clareza, dão eufonia. Não se deve abusar delas, o que levaria o orador ao ridículo. Deve evitar-se as ligações que possam provocar equívocos ou trocadilhos.

Não faça más ligações nem as esqueça quando necessárias, pois pode por a perder um discurso.

Os exemplos práticos nos mostrarão com clareza: O sinal - servirá como indicação da ligação e o sinal *j* como separação:

"As-palavras *j* com-que-foi recebido o-meu-discurso *j* parecem-envolver—uma-censura, *j* que-não-posso, *j* que-não-devo-deixar *j* sem-imediata-resposta, *j* porque *j* tal-censura, *j* se-houver, *j* eu *j* na-verdade, *j* não-a-mereci."

Leia trechos e cuide as ligações, sem cair em exageros. Leia e releia e veja qual a melhor ligação. Com os exercícios continuados, obterá, afinal, o domínio seguro das ligações. Lembre-se que as pausas salientadas são muitíssimo curtas. As menos longas surgem na *virgulação* e as mais longas nos *pontos*.

Quanto às pausas mais longas ou mais curtas não se pode dar regras gerais. Todos os livros de oratória que o fazem esquecem que o tema, a psicologia do assunto exigem que seja êle tomado como uma individualidade. O próprio estudioso de oratória deve usar o seu bom senso para evitar os excessos ou as falhas.

Nunca deve esquecer que a boa distribuição das pausas favorece a dicção e deve aproveitar as médias e as longas para respirar, afim de facilitar a boa pronúncia.

DA PRONÚNCIA

Como acrescentamento ao que até aqui estudamos, nunca é demais salientar quanto vale uma perfeita pronunciação para o orador. Pronunciar tôdas as palavras, de maneira que seja nìtidamente expressa cada articulação, é um ideal que o orador pode atingir, se tiver o cuidado de nunca abandonar os exercícios e esmerar-se na *califasia*, ou seja na arte de pronunciar bem. O sotaque, o acento local, não prejudica ao bom orador, como pensam tantos, nem o colocam no ridículo, se souber dar a entonação justa às palavras e as pronunciar com nitidez e propriedade.

Há, entretanto, certos defeitos, muito comuns entre os brasileiros, que podem ser facilmente sanáveis. Vamos a exemplos:

a) o som demasiadamente nasal. Há certas regiões do país, onde o sotaque revela uma tendência a anasalar as palavras. Em "Curso de Oratória e Retórica", oferecemos exercícios para sanar êste defeito;

b) sibilação exagerada dos *sss*, também facilmente sanável;

c) voz cantada, que o exercício e a autocrítica podem perfeitamente resolver.

Os meios indicados em nosso anterior trabalho, acompanhados da persistente leitura em voz alta, autocriticando-se, e procurando dominar os defeitos, terminarão por favorecer uma melhoria notável na pronúncia.

TEMAS DE ORATÓRIA

O estudioso de oratória não deve temer abordar temas mais profundos. O que deve evitar é tratar em público do que não tem suficiente base para não revelar, na controvérsia, sua ignorância. Mas, sempre que possa, entre amigos, deve abordar temas de cultura. Terá assim oportunidade de ver quanto lhe falta conhecer, quais os pontos fortes e quais os pontos fracos.

É compreensível que para se ter uma cultura bem fundada são necessários anos e anos a fio de trabalho ininterrupto e persistente. Mas não deve tal facto criar ao estudioso um medo ou desânimo. A cultura é adquirida aos poucos. E sobretudo o bom senso é uma arma prodigiosa na mão do orador.

Um bom domínio da lógica, uma ampla visão da dialectica não lhe permitirão fazer afirmativas infundadas, pois saberá até onde sabe e até onde pode ir.

Ademais, a segurança de que se sabe, ou de que se não sabe, infunde sempre respeito. Por outro lado, a dialéctica, por sua acção englobante, oferece recursos admiráveis para entrosar as idéias e permitir, com poucos elementos conhecidos, construir um grande cabedal de conhecimentos. Tudo no mundo tem um nexo e desde que conhecemos o nexo das coisas, com um conhecimento parcial, poderemos construir uma visão ampla.

O orador deve ter base de humanidades e conhecer um pouco de história. Por outro lado, um conhecimento de psicologia é complementar, ao lado de uma rápida visão da literatura, para que disponha de bases suficientes para enriquecer o discurso.

Os exemplos, as comparações, as analogias entre os factos históricos e os da literatura são importantes e oferecem ao orador motivos de embelezamento dos discursos.

Um orador de grande cultura, tratando com segurança dos temas em questão, provoca em todos uma atitude de admirativa simpatia. No entanto, se tratar de temas importantes com insuficiência, logo parte do auditório se sentirá acima dele.

Ademais a grande cultura favorece as relações humanas, pois podemos tratar do que os nossos companheiros gostam de ouvir. O especialista, por exemplo, por falta de base filosófica, não tem uma visão geral, mas parcial, apenas, do ângulo do seu saber específico. Logo se torna desinteressante para os que não o acompanham em sua ciência. No entanto, tendo cultura

geral, pode perfeitamente tratar do que interessa ao ouvinte, pois abrange, de todos os lados, o tema de que se está tratando, sem cair na aridez do especialista, como é tão comum.

Não se pense, porém, que a cultura que aqui propomos, seja aquela que raros homens atingiram, os quais foram capazes de tratar de tudo com proficiência. Trata-se apenas de uma visão geral, cuidadosa, segura, que impeça ao orador, quer na conversação, quer na palestra, quer no discurso, tratar do que é elevado com aquela simplicidade, prima do lugar-comum, que o torna desinteressante.

CONSELHOS IMPORTANTES

Toda vez que possa ouvir ou ler bons oradores, não perca a oportunidade. Não há dúvida que são raras as grandes peças oratórias e os bons discursos. Mas procure ouvir um bom pregador. E mesmo que não seja religioso, nada perderá em ouvir um belo sermão, cuja arte oratória, embora em outro tom, muito oferece para o orador profano.

Nas rádios aparecem às vêzes alguns discursos interessantes. Deve ouvi-los, observar as virtudes e os defeitos, e procurar aproveitar tudo quanto seja benéfico.

Todos os grandes trechos, as belas frases que lê, anote-as. Examine-as, estude-as, melhore-as. Acostume-se, em suma, ao uso das belas frases, sobretudo aquelas que apresentam eloquência sem o emprego exagerado de figuras nem de formas palavrosas. Procure dizer com simplicidade e beleza, o que outros dizem demasiadamente ornamentado, e sem ela.

Ao ler um livro, encontrou uma bela definição de alguma coisa, copie-a. Leu um raciocínio bem concatenado na exposição de uma tese, copie-o, e releia-o.

Encontrou um pensamento profundo, expresso em linguagem simples, mas com eloquência, guarde-o. É um dito cheio de verve, uma apreciação rápida cheia de acuidade, etc., anote tudo. Faça um repositório de belas idéias. Será um relicário

de belezas que procurará, de vez enquando, reler. Acostume-se a tudo isso.

Quando leia um livro, escreva algumas linhas de apreciação. Corrija-as bem. Procure tomar o aspecto mais justo e mais belo da obra. Se tiver tempo, faça resumos do que leu. Sobretudo sobre uma tese. Concatene as idéias, dando-lhes uma forma simples e eloquente.

Não tome notas demais. Basta apenas algumas, as principais. Também não as faça longas nem curtas demais. Confie também na sua memória, e procure guardar nela o que encontrou de mais belo.

Deve sempre fazer exercícios de redação. O verdadeiro orador não é aquele que apenas sabe falar. Para alcançar o domínio da oratória, é necessário escrever. Faça redações sôbre os temas já propostos em nossas obras de oratória. Corrija-os e guarde-os. Depois os releia, para notar os pontos fracos e os fortes, e corrija-os, se encontrar motivos para tal. A prática da redação tem um papel subconsciente importante. Acostuma-nos a purificar a frase, extrair dela o que há de supérfluo, a atingir a forma mais cuidadosa. Aos poucos nos apossamos dessa capacidade e, depois, ao falar, as expressões saem correctas e as frases bem feitas.

Se leu um livro do qual tem uma boa impressão, faça um esquema sobre o ponto que mais gostou, e construa, fundado nele, um discurso que procurará pronunciar a um auditório imaginário. Se pertencer a um Grupo de Oratória, leia-o numa das secções e, sobre os tópicos principais, teça comentários em tom de palestra.

A grande vantagem que oferece a redação é acostumarmo-nos à prática da frase bem construída e evitar assim, quando da oração, o emprego de certas expressões quotidianas e certos defeitos comuns da linguagem.

Procure escrever com o máximo cuidado na construção da frase e sobretudo com a máxima beleza e elevação. Nunca

esqueça que o tom deve ser o oratório, portanto não deve usar o estilo exageradamente simples, mas combinar segundo as regras que já oferecemos sôbre o emprego dos estilos.

E não esqueça que a prática da oratória é a melhor maneira de torná-la prática e que o principal exercício do estudioso é o próprio exercício.

Quem deseja ser senhor da palavra, não pode permanecer apenas no desejo. Tem de transformá-lo numa vontade e dar-lhe a ação.

Um pouco de sacrifício e de devotamento trarão benefícios no futuro. Nunca esqueça que o agricultor só colhe depois de plantar.

* * *

Para um orador dissuadir ou persuadir o auditório êle precisa dar idéias aos ouvintes, instrui-los; precisa agradar, precisa emocionar (movê-los para algo), empolgá-los, em suma.

Pode um orador, que nada diz ao público, senão o que o publico já sabe, dissuadir? Mas dissuadir de que? Para movê-lo para uma nova atitude é preciso mostrar que a que tem, de espectativa ou não, não é a que melhor lhe conviria. É preciso que instrua, indique o que deve fazer. Não deve o orador falar por falar. Nenhum auditório suporta um orador que apenas fala. Uma idéia é preciso transmitir, uma idéia nova, algo que o auditório ganhe. Êste precisa estar certo que obteve alguma coisa. Portanto, o orador deve ter sempre o cuidado de dizer alguma coisa nova que interesse aos ouvintes e que os faça aumentar os seus conhecimentos, que ele se sinta enriquecido de algo. Nada dá maior agradabilidade ao auditório do que receber do orador algo novo, algo que não esperava, algo que que lhe permite ter uma outra visão das coisas. O orador agrada na proporção que dá ao ouvinte a convicção de que, após a peça que ouviu, êle não é mais o mesmo, alguma coisa ganhou.

Quando o auditório repete uma frase do orador, ou uma idéia, pode estar-se certo que êle obteve uma das maiores victórias que a arte da palavra pode oferecer.

Para tanto: clareza na expressão e originalidade na idéia.

Deve o orador evitar as formas complexas e penumbrosas, as figuras complicadas e de difícil compreensão. Também deve evitar as expressões rebuscadas e demasiadamente técnicas.

Tudo isso favorece para ser o orador ouvido com agrado. Todo orador deve agradar ao auditório.

Há ocasiões em que o auditório nos é totalmente favorável. Neste caso, a partida já está ganha. Mas, há casos em que certa hostilidade se insinua, e que o orador pode facilmente captar.

Neste caso, deve ter o máximo cuidado de provocar o agrado sem comprometer, desde logo, a exposição das idéias para as quais o auditório é hostil.

Quando sentir que já há uma disposição simpática, então, leve e inteligentemente, deve dizer o que lhe interessa. Nestes casos, o exórdio deve ser o mais belo e agradável, e deve atrair o auditório.

Digamos que um orador pretende combater uma idéia política, que é aceita pela maioria ou quase totalidade do auditório. Se de chofre atacá-la, está perdido.

Mas veja-se a gênese de toda idéia política. Imaginemos que o orador após fazer a saudação de praxe, começasse assim o seu exórdio:

"Quem poderia negar que anima a todos vós o desejo de um destino melhor para o nosso país? Quem poderia pôr em dúvida que em todos os corações há um só ímpeto: a grandeza de nossa pátria? (ou a elevação do nosso povo, etc., etc.). E quem poderia negar que desejamos todos realizar êsse desejo?

Mas, se há caminhos bons, há os melhores. E muitas vezes, há desvios que nos podem afastar da meta desejada. Saber escolhê-los é uma virtude imprescindível, etc."

E neste tom o orador, a pouco e pouco, sem afastar-se do tema principal pode mostrar que o caminho que oferece é o mais seguro ou o mais apropriado às circunstâncias.

O orador, que não mostrar fraqueza, mas convicção, e souber argumentar, não tendo obstinado o auditório contra êle, logo às primeiras palavras, pois todos estão de acordo que querem o mesmo bem, conseguirá, aos poucos, persuadir pelo menos grande parte do auditório ou criar um clima de benevolência que favorecerá, no futuro, o que deseja obter.

Muitos julgam que para agradar um auditório deve-se descer às mais vis paixões humanas, provocar o aumento do ressentimento das massas, ou adulá-las de forma servil, etc. Absolutamente não. O auditório sente agradabilidade quando nota a dignidade do orador. Se mostrar nobreza, domínio de si, que está à altura da situação, o auditório sentirá no orador a fôrça que não tem, e o admirará.

O orador deve agradar, mas não julgue que o consegue a qualquer preço. Se o orador se opõe ao auditório, mas mantém sua linguagem elevada e revela nobreza, será ouvido com respeito e com admiração.

Com todos êsses elementos, o orador conseguirá emocionar o auditório, se, sobretudo, tiver habilidade no emprego sóbrio das figuras de retórica e fôr bem acompanhado pela voz e pelos gestos.

Note-se que os ouvintes estão predispostos à emoção, desejam alcançá-la. Já encontra, por isso, o orador um ambiente favorável. Deve saber aproveitá-lo.

Lembre-se o estudioso das regras que já oferecemos e faça a prática de pequenos trechos oratórios, nos quais busque empregar os meios para fazer brotar a emoção.

Conseguido êste ponto, pode dissuadir ou persuadir o auditório a tomar ou não tomar esta ou aquela atitude. Não quer isso dizer que basta comover o auditório para dissuadi-lo. Não

nos iludamos. Muitos oradores conseguem comover o auditório, levá-lo até às explosões afectivas, e não o dissuade. Passado algum momento, ei-lo que retorna ao estado anterior.

Eis aqui, portanto, um aspecto importantíssimo. Para dissuadir é preciso que haja razões fortes, argumentos sólidos. Muitos podem ser arrastados apenas pela emoção, mas outros, que se emocionaram, podem fàcilmente retornar ao estado anterior. A boa argumentação, ligada à emoção, consegue persuadir.

0 0 0

SOBRE A COMPOSIÇÃO DO DISCURSO

Quanto às regras clássicas da composição do discurso, que já examinamos, não se deve considerá-las, nem como absolutas nem, por outro excesso contrário, como o fazia Fenélon, por desprezíveis.

Se o orador tem certa liberdade de organizar o seu discurso, êle, pelo menos terá um início, um meio e um fim. Ora o exórdio não pode fugir às regras apontadas; o meio, pode sofrer variâncias, mas o final, que é a peroração, exige a "voz de ouro" e o tom sublime, do contrário que efeito terá?

O principal é dar a unidade ao discurso. A unidade é um produto da composição. E esta deve funcionar com aquêle intuito.

A unidade deve ser dinâmica, coerente, lógica. Os períodos devem concatenar-se, de modo a estruturar a unidade, um todo.

E como pràticamente se alcança essa unidade?

A regra é fácil: toma-se o tema do discurso. O exórdio deve ser uma *apresentação estética* do tema. O centro é a *argumentação em tôrno dêle*. A peroração é a *afirmação afectiva* do que se deseja.

A primeira parte é sensível, deve tocar à *sensibilidade;*
a segunda parte é racional, pertence à *intectualidade;*
a terceira deve comover, persuadir, pertence à *afectividade.*

Assim a divisão do nosso espírito, como a estudamos na "Psicologia", apresenta-se, também, no discurso. Êsse deve falar aos *sentidos*, ao *cérebro* e ao *coração.*

Estética, Lógica e Dialectica, e afectividade, para levar à Acção volicional (persuadir).

A obediência às regras, já expostas, garante a consecução do fim desejado.

Neste caso o discurso é uma obra unitária, coerente e segura em seus efeitos.

Na passagem de um ponto a outro do discurso, a habilidade deve ser a mais completa. Para passar do sensível, que neste caso, é o estético para o logico-dialectico, o tom de voz passa o plano da exposição e o estilo deve ser temperado, de vez enquando, com lampejos de sublime. O estilo sublima-se na peroração, como já vimos.

É preciso exercitar-se a passagem de uma parte para outra do discurso. As regras já oferecidas são suficientes.

Quanto à parte da prova, nunca esquecer as regras, sobre a ordem dos argumentos, da arte de persuadir:

1) o argumento persuasivo;

2) o argumento relativo;

3) o argumento peremptório.

Nunca esqueça que o valor do argumento depende da psicologia dos ouvintes. Lembremo-nos das regras sôbre a escala de valores, que expusemos em "Curso de Oratória e Retórica". Desta forma, o argumento principal que deve vir no fim, deve ser *convincente para o auditório.*

Se as provas não são em geral muito fortes, enunciá-las ràpidamente, ligadas, com poucas palavras, e, se possível, reuni-las numa síntese para que possam causar bom efeito.

Evite-se a secura didáctica quando das provas. Não se tome a posição de um professor.

Nem pouco nem demais. É preciso também não ser curto demais nem longo demais.

* * *

Nunca se deve esquecer que o estilo de um discurso deve ser um estilo *falado*, que se destina a ser pronunciado em voz alta, e não um estilo *escrito*, que é para ser apenas lido.

REGRAS SÔBRE
O EMPREGO DAS FIGURAS

Em nosso "Curso de Oratória e Retórica", estudámos as diversas figuras, úteis ao discurso moderno.

Queremos, agora, traçar algumas regras para o seu melhor emprego, completando, assim, os estudos que tivemos oportunidade de fazer naquela obra.

Examinemos o que se *deve evitar* e o que se *deve empregar.*

Evitar o emprego constante de uma palavra.

Evitar os longos períodos.

Evitar os ecos, as colisões, os sons repetidos.

ANÁFORA

Anáfora é uma repetição de algumas palavras no início da proposição, de bom efeito quando sòbriamente empregada:

"É a vós que devemos tantas obras grandiosas, é a vós que devemos agradecer, é a vos que devemos sempre recordar . . ."

Êste ornamento tem muito brilho e beleza. Dá nobreza e energia à frase, quando sòbriamente empregado.

AS CONVERSÕES

Certas *conversões* são também muito belas. Vejamos este exemplo:

"Quando a fé desaparece, a caridade desaparece e o amor também desaparece".

"Fulano, que homem de talento que ele é, que homem de bom coração que ele é, que alma magnânima que ele é!"

São repetições como tais que se podem admitir. Mas é preciso que sejam bem encaixadas.

"É a decisão o que se pede ao nosso povo, é o trabalho produtivo o que se pede ao nosso povo, é executar um ideal mais alto o que se pede ao nosso povo!"

Podem-se fazer combinações entre a anáfora e a conversão, de um belo efeito.

"Quem atendeu a todos os chamados? O povo. Quem respondeu a todos os pedidos? O povo. Quem suportou todos os sacrifícios? O povo".

Ou então:

"Aquele a quem seus amigos condenaram, aquele a quem seus partidários condenaram, aquele a quem todos, sem excepção, condenaram . . ."

As repetições nunca devem ofender o bom gosto. E são belas quanto mais sóbrias, e valiosas quanto mais adequadas. É uma grande figura de ornamento, mas que exige o máximo cuidado e muito exercício. É preferível escrevê-las, modelá-las, extrair-lhes os defeitos. O estudioso de oratória poderá construí-las com o máximo cuidado, e evitar tudo quanto possa torná-las feitas. Por outro lado, o tom de voz, ao pronunciá-las, deve ser em "crescendo". As idéias, por sua vez, devem ter uma ordem progressiva ou regressiva.

A ANTÍTESE

A *antítese*, que consiste em juntar idéias contrárias, também é um meio de embelezar o discurso.

Exemplos: "Para os amigos, clemência; para os inimigos, justiça".

Ou: "Quando todos permanecem calmos, ele se agita; quando todos esperam que se aquiete, ele põe-se em ação".

A APÓSTROFE

A *apóstrofe*, também, oferece uma beleza. Deve ser usada com parcimônia. Ex.: "É a ti, ó povo, que eu me dirijo; é a ti, que és sempre o sacrificado, que eu clamo; a tí, em quem não morrem as esperanças de dias melhores, que eu confio".

Essas exclamações devem ter o tom que o discurso exige. Podem revelar indignação, dor, espanto, tristeza, esperanças, anseios. O tom deverá ser o que corresponde ao clima de discurso.

As apóstrofes devem ser usadas quando a grandeza do assunto o exige, e devem pretender exaltar ou indignar ou dar entusiasmo. E só para tais casos, pois do contrário serão inúteis e inadequadas.

AS INTERROGAÇÕES

As interrogações exigem que tenhamos muito cuidado no seu emprego. Precisam ser muito elegante e belas, para que provoquem o efeito desejado.

Ex.: "Quando todos esperavam de tí a ação decisiva, que fizeste? Por que recuaste?"

Ou: "Quando a miséria assolou os lares pobres, onde estavam os políticos?

Quando as populações eram assoladas pela seca, pela sede e pela fome, quem veio em seu auxílio?"

Em nosso "Curso de Oratória e Retórica", demos alguns exemplos do uso da interrogação nos discursos. É realmente esta uma das figuras mais usadas na oratória moderna, portanto, merecedora do maior cuidado quanto ao emprego.

"Temos plena consciência do que a situação atual está exigindo de nós? Prestamos a atenção que merecem os factos que se desenrolam?

Estamos à altura dos nossos acontecimentos? Somos capazes de enfrentar as circunstâncias? Saberemos resolver os nossos problemas?

Acaso, os nossos homens públicos farão para sí mesmos estas perguntas? Talvez não. Talvez silenciem às interrogações de suas consciências, se é que ainda as têm".

A interrogação provoca maior atenção do auditório, pois espera uma resposta. Seu uso é, por isso, importante, mas o seu abuso acaba por cansar.

Nos discursos em estilo simples, a interrogação feita com palavras simples e diretas, que correspondem ao nível dos ouvintes, oferece uma beleza, por sua vez também simples, ao discurso.

AS SENTENÇAS

As *sentenças* são do patrimônio da sabedoria humana. Elas nascem da experiência e têm um efeito muito belo num discurso. Mas devem ser de sentido bem claro, e perfeitamente adequado ao tema. Devem ser evitadas as sentenças muito corriqueiras, tais como "quem canta seus males espanta", "quem veste o alheio, na praça o despe", "diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és" e outras.

Há livros de sentenças, e na bibliografia aconselhada em "Curso de Oratória e Retórica", apresentamos algumas obras famosas e úteis.

A vantagem que oferece a sentença é a verdade que muitas vezes encerra e que não exige a prova, oferecendo assim um elemento de convicção dos mais poderosos. O tom sentencioso, ao pronunciá-las, deve ser grave, sem exagero.

"Certamente hoje, ele há-de recordar em sí mesmo, a profunda sentença de Napoleão: "Queres conhecer teus amigos? cai no infortúnio". Quem não soube ser amigo, quem não soube construir amigos verdadeiros na hora da fortuna, onde os terá quando o malogro abater sobre os seus actos?

Se as sentenças não exigem provas, algumas, porém, podem merecê-las, com a finalidade de torná-las ainda mais fortes. Mas essa prova deve ser curta, precisa, apenas o suficiente para justificá-la.

O uso de sentenças deve ser sóbrio, pois o excesso dá um tom ao orador, que nem sempre é agradável. Podem, no entanto, ser mais amiude empregadas nos sermões religiosos.

OS CONTRÁRIOS

Os contrários oferecem também uma beleza. Uma frase como esta: "Quem foi pérfido em sua amizade, poderá ser um inimigo leal?"

Ou: "Se ele foi inepto em sua vida particular, como esperar que seja um apto na vida pública?"

Ou: "Quem apenas olhou os interesses pessoais em sua existência, poderá olhar para os interesses públicos, quando no poder?"

Ou: "Quem só teve gestos interessados, será capaz do desinteresse que deve animar o homem público?"

Ou: "Quem em toda a sua vida sempre mentiu, acreditais que ante o povo falará verdade?"

É um meio de prova que deve ser usado com habilidade. O efeito é extraordinário, se for bem empregada esta figura.

A COMPENSAÇÃO

Outro ornamento consiste na *compensação*. Vejamos este exemplo:

"Se em toda a sua vida particular só cuidou de seus interesses, na vida pública cuidará dos interesses dos outros?"

"Por um lado ele é intransigente quanto aos erros dos inimigos, e, por outro, fecha os olhos aos erros dos amigos".

A GRADAÇÃO

O emprego da *gradação*, progressiva ou regressiva, é de grande efeito. Exs.: "Decide-se, agita-se, ataca". "Murmura, resmunga, vocifera". Ou o inverso: "De início, vocifera; se lhe respondem resmunga; se o ameaçam, murmura; se o atacam, cala-se".

"O povo descrê, desespera-se, revolta-se".

Nos exemplos de gradação, dos contrários, devemos procurar o balanceamento das partes da oração. De início é difícil, mas o exercício termina por dar o pleno domínio. Consiste esse balanceamento no mesmo número de sílabas, de um lado e de outro. Vamos a exemplo: "A um a sorte lhe deu a felicidade; a outro o destino lhe deu o infortúnio".

Deve o estudioso de oratória construir frases dessas e compensá-las pelo balanceamento. O exercício continuado dará um pleno domínio e fluência.

Há certas gradações que oferecem muita beleza. Este é exemplo célebre: "Que mais resta de uma esperança de liberdade, se tais homens permitem tudo quanto lhes agrada, podem realizar tudo o que acreditam permitido, ousam tudo quanto podem realizar, fazem tudo quanto ousam, e não vêm ninguém desaprovar o que fazem?"

AS CORREÇÕES

Certas *correções*, em determinados momentos, têm um papel de estimulante para exaltações, para reafirmações por parte do auditório.

Este exemplo nos mostra bem o valor de uma correção: "Os actos que estes homens praticam desencorajam a todos; melhor, são um péssimo exemplo para todos".

Ou este outro: "Estes homens tem se esquecido dos seus deveres para com a pátria, melhor direi, tem traido a própria pátria".

Essas correções tem um papel importante. Se preferimos o que pretendemos dizer afinal, não causamos o mesmo efeito. Basta que observemos se uns aceitam a primeira afirmação, há entre os ouvintes os que aceitariam melhor a segunda. Aceita a primeira, é fácil alcançar a segunda, e satisfaz-se, assim, a todos. Além disso prepara uma escala ao que se quer dizer.

E esta uma das figuras mais importantes, cujo uso hábil dá força e brilho a um discurso.

A PRETERIÇÃO

Também a *preterição* é outra figura de não menos valor. Um exemplo aclara e mostra a sua força: "Não quero falar do suborno que praticou, nem das infâmias de que sua vida particular está cheia. Quero apenas, hoje, mostrar até que ponto chegou a sua incapacidade, a sua incompetência e a sua deshonestidade na malversação dos dinheiros públicos".

Ou então: "Se fosse referir-me às obras de benemerência que ele praticou desde a juventude, muito teria de dizer. Mas prefiro, salientar apenas a sua ação nobre e proveitosa na missão que ora assumiu".

O REDOBRAMENTO

O *redobramento* é uma repetição que serve para amplificar ou fortalecer o que se pretende dizer. "Infâmias, senhores acusadores, infâmias sobre infâmias são as vossas alegações".

Ou então: "Não te comoveram os rogos do povo nem as suas esperanças depositadas em tí, não te comoveram!"

Ou então: "Não poderia colocar-te ante o povo frente a frente, traidor das esperanças populares, não poderias justificar teus actos, traidor das esperanças populares".

O redobramento pode ser feito não só pela repetição, mas também, pela substituição de uma frase ou palavras semelhantes.

Ex.: "Puseste abaixo a constituição, e estabeleceste um regime de força e de indignidade; rasgaste a constituição para fazer o império dos teus caprichos e da tua incompetência transformados em leis!"

A COMUTAÇÃO

A *comutação* é produzida pe.a mudança da ordem das palavras, que revelam pensamentos contraditórios mas que parecem decorrer ou decorrem um do outro.

"O que dele se pode dizer, não se diz; o que dele se diz, não se pode dizer".

"Tu não podes fazer o que queres porque o que fazes não queres".

A HESITAÇÃO

A *hesitação* oferece alguns momentos em que os ouvintes são obrigados a escolher. Sobretudo quando se colocam perguntas em forma de dilema que obrigam a escolha de um ou outro, ou de ambos.

Um exemplo: "Ou o governo pode e não quer; quer e não pode, ou nem pode nem quer. Qual destas é a verdadeira situação?"

Outro ex.: "Revelam tais palavras má fé ou ignorância, ou ambas?"

"Qual dos dois o mais verdadeiro, ou o poder da lei ou a lei do poder?"

"Ante tais factos, uma pergunta nos desafia: ou confiamos no destino ou faremos o nosso destino?"

A ELIMINAÇÃO

A *eliminação*, que consiste em ir passando em revista as possíveis ideias, para, afinal, escolher uma, pode seguir-se à hesitação.

Os exemplos esclarecem: "Se o que o governo pode e não quer, trai os interesses públicos; se quer e não pode é incapaz; se nem pode nem quer, é, ademais, ineficiente".

"Não podes alegar ignorância, porque sabes que os factos não sucederam assim. Portanto, é a má fé que te move".

Ou então: "A lei do poder é o abuso desenfreado da autoridade, portanto só podemos desejar o poder da lei".

É preciso grande segurança no uso dessa figura, para que o efeito corresponda ao nosso desejo.

A SUSPENSÃO

A *suspensão das partículas* embeleza e dá força a um discurso, quando usada parcimoniosamente.

Ex.: "Homens indecisos, sem ideias, nada grande podem realizar".

A HIPÉRBOLE

A *hipérbole* é sempre uma exageração. Mas, em alguns casos, é ela de grande beleza, e se adequa perfeitamente ao tema tratado.

Por ex.: "Seu corpo é branco como a neve e seu olhar ardente como o fogo".

Tais hipérboles, comuns na poesia, podem ser usadas na oratória.

Mas convém cuidado para que não se transformem em irônicas, quando demais exageradas.

Quem dissesse de uma pessoa, de valor médio, que é um "Varão de Plutarco", como é comum ouvir-se, provoca riso.

Mas dizer-se: "Seu coração é grande como o mundo", para referir-se à bondade de alguém ou, por exemplo, "Como os grandes heróis, corajoso na luta e magnânimo na vitória", se corresponde a factos, não é ridículo.

A FRANQUEZA

A *franqueza* é um recurso muitas vezes feliz. Em geral, ela causa nos ouvintes um grande efeito, sobretudo quando se funda em factos.

Um exemplo aclara: "Por que vos queixais de vossos representantes? Por que vos queixais de terem esquecido os interesses populares para cuidarem dos próprios? Acaso, não cuidais apenas dos vossos interesses pessoais, e esqueceis o interesse público? Não preferistes que outros fizessem por vós o que por vós não fostes capazes de fazer?

Não foi ante os vossos olhos que tantas indignidades foram perpretadas? E acaso não correstes outra vez às urnas para sufragar nomes que não mereciam mais a confiança pública?"

Ou então: "Quem melhor pode cuidar de nossos interesses que nós mesmos? Quem tem fome não incumbe outro de comer em seu lugar. Se o povo fizesse, por suas mãos, tudo quanto o povo pode fazer, com o tempo poderia fazer tudo. Por que vos queixais dos outros? Não seria melhor queixar-vos de vós mesmos?"

Ou então: "Quero ser franco. Há verdades que devem ser ditas em altas palavras. A nossa covardia é a grande culpada de tudo quanto acontece. Se não somos capazes de fazer nada para o bem coletivo, renunciamos aos nossos direitos e deveres de cidadão, e preparamos o terreno para as ditaduras".

Às vezes a franqueza pode cair na brutalidade. Se não convém chegar até lá, pode suavizar-se hàbilmente.

Nos casos precedentes, podem acrescentar-se frases como estas: "No entanto, o povo tem uma capacidade de ação que nem de leve calcula. É à vossa nobreza, à vossa força que eu apelo".

Ou "Se vos falo assim, é porque desejaria ver tudo diferente. Desejaria ver o povo seguir o seu verdadeiro caminho?"

Ou para um indivíduo: "Se as minhas palavras são francas, elas não querem ofender-te, mas apenas mostrar que és capaz de ser diferente se o quiseres".

Essas licenças podem alcançar uma certa finura. Manejam-se com habilidade as palavras para alcançar o desejado. Este exemplo aclarará com segurança: "Vós cidadãos, sois confiados e esperançosos. A vossa boa fé leva-os a acreditar em todas as promessas. E, embalados, por elas, permitís que outros vos representem para fazer aquilo que vós mesmos poderieis fazer se o quisesses".

Ou esta: "Louvo a tua boa vontade, a tua boa fé, mas não posso deixar de incriminar tua ingenuidade. É o excesso de tua virtude que condeno, não o seu justo emprego".

Ou: "Que não o faça, aceito: mas ao permitir que outros o façam, francamente, não posso evitar de reconhecer que é cúmplice por omissão".

Estas atenuações se impõem muitas vezes.

A DISCREÇÃO

A discreção é de hábil efeito. Se queremos elogiar a inteligência de alguém, e se dissermos: "É o mais sábio de todos os brasileiros", provocamos dúvidas ou caímos em exagero. Mas se dissermos: "É dos mais sábios . . . etc.", todos aceitam fàcilmente. Sobretudo se alguém fala de sí.

Imaginemos que Churchill, ao falar de sua ação na última guerra, dissesse: "De todos sos ingleses, eu revelei a maior energia", embora se admitisse que assim fosse, tal afirmativa poderia ser julgada exagerada.

No entanto, ao dizer "Tudo fiz para não ser o menos enérgico dos cidadãos ingleses . . .", suas palavras provocam aplauso e admiração.

Ou então: "Como combatente pela minha pátria, tudo fiz para não ser o menor".

A EXPLANAÇÃO

A *explanação de um "quadro"* é de um efeito impressionante, sobretudo se as circunstâncias são expostas de maneira clara. Vejamos um exemplo:

"Se tudo o que se tem feito ùltimamente ficar sem punição, veremos a negociata desenfreada avassalar todos os cantos de nosso povo, a infâmia invadir todos os lares, a mentira instaurar-se dominadora nas páginas dos jornais, a concupiscência vitoriosa escarnecer de todos os homens probos e até vilipendiar-se a honra, e tornar suspeita a integridade".

Ou esta página de Alfredo Ellis:

"A propósito recordo-me de ter visto, há muitos anos, um quadro de Detaille. Não me lembro se o título era "Sonho da vitória" ou "Vigília das armas".

Um veterano das guerras napoleônicas sonha com a batalha, que se vai ferir, e com a vitória do dia seguinte. Vê no crepúsculo do sono e através do fumo dos canhões, seus velhos generais — amados e queridos — à frente das divisões e dos regimentos, rareados pela metralha inimiga, mas vencedores.

Esfarrapadas e tremulantes, rubras e orgulhosas, passam, com a rapidez do raio, as bandeiros vitoriosas da Pátria!

Sr. Presidente evocando este quadro da "Vigília das armas", extranho não ver os meus velhos chefes à frente dos batalhões sagrados da República, empunhando a nossa velha bandeira de guerra, mostrando-nos o caminho da victória.

Ao contrário, Sr. Presidente, sinto n'alma um profundo desalento, porque a defesa do ponto mais importante, mais sagrado para a vida da Federação está entregue à fraqueza de soldado tão humilde e de capacidade tão obscura. (Não apoiados.) A mim, Sr. Presidente, se me afigura este momento com o mais perigoso para os destinos de nossa Pátria.

Não é só o "coração da República" o art. 6.º da Constituição, é mais, é o "bulbo raquidiano" que vamos entregar à choupa do magarefe, porque, se um Presidente da República não quiser, ou não tiver interesse em abusar da medida que vamos conceder sem poder fazê-lo, ninguém sabe, ninguém pode prever-se, para o futuro, algum outro, mais desabusado, não passará por esta porta que o Senado lhe escancarará. A autonomia dos Estados desaparecerá.

Ao contrário desse quadro da "Vigília das armas", eu acho mais significativo, mais oportuno e de mais atualidade outro que também me recordo ter visto há muitos anos.

Napoleão, rodeado de seus velhos generais em Fontainebleau, desarmado pela defecção de Marmont, perscruta e sonda a alma daqueles legionários, tentando despertar nos peitos dos heróis o entusiasmo, o patriotismo e o ardor para a última defesa da capital da França.

Vendo, porém, o desânimo no rosto dos grandes generais, que haviam levado triunfantes as águias da França até Moscou, baixou a sua cabeça assinou a sua abdicação.

A frase histórica que nesse momento pronunciou foi a seguinte:

"Envelhecestes nos combates e nas batalhas. — Não precisais de glória! Acabou-se o entusiasmo — quereis o repouso! As comodidades da vida e os interesses congelaram o vosso sangue! Eu me entrego. Sejam felizes! . . ."

O DILEMA

Quanto ao *dilema*, há empregos de grande efeito. Exs.: "Não temo as acusações que se façam. Se não as mereço, cairão por terra. E se as mereço, elas não te comoverão".

Ou esta de um famoso homem público: "Para que elogiar hoje os serviços que eu prestei? Se vós deles vos recordardes, eu vos importunaria; e se já os esquecestes, poderiam as minhas palavras ser mais poderosas que os meus actos?"

A ACUMULAÇÃO

A acumulação das provas, num caso ainda conjectural, tem um grande efeito, sobretudo se os factos, tomados isoladamente, não são suficientes para dar uma certeza:

Ex.: Prestai bem atenção aos factos que se amontoam para mostrar, de maneira evidente, quanto há de má fé e de interesse ocultos em tudo isso; (e enumera-se aquí a sequência dos fatos averiguados, finalizando-se por dizer: ". . . . e tudo quanto vos disse é suficiente para que se caracterize, como justa, a acusação que acabei de fazer".

AS COMPARAÇÕES

O emprego das *comparações* cooperam para dar beleza ao discurso.

Ex.: "Assim como os ratos são os primeiros a fugir de um navio em perigo, os falsos amigos são os primeiros a fugir ao naufrágio que se avizinha, e os falsos partidários a abandonar o partido quando este conhece um malogro".

Não é difícil fazer-se comparações. Mas a regra capital é fazê-las belas. A similitude não precisa ser completa.

Vejamos estes exemplos de Rui: "A paixão da verdade semelha, por vezes, às cachoeiras da serra". Também se poderia dizer: Como as cachoeiras da serra é a paixão da verdade".

Rui prosseguiu: "Aqueles borbotões d'água, que rebentam e espadanam, marulhando, eram, pouco atrás, o regato que serpeia, cantando, pela encosta, e vão ser, daí a pouco, o fio de prata que se desdobra sussurrando, na esplanada".

Também poderia permitir esta ordem:

"O regato que serpeia, cantando, pela encosta, como a verdade alimentada pelas paixões que a exaltam, rebenta e espadana nos borbotões que caem do alto da serra, embora, daí a pouco, se torne no fio de prata que se desdobra, sussurrando, na esplanada".

Não só as coisas animadas e inanimadas nos oferecem muitas comparações, como, também, os factos do passado, que podem servir para belas comparações, como os da história, etc.

A rápida narração de um facto histórico, para compará-lo com os actuais, ou a rápida descrição de um quadro da natureza para compará-lo com outro, salientando-se as semelhanças, oferecem bons exemplos.

Lembrai-vos das belas comparações de Cristo, quando dizia aos homens preocupados, que o cercavam: "Olhai os lírios dos campos e as avezinhas do céu", querendo dar um exemplo àqueles que vivem inquietos pelas preocupações.

O RETRATO

É o *retrato* um meio excelente para caracterizar uma pessoa, chamando-se a atenção aos seus traços principais. Esse retrato pode ser fisionômico ou psicológico.

Um exemplo do primeiro: "Falo-vos desse homem, de apresentação simples e modesta, corpo franzino, olhar vivo e gestos expressivos, voz tranquila e segura, cuja vida, etc. . . ."

Ou então: "Falo-vos daquele que nos momentos difíceis de nossa pátria, quando é agitada pelas paixões políticas, corroída pela desconfiança, avassalada pelo desespero, sua palavra segura, suas atitudes sóbrias e ponderadas devolvem a todos a esperança . . ."

Ou: "Um facto de sua vida, e basta apenas este, é suficiente para dizer-vos quem foi Silveira Martins. Quando nomeado governador da Província do Rio Grande, o chefe liberal foi

instado por militares para que proclamasse nos Pampas a República, e seria seguido por todos. Uma resposta deu aos amigos: "Vou exercer um cargo de confiança e jamais farei uma traição!"

A narração de um fato histórico ou de um simples facto da vida particular, mas sobejamente expressivo, coopera para construir a figura para quem desejamos atrair atenção, simpatias, ou o contrário.

Todos os homens realmente grandes têm grandes gestos em sua vida.

E basta apresentemos um para que o auditório lhe devote consideração nova. É inconveniente acumular muitos factos, porque, então, pode aborrecer-se o auditório. A habilidade do orador está na escolha e na maneira de aproveitar o significado do que *retrata*.

Também pode o *retrato* ser usado para ridicularizar. Por ex.: "Este que tanto bradava da tribuna, foi o primeiro a ficar quando os companheiros partiram para o campo de batalha".

Ou: "Este homem, que na oposição acusava os desmandos e a incompetência dos governantes, no governo superou a todos em incompetência e desmandos".

Ou: "Quando vedes uma figura mirrada, cara de raposa, olhar inquieto, e gestos de avarento, podeis saber que é ele".

A hábil apresentação de um retrato tem efeitos extraordinários no embelezamento de um discurso.

Outro exemplo: "Não preciso contar-vos a vida desse homem, pois seria desafiar a resistência dos vossos estômagos. Basta que vos diga isto . . . (e segue-se o facto descrito simples e nìtidamente).

Ou este: "Quando todos temiam, ele tinha firmeza: quando todos desesperavam, ele tinha fé; quando todos abandonaram a luta, ele, sòzinho, empunhou as armas e salvou a honra de sua bandeira".

Ou: "Eu vos digo quem é Mauá. Quando se construia a estrada de ferro São Paulo-Jundiaí, e escaceava o dinheiro para prosseguir as obras, houve quem dissesse a Mauá que deveria abster-se de empregar sua fortuna numa obra que o levaria fàtalmente à falência. Ele respondeu apenas: "Não importa. O Brasil precisa desta estrada!" Este era Mauá".

O retrato é uma das figuras, que mais dão beleza a um discurso, e pode ser aplicado a uma grande variedade de orações.

A PROSOPOPEIA

A prosopopeia, que estudámos em nossos trabalhos anteriores, é uma figura perigosíssima. Consiste ela em dar a palavra a coisas inanimadas, e pode colocar o orador moderno no ridículo.

É aconselhável evitá-la. E as razões são simples. O homem de hoje, sobretudo das grandes cidades, não tem muita tendência ao animismo, a dar vida às coisas, para que elas falem. Se alguém disser tais palavras:

"Esta bandeira, que se impôs heróica à frente dos nossos soldados, parece dizer-nos: onde estão os descendentes das grandes campanhas? Por que deixam a pátria morrer aos poucos sob as acutiladas dos traidores?"

Pode ser ouvido com respeito, mas pode provocar não pròpriamente risos, mas dar uma impressão de mera tirada retórica.

No entanto, a prosopopeia, quando emprestando palavras a um personagem histórico, aplicada ao momento atual, pode ter um grande efeito. Vamos a um exemplo: "Não ouvís a voz do grande general: "quem for brasileiro que me siga!", não ouvís?"

RECOMENDAÇÃO FINAL

Só uma recomendação final nos cabe agora fazer ao que deseja aperfeiçoar-se na grande arte da oratória: nunca abandonar os exercícios, neles porfiar, com a máxima confiança em sí mesmo, sem desalentos.

Nunca adiá-los. E para tanto, recordar sempre as partes práticas, para não esquecer nenhum dos exercícios, cujo prosseguimento conjunto constrói, afinal, o pleno domínio da palavra.

COMO PROCEDER QUANDO HA UMA INTERRUPÇÃO

Quando, em um discurso, sobrevenha uma interrupção é preciso estar preparado para que não ponha o orador em situação difícil.

Muitas vezes o aparte de um ouvinte, uma frase jocosa, pode pôr o orador a perder. Temos visto muitos oradores, sobretudo em comícios políticos, sùbitamente perderem o domínio de sí mesmos, caírem num arrebatamento exagerado, ou enfraquecerem a força da argumentação, porque alguém lhes interrompeu o discurso com um aparte, muitas vezes pronunciado com o intuito de perturbar.

Impõe-se, portanto, uma série de providências que podem assegurar ao orador o domínio de sí mesmo, influir sobre o auditório, e anular a ação do aparteante.

Em primeiro lugar, convém escutar o aparte, respirar profundamente e não se precipitar na resposta.

Dar sempre a impressão que recebe o aparte com segurança. Não manifestar espanto nem temor.

Se o aparte for insultante ou irônico, se pretender depreciar ou menosprezar, tomar uma atitude digna. Responder calmamente, mas com segurança.

"Foi sempre um princípio meu respeitar o direito da palavra, mesmo quando precipitada, injusta e mal fundada". E prossiga com segurança, no tom anterior do discurso.

Há várias frases que podem ser propostas aquí, e as obras de oratória aconselham muitas. Faremos uma seleção:

"Tenho ouvido apartes de V. S., muito mais nobres que estes".

"A precipitação do vosso aparte é suficiente para refutá-lo".

"O aparte é uma provocação. Ele expressa melhor as intenções do aparteante".

"Se prestar um pouco mais de atenção às minhas palavras, terá uma resposta às suas perguntas".

"Não me abalam apartes, sobretudo quando eles revelam segundas intenções".

* * *

Mas pode dar-se que o aparte provoque risos fáceis. Não acusar o auditório.

Afirme apenas: "Pode haver certa graça nas palavras do aparteante. Há ainda palavras, de outros, mais engraçadas. Mas aqui não se trata de fazer graças".

E prossiga o discurso, no tom anterior.

Ou então: "O riso sempre aumenta a alegria do mundo. Mas nem por isso as palavras do aparteante deixam de ser infundadas".

Se o aparteante continuar procurando discutir, convém desanimá-lo. Use-se uma resposta respeitosa, e volte-se ao discurso.

A atitude nobre e respeitosa atrairá a simpatia do auditório.

Se o aparte for com algum humor, responder, se puder, com humor, e voltar ao tema do discurso.

Se for uma rectificação justa do que disser, agradeça e prossiga com segurança.

Se o orador preparar bem o que diz, evitará rectificações justas.

Se a interrupção for para pedir uma explicação, atenda-se com nobre solicitude, sem procurar desmerecer o acto praticado.

Se for uma pergunta de difícil resposta, faça-se outra ao aparteante, pedindo-lhe que a explique, e se não aceitá-la, conteste-se negando-lhe a boa explicação.

Evite-se desviar do assunto do discurso. Para tanto convém chamar a atenção dos ouvintes, dizendo que se responder às perguntas feitas, ter-se-ia que afastar do tema tratado.

Se o aparte for provocador e agressivo, peça-se ao aparteante que tenha senso de justiça e de equidade, e que permita prosseguir a oração.

Faça-se em tom sereno, tranquilo, revelando até simpatia.

Conquistar-se-á o apoio do auditório.

A regra principal é nunca perder a serenidade.

Nunca procurar ridicularizar o aparteante, salvo em casos raros, como o que vamos citar aqui, de um aparte que sofreu Silveira Martins.

"O deputado baiano Cesar Zama aparteia: "Perca-se tudo, mas salve-se a honra!"

Replica Silveira Martins:

Isso pode ser nobre para um indivíduo, mas é um despropósito para os Estados. Senhores, o primeiro dever dos Estados é a sua conservação, e a desonra de hoje pode ser a rehabilitação de amanhã. (Apoiados)

O homem, se perdeu a honra, perdeu tudo; mas a pátria hoje se desonra para amanhã reanimar-se, regenerar-se e levantar-se rediviva, pujante, de suas cinzas. (Apoiados) A França, há dias tão abatida, admira o mundo pelo exemplo de cordura, de energia e de vida, que dá, quando seus adversários a supunham prostrada para sempre. (Apoiados; muito bem)

O verdadeiro patriota tem um dever supremo: é o de considerar a pátria sobre todas as coisas, e tudo, tudo sacrificar por ela. A pátria não se desonra; aceita, Snr. Presidente, as condições do momento, as humilhações da desgraça; mas essas mes-

mas humilhações são muitas vezes um incentivo para a futura regeneração".

Aparteia o deputado Galdino das Neves: "Quando existem homens como Gambetta!"

O aparte despertou a mais franca hilaridade e Silveira Martins logo confunde o infeliz aparteante:

"Não sou tão pouco patriota, nem tão descrente dos homens, que julgue a minha pátria condenada a produzir sòmente cidadãos da estatura do nobre deputado, e que no meio de sua vasta superfície, povoada de tantos milhões de habitantes, não seja ela capaz de deitar um e muitos homens tão grande como os maiores de qualquer parte do mundo". (Numerosos apoiados; muito bem, muito bem.)

Façamos um pequeno parêntese. Estudando a figura de Silveira Martins Joaquim Nabuco escreveu:

> "Ele é o próprio auditório, sua própria "claque"; respira no espaço ilimitado da sua individualidade, de sua satisfação íntima, dos seus triunfos decretados com justiça por ele mesmo e depois homologados pela massa obediente; como o gaúcho respira nos Pampas, onde, no horizonte inteiro, nada vem interceptar, oprimir o seu largo hausto. É, em uma palavra, uma figura fundida no molde em que a imaginação profética vasava as suas criações.
>
> É o Samsão do Império. Desde logo é preciso contar com êle, que é, nesse momento, o que em política se chama povo, isto é, as pequenas parcelas de povo que se ocupam de política.
>
> Quando o espírito que ele encarnou o deixa e vai além animar e suscitar contra ele mesmo outras figuras, ele será tão intensamente odiado pela Revolução quanto fôra antes querido; mas, em um tempo, entre 1868 e 1878, foi ele em nossa política o ídolo de tudo que tinha a aspiração republicana, que sentia a emoção, a vibração democrática, e, como ídolo, o autocrata".

Vamos dar a seguir uma resposta a um discurso, que consta dos anais da Câmara Imperial. Do grande tribuno gaucho são estas palavras em resposta a Gusmão Lobo, que proferira forte discurso contra ele terminando desta forma: "Quem é o nobre deputado pelo Rio Grande do Sul para propor tal melhoramente para a sua terra natal? Donde veio? Para onde vai? Eu não o conheço!"

— "Sou Gaspar Silveira Martins, filho da heróica província do Rio Grande do Sul, vanguarda do Império do Brasil.

Vim da vitória das urnas e marcho para o futuro, para a prosperidade e para o engrandecimento de meu país.

E o homem que V. Ex. tem a ousadia de dizer que não conhece, é aquele que se fez conhecido no manejo da pena e da palavra, tantas vezes, nesta casa: da pena, fulminando os actos do governo, pelas colunas de "A Reforma"; da palavra, enfrentando com esse varão ilustre e respeitável que a história conhece pelo nome glorioso de João Jacinto de Mendonça!

Eu, agora, é que tenho o direito de perguntar: Quem é V. Ex.? Donde veio? Para onde vai?

V. Ex. é um representante do governo e eu sou um representante da nação. V. Ex. veio para esta Câmara imposto pelas baionetas do governo, e eu erguido nos braços da soberania do povo.

Já vê, pois, que não tem o direito de dirigir interpelações dessa ordem a um representante do altivo povo riograndense quem não passa de um eleito da fraude, de um designado da polícia!"

* * *

Ante o aparte não manifestar arrogância. Ser sóbrio, seguro e evitar demonstração de uma supremacia que possa causar repulsa.

Imagine o estudioso de oratória situações e apartes que lhe possam fazer, e exercite-se em respondê-los com a máxima segurança e domínio.

O homem, que revela domínio e sangue frio, impressiona sempre bem.

EXERCÍCIOS PRÁTICOS

EXERCÍCIOS PARA A MEMÓRIA

Ja houve quem dissesse que não há bom orador quando não há boa memória. É comum, em quem fala, certos lapsos que são sempre desagradáveis ao ouvinte, sobretudo quando assistimos a um orador que promete relatar um facto, e depois de provocar o interesse do auditório, revela que esqueceu certas passagens importantes.

Ninguém perdoa tais falhas. No estado de natural excitação e nervosismo em que se encontram os oradores principiantes, tais lapsos não são muito raros, e é preciso evitá-los.

Eis aquí a razão porque se impõem certos exercícios para fortalecimento da memória. Dispensando um estudo psicológico, que não caberia neste livro, por interessar mais a um tratado de psicologia, vamos examinar a memória que podemos adquirir e que podemos fortalecer.

Os que não são dotados de boa memória, devem, no entanto, sem deixar-se arrastar a um estado de excessiva preocupação, nem de dúvidas sobre suas possibilidades, fazer alguns dos exercícios indicados, e executar as providências, que passaremos a aconselhar.

a) Podemos iniciar por um exercício simples: olhar um objecto, fechar depois os olhos, e passar a descrevê-lo mentalmente. Abrir logo após os olhos, e verificar o que *esquecemos* e o que *lembramos*.

Executar esse exercício tantas vezes quantas for possível.

b) Abrir as páginas de um jornal, ler os cabeçalhos; fechar em seguida os olhos, e rememorar mentalmente, ou acom-

panhado por palavras, as frases lidas. Verificar logo depois, quais as frases esquecidas e quais as lembradas.

c) Tomar uma dezena, por exemplo, 45, e multiplicá-la mentalmente por uma unidade, 6 ou 7, e realizar a operação. Dado o resultado, verificar se está certo. Conseguindo o leitor fazer com facilidade essa operação, amplifique-a, trabalhando, por exemplo, com uma multiplicação de duas dezenas. Pode fazer exercícios, começando sempre pelos mais simples, até os mais complexos, de adição, subtração e divisão.

d) Leia um pensamento, duas, três, quatro vezes. Depois repita-o de cór. Obtida a memorização, medite sobre ele, e desenvolva exposições, à maneira dos exercícios sintéticos e analíticos.

e) Leia um bom livro em voz alta e corrija os defeitos de pronúncia imeditamente.

f) Ao ler um livro de pensamentos, medite imediatamente sobre cada um. Não leia simplesmente ao corrido. Faça pausas, e medite sobre as associações que surgem.

Algumas horas depois, procure memorizar o que leu e as meditações que teve oportunidade de fazer.

Depois de algumas experiências, procure nos dias sucessivos recordar-se dos temas que meditou, e rememorize as suas palavras e junte novas, com novos argumentos.

g) Há à sua frente um grupo de pessoas. Observe-as. Imediatamente procure recordá-las na ordem em que estão, da direita para a esquerda, e vice-versa. Verifique logo depois se acertou ou errou. Pode, também, usar uma fotografia de família ou de um grupo de amigos.

Recorde, na oficina em que trabalha, na rua em que mora, como estão dispostos os objectos. Verifique sempre a memorização.

h) De todos os exercícios acima, procure complicá-los sòmente quando tenha conseguido dominar os mais simples.

i) Foi ao cinema, assistiu a um filme, procure memorizá-lo desde o início ao fim.

j) Se alguém lhe puder ler algumas páginas, logo após procure memorizar o que elas continham, e verifique quanto acertou e quanto não.

k) Leu algum trecho de um livro, memorize se estava na página da direita ou da esquerda, se no alto, no centro ou em baixo, e verifique logo depois se acertou ou não.

l) Viu dois objectos diferentes, procure mentalmente ver os aspectos semelhantes e os diferentes. Verifique como procedeu.

m) Ler alguns versos e decorá-los. Começar por uma quadra, depois duas, finalmente um soneto, por exemplo.

Procurar reproduzí-los mentalmente, de vez em quando.

n) Tome de uma folha e escreva um termo, e depois acrescente todas as palavras (verbos, adjectivos, etc.), que lhe possam corresponder, bem como as afins ou derivadas, como as associadas por contiguidade e por semelhança.

Faça uso de um dicionário, e escreva inclusive frases, de sua autoria, sobre as diversas acepções que possa tomar o termo.

o) Ao assistir a uma palestra ou conferência, ou ao ler um artigo, etc., faça logo, de memória, uma síntese, e preferentemente a escreva.

p) Estude lógica e dialéctica para aprender os meios de correlacionar os conceitos com todos os que têm afinidade com eles.

Os exercícios de memória devem ser feitos constantemente. Não deve passar um dia sem fazê-los.

Não se preocupar com as dificuldades iniciais. Ter confiança em sí, e fazê-los com certa alegria, com júbilo. E não esquecer de rejubilar-se cada vez que vencer uma dificuldade.

Este júbilo é um alimento da alma, uma satisfação que tem profundas raizes em nosso ser, e é fonte de muitas das vitórias posteriores que podemos alcançar.

EXERCÍCIOS PARA DAR BRILHO E VIGOR Á VOZ

O ponto fundamental para o vigor e brilho da voz está no emprego constante dos exercícios respiratórios, já preconizados em nosso "Curso de Oratório e Retórica", e neste.

Oferecemos, ainda, neste capítulo algumas normas proveitosas.

1) Pronuncie ràpidamente as seguintes frases, embora sem nexo, evitando atropelar as sílabas:

Comprei poucas capas pretas práticas perto da praça Petrópolis.

Pilhei pingues ponchos para preparar.

Paralelepípedos pretos pontilham pelas portadas.

Muita gema come Camélia Cremer.

Traguei três tragos torvos na Taverna do Tigre.

Tres, tras, tros, trus, tris, trema, treme, tremi, tremei, tremó.

Chove a chuva chata.

Atrabilário turvo o Tibúrcio tribunício.

2) Trágica e tétrica tragédia lúgubre repercurte por bairros inteiros provocando terror.

Torva perfídia torturou o coração de Raul.

O olhar lacrimejante da Virgem repercute nos corações.

Resultariam trágicos tais tristes preságios agourentos.

O leal Raul louva a loura Laura.

Lava e leva a lata tal para lá.

Em lindas laudas louvam o Natal alegre.

Pronunciar frases como tais, mesmo sem nexo. Elas favorecem à flexibilidade da língua.

3) Tome de um texto e leia-o sem pronunciar palavras, mas apenas fazendo exageradamente os movimentos de lábios, da língua e da mandíbula. Descanse e prossiga.

Posteriormente ao exercício, leia o mesmo trecho pronunciando alto as palavras, mas fazendo os movimentos naturais que lhes correspondem.

5) Procure ler um trecho com o tom de voz mais agudo que puder emitir. O trecho deve ser curto. Evite chegar à tosse.

6) Leia um trecho no tom mais grave que puder alcançar.

7) Pronuncie um trecho de leitura na voz mais baixa, quase murmurada, mas cujo som saia do peito, com sentimento, bem morno, aveludado, mas profundamente afectivo.

8) Alterne, durante a leitura do trecho, as entonações, realizando as inflexões (flexões de tom da voz), suave e contìnuamente, sem pulos bruscos.

9) Procure colocar sempre a voz na boca e até nos lábios, nunca na garganta.

10) Ponha um lápis entre os dentes e leia um trecho pronunciando as palavras lentamente. Exercite-se para pronunciar assim sons em tom natural, em tom grave e agudo.

11) Emita, depois de inspirar profundamente, um som lastimoso, prolongado. Imite o tom de quem está abatido, acabrunhado por um sofrimento. Não force a garganta. Coloque a voz na boca.

12) Pronuncie nos lábios, fechados em círculos, sons como estes, mas sem esforço, lenta e prolongadamente:

uuuuuu . . . puuuu . . . luuu . . . vuuuu . . . rruuuu

Procure que o som seja profundo, vindo do peito.

Faça depois de alguns exercícios, por três minutos, o de pronunciar

ôôôôô . . . pôôôôô . . . lôôôôô . . . vôôôôô . . .

13) Sempre inspire antes de falar. Antes de pronunciar qualquer palavra, encha primeiro o pulmão de ar. Faça isso constantemente, até tornar-se num hábito, numa segunda natureza. Ser-lhe-á de muita utilidade.

14) Cantarole dentro de sí, de boca fechada, deixando ressoar os sons. Procure afinar bem a voz. Prefira melodias fáceis. Inspire sempre antes de expirar. Encha bem os pulmões. Acostume a sua respiração a tornar-se perfeita.

15) Faça ressoar o som do M, com a boca fechada. Depois abra levemente a boca e procure que o som não mude. Não se preocupe se no início se tornar difícil. Repita até conseguir, e pratique depois.

Pronuncie estes sons, colocando-os na abóbada palatina:
Mammmm . . . tammmm . . . pammmm . . . rammmm . . . sammmm . . .

Com ressonância também, na abóbada, pronuncie estes sons:
pannnggg . . . peennnggg . . . piinnnggg . . . poonnnggg . . . puuunnnggg . . .

Faça também, ràpidamente, com ressonância:
pang . . . peng . . . ping . . . pong . . . pung . . .

Dê-lhes uma ressonância bem vlara, bem brilhante.

Faça o mesmo exercício com os seguintes sons:
Bum . . . dum . . . fum, . . . gum . . .

Alterne-os com:
bamm . . . damm . . . famm . . . gamm . . .

Deste modo:

bam . . . bim . . . bom . . . bum . . . fam . . . fem . . .
fum . . . guem . . . guim . . . bemm . . . tim . . . fum . . .
rem . . . tum . . .

16) Pronuncie estas palavras, prolongando os sons, como indicamos:

Tennnnnho . . . Tannnnto . . . retorrrno . . . (*r* brando)

Profunnnndo . . . Reconhecennnndo . . . Palestrannnndo

17) Procure falar e não soprar. Quando fala, ponha a palma ou as costas da mão a dez centímetros da boca e veja se sente o ar. Com o decorrer dos exercícios, veja se prolonga a expiração. À proporção que melhor possa pronunciar com a menor expiração de voz, aumentará sua capacidade para usar a palavra por mais tempo.

18) Faça, diante do espelho, movimentos com os músculos do rosto, procurando expressar sentimentos. Experimente expressar alegria, tristeza, compaixão, revolta, ira, terror, espanto, esperança, curiosidade, dúvida, ansiedade, abatimento, entusiasmo, etc.

Depois que tenha conquistado a expressão clara, pronuncie frases correspondentes, bem claras e bem pronunciadas, acompanhando-as com a expressão. Nunca exagerar.

19) Leia um discurso, e procure pronunciar as palavras com os tons claros e expressivos. Primeira providência é procurar sentir, como se fossem suas, as palavras do discurso. Segunda providência é ler pausadamente fazendo as entonações e repetindo as frases para corrigir-se na busca do melhor som.

Procure inflexões (matizes de sons), passando de um tom para outro.

20) Observe os diferentes timbres de voz das pessoas com quem fala. Preste atenção aos defeitos. Ocupe-se do que têm de agradável. Procure finalmente imitar o que há de bom para sí e rejeitar o que tenha de desagradável. Aproveite para imitar os tons belos dos grandes artistas.

21) Devido à ressonância do nosso cérebro, não conhecemos bem a nossa voz. Se puder gravá-la, faça-o. Ouça depois e procure corrigir os defeitos que encontrar. Tome cuidado que a gravação seja boa e que não mude o timbre da voz.

22) Procure, nas conversações que mantiver, mudar as inflexões da sua voz, para aproveitar as ocasiões para exercitá-la.

23) Não deixe de cantarolar sempre que possa para ajudar a empostação da voz.

24) Se o tom de voz é baixo, antes de falar faça inalações de tintura de benjoim; se é muito alto, inalações de bálsamo do Perú fá-la-ão baixar. Para melhorar a clareza da voz, sòmente quando for falar, faça gargarejos de infusão de malva, cevada, alcaçuz, maçãs, etc. O fumo e o álcool afetam as cordas vocais, tornando-a um pouco rouquenha e pegajosa.

25) Exercite-se todos os dias e aproveite todas as oportunidades para alcançar uma voz vibrante, viva, clara e agradável.

Não se preocupe com as dificuldades iniciais. Com o tempo conquistará o que deseja.

Reproduzimos, a seguir, um trecho de Rui para exercício de inflexões de voz.

"Nem toda a ira, pois, é maldade; porque a ira, se, as mais das vezes, rebenta agressiva e daninha, muitas outras, oportuna e necessária, constitue o específico da cura. Ora deriva da tentação infernal, ora da inspiração religiosa. Comumente se acende em sentimentos desumanos e paixões crueis; mas não raro flameja do amor santo e da verdadeira caridade. Quando um braveja contra o bem, que não entende, ou que o contraria, é ódio iroso, ou ira odienta. Quando verbera o escândalo, a brutalidade, ou o orgulho, não é agrestia rude, mas exaltação virtuosa; não é soberba que explode, mas indignação que ilumina; não é a raiva desaçaimada, mas a correção fraterna. Então, não sòmente não peca o que se irar, mas pecará, não se irando.

Cólera será; mas cólera da mansuetude, cólera da justiça, cólera que reflete a de Deus, face também celeste do amor, da misericórdia e da santidade.

Dela esfuzilam centelhas, em que se abraza, por vezes, o apóstolo, o sacerdote, o pai, o amigo, o orador, o magistrado.

Essas fagulhas da substância divina atravessam o púlpito, a cátedra, a tribuna, o rostro, a imprensa, quando se debatem, ante o país ou o mundo, as grandes causas humanas, as grandes causas nacionais, as grandes causas populares, as grandes causas sociais, as grandes causas da consciência religiosa. Então a palavra se electriza, brame, lampeja, atroa, fulmina. Descargas sobre descargas, rasgam o ar, incendeiam o horizonte, cruzam em raios o espaço. É a hora das responsabilidades, a hora da conta e do castigo, a hora das apóstrofes, imprecações e anátemas, quando a voz do homem reboa como o canhão, a arena dos combates da eloquência estremece como o campo de batalha, e as siderações da verdade, que estala sobre as cabeças dos culpados, revolvem o chão, coberto de vítimas e destroços incruentos, com abalos de terremoto. Ei-la aí a cólera santa! Eis a ira divina.

Quem, senão ela, há-de expulsar do templo o renegado, o blasfemo, o profanador, o simoníaco? quem, senão ela, exterminar da ciência o apedeuta, o plagiário, o charlatão? quem, senão ela, banir da sociedade o imoral, o corruptor, o libertino? quem, senão ela, varrer dos serviços do Estado o prevaricador, o concussionário e o ladrão público? quem, senão ela, precipitar o governo o negocismo, a prostituição política, ou a tirania? quem senão ela, arrancar a defesa da pátria à covardia, à inconfidência ou à traição? Quem, senão ela, ela a cólera do celeste inimigo dos vendilhões e dos hipócritas? a cólera do justo, crucifixo entre ladrões? a cólera do Verbo da verdade, negado pelo poder da mentira? a cólera da santidade suprema, justiçada pela mais sacrilega das opressões?

Todos os que nos dessedentamos nessa fonte, os que nos saciamos desse pão, os que adoramos esse ideal, nela vamos buscar a chama incorruptível. E dela quem ao espectáculo ímpio do

mal tripudiante sobre os reveses do bem, rebenta em labaredas a indignação, golfa a cólera em borbotões das figuras da consciência, e a palavra sai rechinando, esbrazeando, chispando como o metal candente dos seios da fornalha.

Esse metal nobre, porém, na incandescência da sua ebulição, não deixa escória. Pode crestar os lábios, que atravessa. Poderá inflamar por momentos o irritado coração, de onde jorra. Mas não o degenera, não o macula, não o resseca, não o caleja, não o endurece; e no fundo são da urna onde tumultuavam essas procelas, e donde borbotam essas erupções, não assenta um rancor, uma inimizade, uma vingança. As reações da luta cessam, e fica, de envolta com o aborrecimento ao mal, o revelamento dos males padecidos.

Nesta alma, tantas vezes ferida e traspassada tantas vezes, nem de agressões, nem de infamações, nem de preterições, nem de ingratidões, nem de perseguições, nem de traições, nem de expatrições perdura o menor rasto, a menor idéia de revindita. Deus me é testemunha de que tudo tenho perdoado. E, quando lhe digo na oração dominical "Perdoa-nos, Senhor, as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores", julgo não lhe estar mentindo; a consciência me atesta que, até onde alcance a imperfeição humana, tenho conseguido, e consigo todos os dias obedecer ao sublime mandamento. Assim me perdoem, também, os a quem tenho agravado, os com quem houver sido injusto, violento, intolerante, maligno ou descaridoso".

NOVOS EXERCÍCIOS ANALÍTICOS E SINTÉTICOS

À semelhança do que fizemos em o "Curso de Oratória e Retórica", vamos oferecer, agora, novos exercícios analíticos e sintéticos, cuja prática deve ser constantemente mantida pelo estudioso, para que construa, afinal, um esquema de sua feitura, de tal modo que, tanto a análise como a síntese, se processem espontâneamente, toda vez que se tornam necessárias.

A primeira (a análise) permite fazer o desdobramento do tema principal do discurso; a segunda (a síntese), pela beleza que encerra, contribui para dar o traço sublime à oração, realçando-a sobremaneira.

ANALÍTICOS

Partamos deste aforismo de Hebbel, e construamos um esquema para desenvolvimento de pequena palestra:

"Se uma luzinha te atrai, segue-a. Conduzir-te-á ao pântano? Logo sairás dele! Mas se não a segues, toda a vida te martirizará o pensamento de que talvez fôsse *tua* estrela".

O esquema que desdobramos a seguir, serve de guia ao estudioso de oratória para discorrer sobre os temas que Hebbel oferece:

1) Há homens que na vida são como folhas secas, que os ventos outonais impelem, carregam de roldão, para aquí ou para alí. Mas, há outros que sentem à frente um destino, uma meta, um fim que desejam alcançar.

2) Os primeiros são levados pelos acontecimentos; os segundos querem dirigir seus passos.

3) Essa meta é uma luz que ilumina o caminho. Pode ser uma sublime meta, ou um fim medíocre. Talvez não nos ofereça o que esperávamos obter, pois ela aponta apenas um pântano, símbolo de toda estagnação, de todo tranquilidade podre, de todo malogro sem ruído, de toda derrota silenciosa.

4) Podemos conquistar uma bela meta ou não. Essa luz que nos ilumina à distância, parece-nos o destino. Se cairmos no pântano, dele sairemos afinal. A derrota, quando sobre nós se abate, parece irá aniquilar-nos.

Mas o tempo passa. O espanto do malogro cessa de nos dominar e a rememoração também causa de aguçar a nossa curiosidade ou a nossa amargura. A vida está à frente, e temos de vivê-la. Levantamo-nos, e continuamos a jornada.

6) Talvez, ante a luzinha que brilha, prefiramos permanecer onde estamos, e não seguir a rota que ela nos aponta. Preferimos esperar. Quantas vezes procedemos assim?

7) Mas essa espera, afinal, nos traz uma amargura. Quem sabe se aquela luz não era a nossa estrela? Quantas vezes, ao rememorarmos os dias que passaram em nossa vida, olhamos a tantas e tantas oportunidades que tivemos e desprezámos, que, se as seguíssemos, outro talvez fora o nosso destino. Passamos a viver as possibilidades perdidas com tamanha realidade, que somos até o que poderíamos ter sido. E quantos sonhos, e quantas possibilidades novas desabrocham-se ante os nossos olhos! Mas tudo isso perdemos porque não tivemos o ânimo de seguir aquela luz. Quem poderia nos dizer que não era ela a nossa estrela?

Aí temos um exemplo de como um simples aforismo, aliás de grande beleza, pode ajudar-nos a construir um tema para uma rápida palestra, quer entre amigos, quer em público, e que nos serve, sobretudo, de um grande exercício oratório.

* * *

Vejamos este outro exemplo de Hebbel:

"Que o homem, tão pouco amigo da verdade, tenha inventado o espelho, é o o facto mais surpreendente da história".

Esquema:

1) Das faculdades do homem, inegàvelmente, a imaginação é fonte de alegrias, de sonhos, de esperanças e até de angústias e desesperos.

2) Sem a imaginação, sua vida seria pobre, e se tornaria um simples animal, vivendo apenas as funções naturais de nascer, viver, reproduzir-se e morrer.

3) Há homens, no entanto, que a imaginação é tão seca, tão árida, que sua existência é despida de cores e de brilhos que lhe embelezem os acontecimentos.

4) O homem mente porque imagina. Sua mentira, ora surge da má fé, cheia de segundas intenções, ora serve para esconder a realidade aos olhos dos outros, ora não tem outro fim senão embelezar-lhe a existência.

5) O artista, com suas ficções, é um mentiroso que não peca.

6) Mas, e neste ponto, os moralistas assinalam uma das nossas grandes fraquezas. Mentimos mais por enganarmos a nós e aos outros do que para criar existências que não existem.

7) E tão forte é a mentira que, envolto nela, o homem perde muitas vezes a noção da realidade.

8) E o espantoso não está em o homem mentir, que é fructo de sua imaginação.

O espantoso está em ter ele posto ante os olhos um espelho, que lhe mostra como ele é.

9) Mas o homem mente para sí mesmo. E quantas vezes, ante o espelho, ao ver a realidade da face, que não esconde o que alma guarda, ele não exclama uma suave mentira a sí mesmo, como a de tantas mulheres que a vaidade enlouquece e se proclamam belas!

10) Não culpemos ao espelho por nos revelar verdades e indicar-nos um "basta!" aos nossos ímpetos. Muitas vezes, irreverente, ele nos aponta uma ruga, os cabelos brancos. São

dramáticas as expressões que ante ele fazemos. E a verdade que nos diz nos doi profundamente.

11) O homem mente, mas não pode fugir à verdade do espelho. É uma contradicção de que precisará sempre, porque é pelas oposições que êle se afirma. O espelho deu-lhe um sentido mais profundo à personalidade. Ante o que o rosto revela e o que somos dentro de nós, compreenderemos quão mentirosas são as nossas vidas.

12) Espelho — paradoxo do homem. Um brilho crú de verdade ante o falso brilho das lantejoulas da existência.

* * *

Vejamos agora este outro aforismo de Hebbel:
"Eu não sou uma águia!", disse a aveztruz, e todos admiraram sua modéstia. Mas torcia o gesto, não tendo tempo de acrescentar: "Não só voo perfeitamente, como também posso caminhar perfeitamente."

Façamos o esquema:

1) Recitemos o aforismo de Hebbel.

2) Muita lição nos dá este aforismo do famoso escritor alemão.

3) O homem sempre peca do pecado do orgulho. Este jamais o abandonará, porque Lúcifer o acompanha. Lúcifer, o anjo rebelado, é o símbolo do orgulho que peca.

4) Mas o orgulho só é pecado quando nega o valor mais alto.

5) Que vale o homem se não tiver consciência da sua dignidade e orgulho do seu valor? O orgulho é repugnante quando diminui outros valores para exaltar o seu.

6) A avestruz foi modesta. Ela compreendeu e aceitou que não era águia. Não lhe negou o valor. Mas, também, voa, e ainda sabe andar, o que não sabe a águia.

7) Mas ao querer falar deste modo, ela procurava igualar-se, no voo, à águia. Aquí ela pecava de orgulho.

8) Nós somos muitas vezes como a avestruz de Hebbel. O que temos de semelhante, afirmamos igual aos outros que nos superam, e acrescentamos o que temos ademais que nos outros se ausenta.

A pobre avestruz, tão humanizada, merece perdão, assim como nós, quando não exageramos o que somos. Mas, também, a falsa modéstia é pecaminosa. Uma lição moral podemos tirar deste aforismo: valorizemos o que somos, sem desvalorizar o que nos é superior, mas orgulhemo-nos de nosso valor, por dignidade ante nós mesmos.

* * *

Esquematizemos este aforismo de Nietzsche: "Não é a falta de amor, é a falta de amizade que torna infelizes os casamentos."

1) Poucos conceitos exigiram tantas palavras do homem como esta: *amor*.

E por que? É uma simples palavra, como o querem muitos? Ou tem um conteudo tão grande que permitiu que dele tanto se falasse e tanto se escrevesse?

2) O amor pode ser visto por dois lados: um amor como simples afeição, que se objectiva no objecto desejado, e um amor que, ao realizar tal forma, acrescenta ainda o querer o bem do que é amado.

3) Entre as pessoas humanas, quando temos afeição por alguém, cujo bem desejamos, dizemos que esse amor que devotamos é uma amizade. O amor é, assim, genérico, pois podemos empregar este termo para tão variados sentimentos.

4) A amizade é um amor ao bem de quem se ama. Um simples amor que deseja apenas satisfazer a nossa desirabilidade, ou o amor que devotamos a um objecto, porque corresponde ao nosso desejo, é um amor sem amizade.

5) Os casamentos que se fundam no primeiro amor carecem da amizade que exige o bem da pessoa amada. Amamos o nosso amor subjectivamente, e não o ser que por nos é amado.

6) É fácil compreender que um casamento onde o amor não se conjuga com amizade não pode ser um casamento feliz.

7) Nietzsche, deste modo, tocou no âmago da questão. Não se ama quando se ama apenas o nosso amor, mas quando amamos o bem do outro a quem amamos.

* * *

Esquematizemos este aforismo de Nietzsche:

"Fazem-vos a guerra? Temeis os vossos vizinhos? Tirai os marcos de vossas fronteiras, e não tereis mais vizinhos! Mas desejais a guerra, e eis por que colocais marcos em vossas fronteiras."

1) Nietzsche, filósofo alemão, é sempre apresentado como um propagandista da guerra. Os seus acusadores procuram, sobretudo em sua obra da juventude, frases que sirvam para justificar este julgamento. No entanto, aí temos uma que oferecemos aos acusadores.

2) Onde há fronteiras, os povos se separam. Onde as fronteiras se abrem, os povos se unem.

3) Quem fecha suas fronteiras, teme os vizinhos. E estes, por sua vez, também temem os outros.

4) Quando poderá haver paz se os homens se separam em raças, povos e nações?

5) Se os homens abrissem as fronteiras de suas pátrias e recebessem uns aos outros como amigos, como se alimentariam as desconfianças?

6) Mas há homens que desejam a guerra, porque dela muitos se enriquecem.

7) Portanto, constroem marcos em suas fronteiras, e fecham nas para separarem-se uns dos outros. E como evitar as desconfianças? E com estas, como evitar os preparativos bélicos? E como, depois evitar o choque fatal?

* * *

Analisemos este pensamento de Maudsley:

"Quanto mais cuidadosamente observamos, percebemos com maior clareza; pensamos mais correctamente, recordamos com maior fidelidade; é mais viva a nossa imaginação e mais sãos os nossos juízos".

1) Nossos conhecimentos são adquiridos através das nossas sensações.

2) O que dá agudeza aos nossos sentidos é a atenção. Para tanto devemos pôr toda nossa tensão possível no que desejamos captar.

3) Se nos imobilizamos, e observamos cuidadosamente, gravamos mais intensamente o objecto verificado.

4) Esta actividade torna cada vez mais aguda a nossa percepção, que aumenta de clareza, de nitidez, pois distinguimos o que vemos, e podemos melhor compará-lo com as idéias, que temos de factos semelhantes ou diferentes.

5) O desenvolvimento de nossa inteligência cresce com essa capacidade de reflexão, que se exerce através da comparação do que captamos com o que já construímos: idéias, conceitos, etc.

6) Por exercitarmos com acuidade a atenção, aumentamos a memória e consequentemente recordamos com mais fidelidade.

7) Auxiliada pela memória, pela representação dos factos, pelas imagens mais nítidas, nossa imaginação, que consiste em coordenar imagens diversas para dar-lhes novas ordens possíveis, torna-se, consequentemente, mais viva.

8) O aumento de nossa capacidade de examinar com cuidado, e a nitidez adquirida tornam-nos aptos a ter mais clareza

em nossos pensamentos e em nossos juizos, que deste modo se tornam mais saudáveis e seguros.

Desenvolver este esquema numa oração a um auditório imaginário e emprestar-lhe cores, brilho, e novos exemplos, que o tornem mais belo.

* * *

"Fiz isto" confessa minha memória. "Não é possível que eu tenha feito isto", diz meu inexorável orgulho. Finalmente a memória cede". (Nietzsche)

Organizamos um esquema deste aforismo:

1) Sempre discutiram os moralistas o orgulho no homem. Surgiram controvérsias. Uma virtude ou um defeito? Um bem ou um mal?

2) Convém distinguir. Há um orgulho injustificado, e um justificado. O primeiro é ridículo; o segundo é respeitável. Somos dominados pelo primeiro. Raramente se justifica o segundo.

3) Nossa vida está cheia de actos elevados e mesquinhos, nobres e vulgares, sublimes e toscos.

4) Quando memorizamos o que fizemos, há uma nódoa, uma mancha que nos repugna. Nosso orgulho é ofendido pela memória. Não resistimos ao choque entre o orgulho e a realidade.

5) Arrasta-nos o orgulho às justificações do que fizemos.

Acumulamos razões para explicar o *porque* da atitude.

6) Mas há momentos em que as razões não existem, nem seriam suficientes para salvar-nos ante nós mesmos.

7) Nesses instantes, esquecemos pormenores, negamos aspectos ou até o próprio facto. Nosso orgulho nos vence.

A mentira desejada torna-se realidade, e dela até nos convencemos.

8) Os psicólogos em profundidade, ao examinar a alma humana, revelam que há procedência no aforismo de Nietzsche, porque, na verdade, nosso orgulho vence a memória e esquecemos muito do que fizemos, ou negamos, até, os nossos actos, quando eles servem para provar uma inferioridade que não desejamos ter.

* * *

"Quem deprecia a sí mesmo, a sí mesmo se aprecia como traidor". (Nietzsche)

Esquema:

1) Não traimos sòmente os outros. Traimos a nós mesmos.

2) Se um acto de traição já é ignominioso por sí só, quando é realizado contra nós, faz-nos cair duplamente na ignomínia.

3) Muitos são infieis aos amigos, à palavra empenhada, à missão que assumiram.

4) Que maior missão para o homem que a plena realização de sí mesmo?

5) O que foge à luta ante os adversários é um covarde.

6) O que atraiciona os companheiros é um canalha.

7) O que ao trair-se, se desdobra entre o canalha que é, como traidor, e o traido que é êle mesmo, aprecia mais ao canalha que vive em sí que a sí mesmo, como um ser naturalmente considerado.

8) Trair-se, derrotando-se por sí mesmo, é vilipendiar-se, é destruir-se para gáudio do patife que em nós muitas vezes assoma. É apreciar nosso lado negativo, contra nós mesmos.

* * *

"O que não quer ver o que há de mais elevado no homem, busca com olhar penetrante o que nele há de mais baixo e superficial; deste modo revela seu próprio ser". (Nietzsche)

Esquema:

1) Há no homem cumes de montanhas, que penetram por entre as nuvens e onde voam as alciões; mas há, também, vales profundos que ocultam, nas trevas, vís e imundos animais.
2) Anjo e demônio, ascensão e declínio, grandeza e miséria; são no homem os polos extremos do bem e do mal;
3) Se alguns se enobrecem através de grandes gestos, e fundamentam a sua grandeza em actos eloquentemente belos, conhecem, por sua vez, mesquinhas atitudes, que expressam pequenez em acções gritantemente sórdidas.
4) Mas, se há homens que se orgulham da sua dignidade, há os que não a encontram em sí. Como não podem encontrar atrás de suas intenções, o que elas na verdade mascaram, e se seus gestos grandiloquentes são apenas um falso eco do que lhes soa dentro da alma, proclamam o baixo e o superficial como fonte de tudo quanto fazem.
5) Esses, na verdade, revelam o seu próprio ser, como nos mostra Nietzsche. Ninguém mais justifica a presença da deshonestidade do que o deshonesto, ninguém descrê tanto da amizade como o falso amigo, ninguém confia menos na lealdade que o desleal. O bom sofre as decepções. Mas crê no bem que vibra dentro de sí e não se considera único. Se é excepção, por que há de ser a única? Ele crê que outros hão-de ser como ele é. Pode admitir que poucos são os dignos, mas há-de haver tais poucos.

   Mas quem afirma apenas o superficial, o baixo e o bestial, esse não crê senão na sua própria realidade.

   Não é, portanto, de admirar que os medíocres santifiquem a mediocridade.

* * *

Damos a seguir alguns pensamentos curtos, que o estudioso da oratória pode analisar em busca das idéias implícitas que eles sintetizam.

Esse exercício analítico é importante e pode obedecer às normas expostas na parte correspondente:

"Busca que acharás o estribilho da vida . . ."

* * *

"Não batas muito forte à porta da felicidade. Ela pode se irritar . . ."

* * *

"O ideal de ontem é o desejo medíocre de hoje. Até os ideais envelhecem . . ."

* * *

"Quantas vezes, nos elogios que fazemos aos outros, há um elogio a nós próprios, porque gostamos de louvar àqueles que se nos assemelham."

* * *

"Engrandecer as nossas derrotas, não é muitas vezes uma homenagem que prestamos às nossas victórias?"

* * *

"Quem desmerece o adversário não desmerece a sí mesmo?"

* * *

"Há uma celebridade terrível: a de ser mediocremente admirado por todos."

* * *

"Há também uma certa felicidade: aquela que nos oferece a promessa da felicidade."

* * *

"Se dois homens vêem o mundo diferentemente, a culpa é do mundo?"

* * *

"Não tenho vaidades!" — Não sentis a vaidade no tom de sua voz?"

* * *

"A mais terrível de todas as dúvidas surge quando duvidamos de nós mesmos!"

* * *

"A rã não acredita num mais além dos horizontes."

* * *

"Nada mais desenxabido que a alegria copiada . . ."
"Não julgar ninguém nem punir, nem sempre é prova de bondade. Também pode ser timidez."

* * *

"A arrogância também é um recurso: eleva um pouco ao que se não é."

* * *

"A alegria dos outros dispersa os compadecidos. Não há nada para socorrer."

* * *

"Há ímpetos de bondade que se escondem atrás de gestos brutais. Não são poucas as vezes em que o mundo nos ensina tenhamos vergonha de ser bons."

* * *

"Foge sempre daqueles que fazem de seu mundo um mundo definitivo."

* * *

"Como é difícil fazer as coisas simples."

EXERCÍCIOS SINTÉTICOS

Reunir, numa síntese cheia de beleza e de sublimidade, uma grande soma de pensamentos, é uma das providências mais importantes para um discurso. Numa oração, quando somos capazes de reunir, numa bela frase, um conjunto de ideias, permitindo, deste modo, que a imaginação dos ouvintes trabalhe e complete o quadro, damos tal prazer e entusiasmo, que o discurso cresce de valor.

Vamos proceder a uma série de exemplos, para que sirvam, mais uma vez, de estímulo a esses exercícios que muitos retóricos chamam de "construção das frases lapidares."

Vejamos estas ideias: Ninguém pode negar que a liberdade é a suprema aspiração do homem. Os que a renunciam são fracos, almas de escravos, que desejam apenas obedecer e são incapazes de lutar. A liberdade não pode ser uma simples dádiva, pois é uma conquista do homem, através da sua imensa luta na existência pela sua afirmação. Os povos escravizados, que anelam por sua liberdade, não a conseguirão implorando aos poderosos que os auxiliem. É preciso entregar-se a uma luta sem desfalecimentos. E finalmente construí-la pela realização da sua força e do seu querer. Vejamos como Gaspar Silveira Martins, o grande tribuno gaucho traduziu em poucas palavras, lapidarmente, uma frase que ainda faz fremir muitos brasileiros sem alma de escravo:

"A liberdade não se conquista de joelhos; ela se conquista de espada na mão!"

* * *

Nietzsche nos dizia que só odiamos quem nos é igual ou superior. O ódio pode abrigar-se no coração daquele que se

sinta inferior, mas esse ódio é o do fraco e não o do forte. Quem deve ser odiado é aquele que foi digno de nós, aquele, ao qual poderíamos devotar uma amizade, uma afeição até bem forte, porque o reconhecemos tanto ou mais do que nós. Vejamos como Hebbel sintetiza sublimemente todas estas ideias:

"Não honres com o teu ódio quem não poderias honrar com o teu amor!"

* * *

Muitas vezes na vida conhecemos malogros. Caimos, ferimo-nos nas pedras que cobrem os caminhos. Passamos por instantes de esperanças, mas a sequência dos acontecimentos nos trazem magro salário que não nos alimenta. Alguns caem para sempre. Há até mortos em vida que teimam em perdurar.

Mas, em meio de tudo isso, há os que se erguem. Elevam-se outra vez, redivivos, cheios de esperança para continuar a batalha da vida. Nietzsche sintetiza tais pensamentos numa frase cheia de beleza e de sublimidade:

"Só alí onde há túmulos há ressureição!"

* * *

Podemos, com olhos pessimistas, olhar o nosso mundo, a sociedade em que vivemos e ver apenas suas mazelas, suas fraquezas e suas deficiências. Podemos, se nesse caminho seguirmos, sentir toda a nossa existência como um grande charco, onde nos chafurdamos todos, uns mais, outros menos. Mas há momentos, porém, em que nossos olhos se erguem para ideais mais altos, e sonhamos com uma vida melhor e mais digna dos homens. Se muitos não retiram os olhos do charco, outros, porém, querem ver além dos limites.

Oscar Wilde sintetizou esses pensamentos pessimistas, com um grito, no entanto, de exaltação humana, cheio de beleza e de sublimidade:

"Todos vivemos no charco, mas alguns erguemos os olhos para as estrelas!"

* * *

Quem, desde moço, não teve um ideal? Pode haver alguns, que como plantas animadas, seguem pela vida levados pelos acontecimentos. Mas há sempre aqueles que acalentam um ideal, colocado distante, mas que um dia esperam alcançar. Mas, passam-se os anos e acumulam-se sobre nós a cinza dos acontecimentos, a amargura dos malogros e os restos das esperanças desfeitas. Depois, quando os anos nevam os nossos cabelos e o tempo marca os seus traços em nosso rosto, o corpo verga como cansado dos anos que carrega, e os olhos, já de brilho baço, parecem incapazes de ver aquela luz que brilhara outrora à nossa frente.

Um grande fastio, um querer sem querer, apossa-se de nós. Não conhecemos mais ímpetos juvenis, um "não adianta!" põe-se sempre à nossa frente para congelar o nosso sangue. E ao olharmos a nós mesmos, sentimo-nos tão vazios, que nossa vida é apenas um esperar o fim que virá um dia certamente . . . Não são poucos os que olham para sí mesmos, hoje, como o são, e vêem, com os olhos do espírito, os sonhos desfeitos, dos quais apenas sobra uma amarga lembrança. No entanto, tudo isso pode ser dito em poucas palavras incisivas e cheias de todas as ideias expostas:

"Todo o que sente o fastio de sí mesmo é que se cansou de acalentar uma grande esperança pessoal."

* * *

Olhando a história humana, vemos surgirem muitas ideias, em torno das quais se reunem muitos homens, são uma promessa para muitos e uma certeza para quase todos. Elas surgem num ímpeto que avassala tudo à sua volta. Pretendem realizar em pouco tempo o que o desenvolvimento normal realizaria, seguindo o curso lento da vida. Não se pode esperar; é preciso ir mais depressa que o tempo. E se alguém pede que se espere, é considerado tíbio, fraco, indeciso.

Violentando o tempo, seus partidários avançam, põem-nas em ação para realizar o que viria. Mas antecedem os lanços do caminho, em botas de sete-léguas.

Essas marchas precipitadas, porém, encontram o terreno ainda não preparado, os homens ainda imaturos para as novas formas, uma resistência natural que não fora meditada. E é preciso retornar, voltar atrás, reconsiderar o que se deixou de fazer. Recua-se, meio derrotado, para os lanços que se julgaram ultrapassados. É como uma grande vingança do tempo que resiste sempre àqueles que o desejam ultrapassar.

E às vezes, a um passo à frente, impõem-se dois ou três passos para trás.

Estas ideias podem ser sintetizadas, e com grande força, apenas por estas palavras:

"É perigoso querer saltar os degraus!. Eles jamais esquecem tais tentativas, e o retorno distante é, às vêzes, a sua vingança."

* * *

O homem, em suas actividades, conhece funções que o elevam ante os outros, como as do médico, as do professor, as do cientista, as do sacerdote, quando votadas ao bem humano. Tais funções surgem ao lado de muitas outras, que cabem aos homens mais simples. Por exigirem muito sacrifício, estudo, uma constante vigilância, são consideradas nobres por isso. E são também raras.

Mas, podemos esquecer a função de poucos que, também, oferecem um exemplo de grandeza, como a daquele operário que arrisca a vida, no alto daquele edifício, para realizar um trabalho simples, mas perigoso? Podemos esquecer o valor do piloto que guia em alto mar, batido pelas tempestades, o navio onde centenas de vidas temem o seu destino? Podemos esquecer o valor daqueles mineiros que afrontam os perigos das entranhas da terra em busca dos minérios úteis aos homem? E a simplicidade daquela função de poucos, e tão grande que é, como a do homem humilde que limpa as ruas, para que a saúde pública seja preservada, enquanto põe a sua risco?

Há na raridade dessas funções e de muitas outras, algo que as distingue, que as eleva, que as torna dignas de respeito.

Pois todas estas ideias podem ser sintetizadas numa exclamação:

"Todas as funções nobres foram raras. Mas também há, nas funções raras, uma nobreza."

Impõe-se aqui uma observação importante. Um pensamento sintético, exclamado num tom levemente sentencioso, mais alto que o normal, como o pensamento acima, permite, depois, a argumentação a seu favor. A maneira sublime de proclamá-lo provoca a boa vontade do auditório. A demonstração posterior já não exige muito, mas apenas algumas frases que, com hábil manejo, embelezam de tal modo o discurso, que o agrado é certo.

* * *

Há pouco falámos das nossas esperanças malogradas. Mas, se muitas vezes as circunstâncias de nossa vida nos impedem que elas se tornem realidades, em outras ocasiões, sem que nos caiba qualquer culpa, vemo-nos envoltos por acontecimentos, que exigem de nós o abandono do que até então almejávamos. Olhai aquela jovem que poderia ser uma cantora, mas que teve de ceder às imposições da vida, ante os irmãos menores, órfãos como ela, que precisavam do seu trabalho quotidiano para ter o alimento de cada dia; ou a história daquele homem a quem os encargos de família obrigaram-no a tantos recuos em seus ideais, afim de não pôr em risco a segurança dos seus.

A nossa vida está cercada de tantos exemplos, e às vezes, nós mesmos somos o exemplo de um grande sacrifício em benefício dos outros a quem amamos. E pode-se acaso negar que, em tais actos, há uma grandeza que ultrapassa a tudo quanto superficialmente se possa pensar? Mas este sacrifício se torna ainda maior, quando é a nossa última esperança, que acalentamos ainda poder realizar, mas que as circunstâncias nos impedem.

Todos estes pensamentos podem ser sintetizados com vigor, deste modo:

"O maior sacrifício de sí mesmo seria o daquele que sacrificasse a sua última esperança!"

* * *

Quantos, ante um homem de valor, que sobressaiu graças aos seus actos, que se impôs ao respeito de todos por suas atitudes, que ergueu bem alto a sua inteligência, enchem-se de inveja. E estes, muitas vezes, usam a arma da calúnia para desmerecê-lo, ou a ironia ferina para pôr uma ponta de dúvida ao talento de quem invejam.

Fracos, impotentes em seus actos, pensando destruir o grande valor, na verdade, acabam por prestar-lhe uma homenagem, pois a calúnia dos mesquinhos não desmerece o grande homem, nem a ironia dos invejosos pode empalidecer a glória de quem a tem, conquistada pelos actos e pela inteligência.

Esta a razão porque, sem que o queiram, o acto que praticam, em vez de diminuir o valor de quem é atacado, serve para engrandecê-lo.

Tudo isso, sintèticamente pode ser dito assim:

"A ironia é uma homenagem que a fraqueza presta à inteligência."

* * *

É um aniversário, um dia de alegria que muitos comemoram, emprestando-lhe um brilho que se torna inesquecível. Quem é o aniversariante? Um homem simples, ou uma criança. Alguém que os anos acumulam decepções e alegrias, momentos de riso e instantes em que lágrimas matizam os olhos de um brilho suave. É tudo tão simples, tão quotidiano, tão comum. Mas não há acaso em tudo isso uma beleza? Não há em tudo isso um reconhecer a victória da vida? Não há em tudo isso, a satisfação de quem venceu mais um lanço do caminho? Há uma beleza nas coisas simples que nem todos sabem apreciar.

Como é linda e bela aquela criança na sua alegria descuidada, naqueles momentos em que todos celebram à sua volta mais um ano conquistado? É preciso ver tais beleza, pois a vida está cheia delas, e a nossa felicidade é construída pelas alegrias que a beleza oferece tão dadivosa em cada amanhecer, em cada crepúsculo, na planta que brota, anelante de vida, da superfície da terra, no pássaro que corta célere o espaço, na nuvem apressada que navega pelo céu, naquele que dá com o coração, naquele que sofre e cala as suas dores.

Sintèticamente, podemos dizer tudo numa frase incisiva:

"Há também uma certa felicidade: a de encontrar beleza nas coisas simples e quotidianas."

* * *

Muitos não sabem calcular o seu grau de coragem ou de covardia.

Como não têm inimigos intransigentes, permanecem calmos, tranquilos, e muitas vezes, ante uma simples adversidade, recuam ou dela se afastam. São, por isso, julgados covardes.

Mas eis que sùbitamente lhes surge à frente um inimigo encarniçado, que os ataca, ou que os ameaça insistentemente. A luta se lhes apresenta sem quartel.

Ou enfrentam-no, ou perecem. Fugir é impossível, pois a derrota os acompanharia para sempre, e nunca mais poderiam erguer-se. Reunem, então, suas forças, e enfrentam denodadamente o adversário que deles se aproxima. E lutam.

Quem negaria a tais homens a coragem?

Pois, em poucas palavras, e incisivamente, podemos dizer:

"A covardia é muitas vezes provocada pela falta de um inimigo intransigente, como a coragem é despertada pelos inimigos encarniçados . . ."

* * *

Há pessoas que não podem estar caladas, falam sempre. E tal prática teimosa, nem sempre é apenas o produto de um

temperamento. É que, enquanto falam, mascaram muito do que são, do que não teriam a franqueza de dizer. Temem o silêncio, porque, caladas, suas palavras não despistam para outros caminhos, e temerosas que lhes invadam a alma, ao olharem-nas bem nos olhos, conversam e desconversam sobre tudo e sobre todos.

Sintèticamente, poderíamos dizer:

"O silêncio muitas vezes nos denuncia. Por isso buscamos falar demais . . ."

* * *

Não há dúvida que nossas lutas, na vida, fortalecem-nos, endurecem-nos, e tornam-nos capazes de enfrentar novas situações, nas quais malograríamos se já não tivéssemos exercitado a nossa vontade e os nossos músculos.

Mas, muitas vezes, nossa vida surge sem nos oferecer grandes lutas, como se fosse um longo passeio à borda de um lago tranquilo.

E, porque os nossos anos se sucedem sem oferecer momentos de choque, não nos preparamos bem para quando eles surgem inesperadamente.

Precisamos ser constantes lutadores para que sempre estejamos em forma. Buscaremos os inimigos com os quais podemos lutar, nem que sejam dentro de nós. Há muitos pontos fracos em nossa alma, muitas ausências em nossas possibilidades actuais. É preciso lutar por vencê-las ou por adquirir o que nos faz falta. Deste modo estamos constantemente nos preparando para os embates que podem surgir quando menos esperemos.

Sintèticamente, podemos dizer:

"Cria o teu ininigo para que conheças uma victória. E se não o tiveres, faz de tí mesmo o teu adversário. Vence tuas fraquezas . . ."

OUTROS EXERCÍCIOS PRÁTICOS

Além dos exercícios por nós preconizados em o "Curso de Oratória e Retórica", oferecemos, aquí, outros de grande utilidade e valor, pois facilitam o pleno domínio das palavras, a par do domínio das ideias.

Consiste este exercício, do qual já demos algumas normas naquele livro, acima citado, em examinar as palavras sinônimas, para captar, entre elas, o que têm de semelhança e o que têm de diferença.

Exemplifiquemos:

As palavras *frágil* e *débil* são sinônimas. Um indivíduo é frágil porque cede ao seu coração, é incerto; mas o débil é inerte, falta-lhe ânimo, vida.

Podemos chamar a um homem de *franco* e de *leal*. Não é o mesmo, porém. Um homem franco é um homem recto, claro, sincero, diz sem disfarce o que sente, como o salienta Roquete. Já um leal, cuja palavra vem de lei, é, além de sincero, justo e equitativo, e cumpre os seus deveres.

Um homem franco pode não ser leal, mas a lealdade implica a franqueza; um homem leal é sempre franco. Por isso convém dizer-se é franco e leal e não leal e franco, porque já no conceito de leal, está o de ser franco.

Se *frívolo* e *fútil* são sinônimos, há uma diferença entre estes conceitos. Um homem frívolo põe demasiado escrúpulo no que é de somenos importância, ou quando trata superficialmente o que exige profundidade. Um homem fútil apenas se interessa por coisas fúteis, isto é, sem qualquer importância.

Pode-se falar num raciocínio frívolo e num fútil. Razões frívolas e razões fúteis.

Entre *grosseiro* e *descortez*, há as seguintes diferenças. É grosseiro quem não tem educação, é desatencioso para com os outros. Mas a grosseria é desculpável em certas pessoas. É descortez o que toma atitudes repreensíveis. Quem não responde a quem o sauda, é descortez.

Dá *prazer* o que apraz, o que dá satisfação, etc. Mas *delícia* implica um grau maior de prazer e *deleite* um grau maior de delícia.

Examine, pois, as semelhanças e as diferenças dos seguintes grupos de sinônimos:

Alma, espírito e ânimo — Altura e alteza — Alteração, disputa e debate.

Alugar e arrendar — Ambição e cobiça — Amizade e amor.

Anistia e perdão — Amor próprio e egoismo — Análise e decomposição.

Andar e caminhar — Antecessor e predecessor — Antipatia e ódio.

Apatia e indiferença — Antro e caverna — Apólogo e fábula.

Apossar-se e usurpar — Aparição e visão — Apetite e desejo.

Aprovar e consentir — Aprender e estudar — Arder e inflamar-se.

Árido e seco — Acusar e criminar — Arrazar e derribar.

Arte e ofício — Articular e proferir — Artífice e artista.

Aspirar e pretender — Assassino e matador — Astro e estrela.

Astúcia e ardil — Atrevimento e ousadia — Audácia e descaro.

Atitude e gesto — Atribuir e imputar — Austero e severo.

Autoridade e poder — Averiguar e verificar — Aviso e anúncio.

Olhar e ver — Baile e dança — Baixo e vil.

Balbuciar e gaguejar — Crueldade e ferocidade — Bárbaro e selvagem.

Batalha e combate — Beleza e formosura — Biblioteca e livraria.

Bondade e compaixão — Breve e curto — Calcular e contar.

Capaz e hábil — Capcioso e insidioso — Cara e face.

Carestia e escassez — Causa e motivo — Crítica e sátira.

Cheia e inundação — Chorar e prantear — Clandestino e secreto.

Claro e transparente — Clemência e misericórdia — Compilador e plagiario.

Conceber e perceber — Induzir e deduzir — Conjectura e presença.

Constância e fidelidade — Continuar e prosseguir — Contraditório e contrário.

Côr e colorido — Corrigir e emendar — Corrompido e depravado.

Crédulo e crente — Crescer e aumentar — Produzir e gerar.

Dar e entregar — Defender e justificar — Demonstrar e provar.

Denunciar e delatar — Derreter e fundir — Desamparar e abandonar.

Desculpa e escusa — Desertor e trânsfuga — Diário e diurno.

Divórcio e desquite — Dom e dádiva — Douto e doutor.

Elogio e louvor — Emulação e inveja — Enfado e nojo.

Enunciar e exprimir — Erro e engano — Erudito e sábio.

Estar certo e estar seguro — Excitar e incitar — Facção e partido.

Fadiga e cansaço — Fascinar e alucinar — Fazer e realizar.

Festim e banquete — Fingir e dissimular — Folga e folguedo.

Fortuito e acidental — Fugir e esquivar-se — Furtar e roubar.

Glória e honra — Gravidade e peso — Habilidade e destreza.

Imitar e copiar — Incógnito e desconhecido — Indivíduo e pessoa.

Intriga e mexerico — Justiça e direito — Laborioso e trabalhador.

Lícito e permitido — Melodia e harmonia — Móvel e movediço.

Mútuo e recíproco — Novo e recente — Obrigação e dever.

Opaco e sombrio — Ouvir e escutar — Perfeito e completo.

Povo e plebe — Privação e falta — Publicar e divulgar.

Punir e castigar — Riqueza e opulência — Ser e estar.

Susto e espanto — Tirano e déspota — Valentia e valor.

Verdadeiro e verídico — Vitória e triunfo — Voz e grito.

Com o auxílio de um dicionário é fácil verificarem-se as diferenças e semelhanças entre esses termos sinônimos. Por outro lado, serve também a análise que deles se possa fazer para realizar uma meditação, aplicando-os a casos conhecidos, nos quais se podem verificar a procedência ou não do emprego de tais conceitos.

Esses exercícios contribuem, não só para ampliar o vocabulário, como para aumentar a precisão dos termos, desenvolver a capacidade de raciocínio, e fortalecer a de discussão.

São exercícios, portanto, sobejamente úteis, e que devem ser praticados tantas vezes quantas forem possíveis.

Anotando-se os sinônimos, que sobre eles desejamos meditar, fazendo as comparações necessárias, podemos aproveitar o tema para, nas horas disponíveis, nos momentos de ócio, empreendermos rápidos exercícios de meditação, que favorecem o desenvolvimento de nossa inteligência.

No manuseio do dicionário, outros sinônimos surgirão e darão oportunidade para novos exames.

RECOMENDAÇÕES IMPORTANTES

CINQUENTA REGRAS IMPORTANTES

1) É preferível um discurso curto, com muitas ideias, eficiente portanto, que um longo discurso, que termina por cansar.

Não esquecer nunca que o auditório moderno gosta dos discursos curtos, expressivos, que não usem excessivos circunlóquios de início.

Deve-se pôr de lado tudo quanto não é imprescindível.

Se a beleza é importante para o discurso, nunca devemos sacrificar a clareza e simplicidade e, sobretudo, as ideias, pela beleza da frase.

Convém entrar logo no assunto, após uma breve introdução, evitando repetições ou excesso de argumentação que cansam o auditório.

2) Evitar o estilo didáctico, a aridez da exposição e as frases demasiado longas. Expor com clareza e colorido, em frases preferentemente curtas e incisivas.

3) Entre a excessiva eloquência e clareza das ideias, preferir sempre a última. A beleza, no discurso moderno, é um meio e não um fim.

O fim é persuadir o ouvinte ao que se deseja dizer. A beleza contribui, mas não é suficiente para convencer, se não estiver amparada em ideias claras e precisas.

4) Nunca se deve falar do que não se conhece bem. Desta forma se evitam certos erros que podem provocar o ridículo, e pôr o auditório em oposição ao orador.

5) Não espere que as grandes ideias lhe surjam no momento do discurso. Elas podem vir, mas às vezes, também, não. Deve acostumar-se, pelo constante exercício, a desenvolver a sua inspiração, para que, no momento preciso, esteja ela ao seu dispor.

O constante manuseio das obras já por nós indicadas, os exercícios de meditação e os exercícios sintéticos e analíticos dar-lhe-ão capacidade de criar quando for necessário.

6) Deseje com bastante ardor o que quer. Tudo quanto se deseja, com bastante persistência e fé, acaba por adquirir-se. Tenha fé em sí mesmo, fortaleça a confiança em suas possibilidades, e não se deixe abater por nenhum malogro. Lembre-se que nossa vida, também, é cheia de vitórias. Saiba aproveitá-las.

7) Estude quanto possa. Aproveite todo tempo disponível para aumentar os seus conhecimentos. Um orador deve ser um conhecedor do que diz.

Nunca deixe de fazer os exercícios de memorização, para aumentar o seu cabedal de conhecimentos. Quando tenha disponibilidade, faça balanço do que sabe sobre um assunto, e verifique o que não sabe e o que precisa saber.

8) Como orador, evite as superstições. Não considere que um objecto ou facto qualquer lhe possa facilitar ou obstaculizar o uso da palavra. Creia sempre na sua vontade, e em sí mesmo.

9) Tudo que leia de interessante, o que ouça de importante, o que medite de profundo, anote numa caderneta e releia, uma ou outra vez, as notas, fazendo-lhes críticas e análises.

10) Evite ser um joguete das circunstâncias. Lembre-se que sua personalidade deve ser forte. Um orador com personalidade, sem afetações, é mais hábil que qualquer outro para persuadir.

11) Faça análise das frases oratórias, e verifique se não são rotineiras. Evite o lugar-comum, o excessivamente repetido.

12) Procure ver todas as coisas pelo número maior de ângulos.

Ao considerar um facto, examine como o veriam homens de diversas ideias. Analise logo o "porque" dessas visualizações diferentes. Anote o que cada parte deixa de considerar e o que é acentuado e super-valorizado. Aprenderá, assim, a conhecer os pontos fracos e os pontos fortes de cada opinião.

13) Tudo quanto fizer procure fazer com cuidado e com a máxima perfeição. As menores coisas devem ser feitas com a máxima atenção.

Desta maneira exercitará sua capacidade atencional e consequentemente fortalecerá sua memória.

14) Alimente o seu entusiasmo e otimismo. Um orador deve sempre revelar saude e força e muita confiança no que diz para poder persuadir.

15) Rememore todos os seus julgamentos e verifique quando foi justo e quando não o foi. Analise-os, e discuta consigo mesmo as opiniões que apresentar. Balanceie as oponiões, ponha razões defensivas para o que ataque, sopese-as para que não lhe escape nunca o que justifica os actos humanos. Faça tudo isso com ordem.

16) Escolha alguma coisa para estudar e o faça com afinco e persistência. Seja conhecedor bastante, pelo menos, de uma matéria.

17) Evite dizer o que não sente, o que não está em seu coração. Acabará por denunciar-se. Se quer seguir um rumo, uma ideia, um credo, seja sincero no que segue, e dê-lhe toda a sua afectividade. A confiança no que sente e no que diz infunde aos outros confiança.

18) Quando fale em público, convença-se que realiza um grande acto social.

Lembre-se que todos esperam suas palavras e que está, automàticamente, num plano superior. Tenha confiança em sí, e comece a falar firme e com segurança. Suas palavras seguras lhe auto-estimularão a prosseguir com segurança. Exercite bem o início dos discursos.

19) Capte, desde início, a confiança do auditório. Siga as regras que demos na organização técnica do discurso moderno.

20) Exercite sempre a unidade da oração. Não permita que seu discurso seja rico num ponto e pobre noutro. Dê-lhe a coerência que é necessária.

Recorde as regras já apresentadas. Releia-as sempre, e exercite-se nelas.

21) Procure ser justo em seus actos e pratique o bem. Terá forças interiores que se revelarão nos momentos preciosos. Quem é interiormente forte, revela, através de suas expressões, a força que o anima.

Há muitos que dominam a palavra, mas sentimos logo às primeiras frases que não sentem o que dizem, bem como não praticam o que pregam.

22) Dê sempre relevo ao que diz de mais importante. Mas evite a ênfase exagerada. Pronuncie com segurança e firmeza, fazendo as pausas necessárias. Não há necessidades de patetismo, de volume excessivo de voz. Basta que revele a certeza que tem no que diz. Todos respeitam sempre o homem sincero, note bem.

23) Evite dizer com arrebatamento o que tem pequeno valor.

24) Só use a ênfase e a fogosidade naquelas partes do discurso em que são necessárias. Nunca inicie com "toda a força".

25) Se fizer os exercícios respiratórios, sua voz alcançará a regularidade e evitará o exagero. Por isso não deixe de fazê-los.

26) Um orador deve infundir simpatia. E só a infundem aqueles que cultivam a simpatia para com os outros. Procure desenvolver sua capacidade simpatética, procurando nos outros o que é digno de ser amado. Não se iluda: quem está carregado de antipatias e de ressentimentos, revela-o logo e provoca aversão.

27) Tenha sempre palavras de ânimo para com os outros. Procure sempre ser justo, mas lembre-se que a benevolência deve ser empregada desde que não ofenda a justiça nem prejudique a ninguém. Seu espírito acabará impregnado de tamanha força, que as suas palavras estarão carregadas de um entusiasmo que infundirá respeito aos outros.

28) Interesse-se sempre pelos outros, pense no que lhes pode ser melhor. Crie à sua volta um ambiente de simpatia. São forças que alimentarão a sua confiança em sí.

29) Evite o pessimismo negro. Os pessimistas são "desmancha-prazeres".

Seja sempre delicado e cortez. Atrairá para sí o respeito.

30) Tome sempre parte em todas as obras sociais que estiverem ao seu alcance. Seja activo e converse com os outros, e sempre tenha palavras de esperança e de optimismo.

Revele confiança, pois despertará confiança. Todos acabarão confiando em sí.

31) Procure ter ideias próprias, não se preocupe em ser pròpriamente original, pensando de modo totalmente diferente dos outros.

Aceite o que julga certo, e aplauda. Quando tenha que discordar de alguém não esqueça que deve ser cortez. Aceite o que é positivo da parte do adversário, e confesse sua aceitação. Mas critique com energia o que está errado. Todos acatarão as suas palavras, e até o próprio adversário. Evite os elogios fáceis ao adversário.

32) Medite sempre todo e qualquer pensamento que lhe merecer a atenção. Examine os termos, e procure os conteudos. Analise-os cuidadosamente, sem pressa.

33) Entre as ideias que lhe surgem, quando pretende falar, examine quais são aquelas que conhece com segurança. Escolha estas, e deixe de lado as outras.

34) Evite parecer aos outros apenas um repetidor de ideias.

Dê sempre um cunho pessoal ao que diz. Ponha seu sangue, o calor de seu corpo, torne *suas* as *ideias*.

35) Estude lógica e aprenda a raciocinar sem erros.

36) Evite expressar pensamentos confusos, débeis, indecisos. Não mostre que vacila. Revele confiança no que diz.

37) Autoanalise-se e procure descobrir em sí todos os defeitos que lhe impedem agradar aos outros. Depois procure libertar-se deles.

38) Não aceite as ideias que lhe expõem sem examiná-las.

39) Evite divagações e perder o fio do que diz. Evite a difusão, que é perder-se em pormenores. Só associe ao discurso o que sirva para fortalecê-lo. Evite perder-se em comentários.

40) Sacrifique tudo, menos a clareza. Nunca é demais repetir.

41) Lembre-se sempre que a oratória moderna exige lógica, consistência, firmeza no que se diz. Ideas claras e bem fundadas.

42) Ao ler um artigo num jornal, faça interiormente a crítica. Será conveniente que a escreva. Depois releia, e retire todas as palavras menos importantes, reduzindo tudo à essência do pensamento. Faça tais exercícios para alcançar a clareza e a sobriedade.

43) Evite as discussões desordenadas. Quando estiver com amigos, faça todo o possível que, ao conversar sobre um assunto, não se mude logo para outro. Deve-se deixar de falar num tema, quando não se tem mais nada que dizer. Se conseguir um grupo de amigos assim, poderá transformá-lo num "grupo de oratória", que será de benéficos resultados para todos.

44) Lembre-se sempre desta frase de W. Drumond: "Quem não raciocina é um fanático; quem não pode raciocinar é um tolo; quem não se atreve a raciocinar é um escravo".

46) Para o pleno desenvolvimento das qualidades mentais aconselhamos os nossos livros: "Filosofia e Cosmovisão", por

dar uma visão geral dos temas principais da filosofia, sob ângulos novos; "Lógica e Dialectica", por estudar os modos de raciocinar em sua maior plenitude; "Psicologia Geral", pelo conhecimento que oferece da alma humana, e finalmente nosso "Curso de Integração Pessoal", no qual oferecemos os mais seguros exercícios de domínio interior e de coesão do espírito, bem como de aprofundamento e ampliação de nossas capacidades intelectuais e afectivas.

47) Pratique o optimismo e o riso. Um dos melhores alimentos da alma é a alegria. Ela areja e ilumina ainda as ideias. A alegria tem um papel vivificante e estimulador de ideias, de entusiasmo e de confiança. Dá força de persuação ao que se diz.

48) Enriqueça seu vocabulário, procurando a afinidade entre as palavras.

Aproveite o que oferecemos, e procure outros termos e reuna todas as palavras que são delas decorrentes.

49) Tudo quanto escrever, corrija lendo alto, e evite os sons desagradáveis ou a expressão chã.

50) Se puder organize um "grupo de oratória", ou inscreva-se em um.

Aproveite todas as oportunidades para desembaraçar-se e adquirir a palavra fácil, fluente.

REGRAS GERAIS PARA A CONSTITUIÇÃO DE "GRUPOS DE ORATÓRIA"

Toda a experiência humana revela que a oratória se torna eminentemente prática, quando o estudioso desta nobre arte se exercita em público. Nada melhor para tais exercícios que os "grupos de oratória". Já existem muitos, e constituídos de diversas maneiras.

Damos a seguir algumas regras gerais para a actividade de tais grupos.

Em primeiro lugar, queremos ressaltar as vantagens que deles decorrem para o estudioso de oratória, além das que tivemos ocasião de assinalar em todos os nossos trabalhos, chamamos sobretudo a atenção que, num grupo de oratória, quem toma parte no mesmo, encontra um ambiente mais propício para a aprendizagem, pois todos os que o constituem estão alí para adquirir a palavra fluente. Há, assim, oportunidade não só de estimular-se com os trabalhos dos outros, de evitar certos erros graves, como também o de não sujeitar-se a malogros que podem, posteriormente, criar inibições e falta de confiança em suas reais possibilidades.

Vejamos agora as regras principais.

Um "grupo de oratória" deve, em primeiro lugar, ser constituido de pessoas ávidas de conhecimento, amantes do saber, e bem intencionadas, portanto.

Não deve ter apenas a finalidade de entreinamento para a conquista da palavra fluente. Um grupo de oratória não é

apenas uma academia de ginástica da palavra, mas uma assembleia de valores humanos, que têm de respeitar a ética do orador honesto.

Deve ser um núcleo de propagação da cultura, do saber humano e do desenvolvimento da personalidade dos seus membros, indicando-lhes, ademais, um ideal a atingir, em benefício, não só pessoal como colectivo. Deve ser uma escola de humanismo, de dignidade e de respeito humano.

Deve propugnar por elevados ideais, traçar uma ação social útil, dentro naturalmente de suas possibilidades, e desviar-se tanto quanto possível de outros interesses que possam desvirtuar uma finalidade superior, como é o da realização de uma cultura desinteressada.

Reunindo-se, pelo menos uma vez por semana, deve traçar um programa de acção.

Sua constituição deve ser dúplice. Uma directoria permanente, a par de uma direcção móvel dos trabalhos.

Todos os membros de um "grupo de oratória" devem assumir as funcções que lhe são destinadas.

Durante as sessões, devem *todos*, por rodízio, passar por *todos* os cargos da mesa, a fim de se acostumarem às diversas funcções, como a de presidente, secretário, proponente, oponente e sintetizador.

Os debates que se travem devem ser organizados, obedecendo a esse espírito de cooperação e de exercitação das funcções.

As controvérsias são imprescindíveis, pois estimulam aos presentes.

Em todas as sessões devem ser debatidos sempre temas de actualidade e os que se refiram ao aperfeiçoamento individual, integração pessoal, desenvolvimento da personalidade, etc.

Desta forma, a ordem dos trabalhos, que deve ser organizada, segundo as características do grupo, nunca deve deixar de conter:

1) temas actuais;

2) temas éticos.

Todos os membros do grupo devem tomar parte activa nas reuniões, o que lhes facilitará a quebra da emotividade, que provoque inibições, acanhamentos, etc.

Há vários métodos para alcançar este fim, que podem ser empregados logo nas primeiras reuniões:

a) Leitura de uma obra, lendo cada membro um trecho, e passando em seguida o livro para outro membro, e assim sucessivamente, a fim de que cada um ouça as suas próprias palavras, num tom fora do comum, na presença dos outros;

b) leitura de uma peça de teatro, distribuindo-se os papeis para os presentes;

c) ler um livro de pensamentos, encarregando-se cada um dos presentes para ler alto um dos pensamentos e tecer, imediatamente, alguns comentários.

Abrir, logo, se possível debates sobre a ideia contida no pensamento.

Nunca mudar de assunto, enquanto não se tenha dito tudo quanto se sabe sobre o tema.

Desta forma, não só se familiariza o membro do grupo a ouvir sua voz, em tom aumentado, e em face de outros, como, pela análise exaustiva do tema debatido, a evitar a vagabundagem do pensamento, que trata de tudo por alto sem tratar de nada, e que é tão prejudicial ao desenvolvimento da capacidade atencional.

Só se deve tratar de palestras, conferências generalizadas quando quase todos os componentes do grupo já tenham obtido o desembaraço medianamente, necessário.

Aproveitar todas as datas históricas, nacionais ou de outros povos, para que se estabeleça uma sessão especial, ou até nas

ordinárias, nas quais um orador tratará do tema principal, com controvérsia, no final.

Os factos da história devem ser empregados como temas para discurso, servindo como motivo para comparações, analogias e significação para a humanidade.

Organizar mesas redondas, para debates sobre temas de actualidade. Por essas mesas redondas devem passar todos os membros do grupo. O tema deverá ser debatido pelos membros da mesa, passando-se, depois, ao auditório para que se manifeste sobre o que foi estudado e debatido.

Em todas as sessões, no fim, um membro do grupo, que deve ser sempre substituido por outro, para que todos tomem parte, deve fazer uma oração que seja uma síntese ordenada do que foi tratado. Durante as orações e debates, o orador-sintetizador deve anotar todas as afirmações e controvérsias, para coordená-las no final.

É um exercício pelo qual todos devem passar.

Quando dos debates, procure-se dividir os oponentes, segundo as afirmações em que se apoiam.

Ao presidente cabe fazer a distinção das ideias propostas e controlar os debates, sem neles ter outro papel que o de orientador. Desta forma, exercerá certa autoridade necessária para a boa ordem dos trabalhos. Deve evitar alusões pessoais que firam a susceptibilidade, bem como desvios do assunto.

Os presentes podem fazer críticas aos oradores, sempre num nível elevado, com o intuito de cooperar em bem de todos. O presidente, que exerce um papel de relator, nesses debates, deve evitar críticas exageradas que possam levar a situações desagradáveis, como sejam elogios demasiados, que se tornam até irônicos, ou acusações de erros não suficientemente fundadas, que podem motivar ofensas, etc.

Seria conveniente que o grupo pudesse organizar um boletim mensal, a princípio mimeografado, onde fossem compendiados os debates e as orações proferidas, bem como trabalhos literários dos membros do grupo, acompanhados de críticas, etc.

As regras que propomos são apenas gerais. As condições do grupo determinarão outras, bem como a iniciativa dos elementos componentes deve tender para a criação. Neste caso, há uma regra, a principal, que sempre aconselhamos: quase nunca erramos por ter tentado demais, mas sim por termos tentado pouco.

A capacidade criadora dos grupos deve ser estimulada.

Os grupos devem procurar grupos afins para concertarem possíveis sessões conjuntas, onde se debatam temas dos mais diversos.

É mister aos grupos evitar a monotonia. As sessões nunca devem cair na rotina, o que provoca o afastamente de muitos interessados. Todas as sugestões boas devem ser discutidas e preferentemente experimentadas. A experiência acabará por mostrar quais as que melhor convêm.

Não se deve *a priori*, isto é, antecedendo à experiência, rejeitar o que é proposto, quando ofereça uma mínima probabilidade, que seja, de bom êxito.

REGRAS PARA DISCURSOS SEGUNDO OS TEMAS

Os discursos de banquetes, aniversários, casamentos, baptizados, e outras celebrações variadas, não podem ter as mesmas regras e os mesmos moldes dos discursos solenes, das orações fúnebres, conferências, etc.

Algumas regras prácticas caracterizam desde logo o que é imprescindível para a boa feitura dos discursos que ora vamos tratar:

1) *Simplicidade* — Não permitem tais discursos que se invadam temas eruditos, nem profundos. Nessas ceremônias, o orador é sempre recebido como algo desagradável, pois a finalidade da reunião não é ouvir a palavra de alguém.

   Consequentemente o discurso deve ser simples, por que é apenas tolerado pelos ouvintes. Obedecida esta regra e a da

2) *brevidade*, o orador é apreciado, naturalmente por todos.

   Nessas ocasiões os discursos não devem ser superiores a dez minutos, sob hipótese alguma.

Lembremo-nos desta classificação:

a) Há ceremônias em que os discursos são essenciais; e

b) ceremônias em que os discursos são acidentais.

Nas primeiras, os discursos são imprescindíveis, como por exemplo numa sessão fúnebre, numa conferência, num parlamento, num comício, etc.

Nas segundas, a finalidade dos presentes não é ouvir discursos. Neste caso o discurso é acidental, portanto sempre encontra uma disposição contrária.

Como decorrência da simplicidade e da brevidade, o discurso deve ter:

3) *Clareza*, que é obtida por exposição fácil, nítida.

4) *Agradabilidade* — Essas condições acima citadas permitem dar agradabilidade ao discurso, pois não obrigará o auditório a pensar. Lembremo-nos que sempre, nessas celebrações, é impossível obter um silêncio e uma atenção completa. Portanto, deve evitar-se tratar de temas que exijam atenção e reflexão.

5) *Afectividade* — As palavras do orador devem dirigir-se às afeições humanas, aos sentimentos, tratados optimísticamente, sem morbidez nem sombras, pois nessas celebrações há sempre um estado emotivo alegre.

Acentuar a alegria, dar mais optimismo ao ambiente, é garantir ao orador pleno aplauso e satisfação de todos. Não se deve falar de coisas tristes, de acontecimentos dramáticos, nem despertar a atenção para possibilidades desagradáveis, que provoquem preocupações aos ouvintes.

A voz deve ser clara, vibrante, cheia de calor e de emoção, revelando sempre entusiasmo, alegria. Um sorriso deve predominar no semblante e evitar dar um aspecto solene ou grave ao rosto, aos gestos e ao tom de voz.

COMO FAZER O DISCURSO

Introdução: Saudação aos presentes, na ordem da celebração. Por exemplo, num casamento, aos noivos, aos pais, aos padrinhos e aos presentes. Pode iniciar-se por uma frase que seja adequada ao acto, seguindo-se a saudação. Esta segunda forma, deve preferir-se quando o ambiente revele, de início, pouco interêsse pela oração que se irá pronunciar.

Essa frase deve ser mais bela quanto possível.

Finalidade: A seguir à saudação, entra-se na finalidade da celebração. Simplicidade sempre, e nada de excessos na descrição do acto, pois todos já estão cientes do que se trata.

Deve-se salientar apenas algum aspecto original, não comumente lembrado.

Afectividade: Busca irmanar os presentes ao ponto central da celebração, identificando-os e, para tanto, podem usar-se, neste momento, frases càlidamente emotivas, até um pouco místicas, para que se consiga ultrapassar as separações naturais entre os homens e realizar a fusão afectiva, que dá à festa o caracter do que se chama a comunhão. A habilidade do orador em despertar esse estado emotivo garante o êxito da oração.

Peroração e fecho: A parte afectiva é pròpriamente a peroração, à qual se pode juntar uma frase célebre sobre a celebração, um pensamento estético, com bastante beleza, mas positivo, animador, optimista, e encerrar o discurso sem dizer desses comuníssimos e já batidos: "disse" ou "Tenho dito" ou "Falei".

Basta um gesto para dar o sentido do término. Se as mãos estiverem erguidas, quando do fecho, deixá-las cair lassas e baixar levemente a cabeça, dando às últimas palavras com um tom decisivo, de quem dá uma ordem terminante, sem muita ênfase. Também um gesto decisivo e determinante dá a impressão do fim.

Desta forma, evita-se prosseguir na repetição de velhas fórmulas e se obtém uma boa acolhida.

CONSELHOS PRÁTICOS

1) Prepare sempre um esquema do que pretende dizer. Lembre-se que sendo o discurso muito breve, o esquema também é breve. Portanto é fácil guardá-lo de memória. Se duvidar de sua memória, leve-o escrito numa pequena folha de papel. Uma folha grande, logo cria desânimo

aos ouvintes, que já receberiam o discurso com resistência, o que não convém despertar. Uma pequenina folha anima os ouvintes, porque já sabem que o orador não irá demorar-se muito.

2) Examine em dois ou três períodos, no máximo, o significado da celebração. Procure evitar os lugares-comuns.

3) Saliente, se acaso couber, o significado simbólico da cerimônia.

4) Valorize a celebração.

5) Evoque as alegrias que a tais actos, em todos os tempos, estão ligadas.

6) Saliente a satisfação geral.

7) Agradeça a adesão geral, segundo o tema.

8) Afirme optimìsticamente o valor da celebração, dando estímulo ao que for estimulável.

9) Deseje sempre o bem, isto é, aponte o lado benéfico e faça votos pela sua perpetuação, continuidade e universalidade (para todos).

CONSELHOS ESPECÍFICOS

1) Os discursos de banquete, antes ou depois, devem ser os mais curtos possíveis. No máximo dois minutos. Antes é desagradável, porque todos querem comer. Depois é desagradável, porque o espírito não está muito disposto a ouvir. De qualquer forma, devem ser bem simples.

2) Se vai falar, coma pouco. O estômago cheio é perigoso para quem vai usar da palavra, sob todos os pontos. Há perigo de congestão, bem como a palavra torna-se mais difícil.

3) A linguagem deve ser limpa. Evitar graças cruas.

COMO SE DEVE DIZER E COMO NÃO SE DEVE DIZER

Os exemplos práticos que passaremos a dar, servirão para o estudioso de oratória para que melhore o estilo e alcance a forma mais bela de dizer.

O contínuo exercício do aprimoramente da frase, e impregná-la de eloquência, de força probativa, suasória ou persuasiva, farão a pouco e pouco que o praticante adquira o pleno domínio, e realize fluentemente, sem necessitar de grande esforço, as mais belas frases, que servem para dar brilho ao discurso.

Damos a seguir exemplos para que sirvam pràticamente de orientação, sem necessidade de longas digressões estilísticas. Exporemos, a início, como um orador, de parcas qualidades, usaria as palavras para expressar uma ideia, e como um grande orador sabe transformar o que pretende dizer numa obra de arte, pois nunca é demais lembrar que a oratória é uma arte, e, como tal, permite uma constante melhoria, num incansável anelo de perfeição inatingível, apenas aproximável gradativamente.

> "O que se passa dentro de nós, não podemos penetrar. O nosso íntimo está oculto aos olhos dos outros. A consciência humana é, em cada um, uma região que sabemos existir, mas que não podemos invadir. Podemos, por palavras, por argumentos, por razões alinhadas com perícia, levar uma consciência a tomar este ou aquele rumo; podemos em suma, persuadí-la. Não nos seria possível, no entanto, por esses meios, dominá-la. Podemos, usando ideias, levá-la a aceitar isto ou aquilo, mas não será possível

ordenar um rumo às consciências, que podem sentir, aceitar o que desejam e o que julguem de melhor."

Eis a expressão simples de uma verdade psicológica. Mas, oratoriamente, vede como é expressa com beleza:

"A consciência é coercível, a consciência é inviolável. Podeis persuadí-la, não podeis dominá-la. Podeis movê-la com uma ideia, não podereis movê-la com um mandato."

(Emílio Castelar)

Poucas expressões, mas a precisão ática da frase, a segurança do que é dito, o incisivo que expressa, atinge, desde logo, o ponto desejado. Quem ouve tais palavras, não pode deixar de sentir-se elevado. A beleza exalta, engrandece, alteia. E o orador, que sabe usá-la, pode alcançar o poder de persuasão e grande êxito.

Daremos mais alguns exemplos e, no final, o método de exercício para alcançar tais frases que, em oratória, tomam o nome de "lapidares."

O perseguidor acompanha, segue, persegue a caça, alcança-a vence-a, domina-a, mas ela tudo faz para não ser vencida, até que cai, presa, nas mãos de quem a persegue. Também o carcereiro prende nas malhas da prisão o condenado. Na verdade aprisiona o corpo; pode até imobilizá-lo pelas algemas que o prenderão, torná-lo imóvel pelas pesadas cadeias, não poderá impedir que o espírito do encarcerado vagueie, e que as suas orações atravessem as paredes do cárcere, filtrem-se pelas grades da prisão. O tirano pode perseguir aqueles que têm ideias diferentes. Pode aprisioná-los, proscrevê-los ou prender o corpo, torturá-lo, exilá-lo, mas não consegue com isso proscrever, nem aprisionar as ideias que continuarão vivas, as crenças que ele não poderá destruir. Nem tampouco o inquisidor, que persegue os que descreem da fé que defende. Este pode acender fogueiras, nelas pôr os corpos dos divergentes, pode calcinar os ossos e queimar as carnes, mas o pensamento continuará vivo sem que ele possa calciná-lo, nem queimá-lo.

Todas estas ideias são expressas com beleza desta forma:

"O perseguidor acossa e não persuade; o carcereiro aprisiona o corpo, e até o imobiliza sob o peso das cadeias, mas não aprisiona nem imobiliza a alma, de cujo seio sai a oração que atravessa as pedras e as grades do cárcere como um aroma misterioso; o tirano pode proscrever os crentes, não pode proscrever as crenças; o inquisidor acende a fogueira, atiça-a, alimenta-a, calcina os ossos, tosta a carne, consome o sangue; mas não pode consumir, nem calcinar, nem tostar o pensamento, porque nos restos das fogueiras, nos montões de cinzas que o vento dispersa aos quatro pontos do horizonte, está contida a ideia exaltada pelo martírio, e que na comunhão eterna dos espíritos chega a todas as gerações e transcende a todos os tempos."

(Emilio Castelar)

Outro exemplo:

"Há povos, cujos sofrimentos os animam a realizar mais do que esperavam. Em face dos perigos e das adversidades, se erguem, formando um todo unido, que se atira ao embate e realiza o inesperado. A dor que os acomete leva-os a realizações estupendas, e vencem os obstáculos."

Vejamos agora como pode ser dito:

"Desafiados pela adversidade e pelo sofrimento, há povos que se erguem das cinzas das suas derrotas e superam a si mesmos.

São exemplos como esses que nos fazem crer em dores fecundas . . ."

"Os homens confiam e precisam confiar na justiça. Sem ela, ou quando nos surge prostituida, os crimes se repetem, se propagam e avassalam. Uma onda de indecência derrama-se sobre a nação, e o número dos tribunais são pequenos, porque a magistratura, faltando ao seu

dever, que é aplicar a justiça, é um incitamento à prática de actos condenáveis."

E Rui diz:

"Não há tribunais, que bastem, para abrigar o direito, quando o dever se ausenta da consciência dos magistrados."

Pode-se dizer assim:

"Na defesa de uma ideia é preciso muito ardor, muito entusiasmo, um incansável espírito de luta. Mas, pode-se defender uma ideia com ardor, se não for ela alimentada por uma sólida convicção? E se houver tal convicção robusta, ela elevará os outros, erguendo-os até ela, e, por sua vez, também, erguerá aquele que a defende. Mas esse calor, esse entusiasmo tem de romper os limites do bom senso, do equilíbrio. É preciso que invada até o campo da loucura, impõe-se até um pouco de loucura para a boa e eficiente defesa de uma grande ideia."

Mas se deve dizer:

"Para defender uma ideia não basta ardor e entusiasmo.

Impõe-se uma convicção tão grande que eleve os outros até ela, erguendo também aquele que a defende.

Ela exige até um pouco de loucura . . ."

Pode-se dizer:

"Há em muitas ocasiões pessoas que tecem tamanhos elogios, erguem tamanhas loas aos outros, que soam irònicamente e provocam, em quem os ouve, mais a impressão que insultam do que elogiam . . ."

Mas se deve dizer:

"Muitas vezes se insulta por excessos de elogios . . ."

CONSELHOS FINAIS

Dez são as regras para obter-se essas frases empolgantes:

1) Sobriedade na adjectivação;
2) a ordem dos períodos deve sempre conter o principal no fim para manter em "suspense" o ouvinte;
3) equilibrar harmoniosamente as frases, balancear as expressões;
4) ideias nítidas;
5) vigor na expressão;
6) retirar tudo o que amoleça a frase;
7) dar sempre a expressão de força, de certeza, nunca de dúvida;
8) aproveitar as regras dos exercícios sintéticos, e construir os períodos, com sublimidade, para fascinarem;
9) a frase deve ser eloquente e não conter tudo, deixando uma margem de ressonância no ouvinte, para que a sua imaginação trabalhe e associe ideias exaltadas;
10) Pronunciá-la com ênfase, no tom de ouro, da peroração, sem exagero, com a máxima confiança no que se diz, pausadamente, sem ser lento.

Obedecidas estas regras, a frase terá força de persuasão e exaltará os ouvintes, que sentirão a beleza do que o orador pretende dizer ou expressar.

PREFIXOS GREGOS E LATINOS

PREFIXOS LATINOS

A, *ad* (do latim *ad*, preposição). Exprime uma relação de tendência, de direção, de ligação. Algumas vezes é aumentativo. Traduz-se por a, para, por. O *d* é assimilado diante do *s*, *f*, *g*, *l*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t*.

Ex.: encaminhar, caminhar para . . .;
ajuntar, juntar a . . .;
afinar, tornar fino (aumentativo);
agravar, tornar grave;
aleitar, dar leite a . . .;
anunciar, trazer a novidade a . . .;
assistir, pôr-se ante . . .;
aterrar, tocar a terra.

A, *ab*, *abs* (do latim *ab*, *abs*, preposição) marca distância, separação, ausência.

Ex.: abstracto, tirar fora de, separar;
abominar, afastar-se com horror.

Am, *amb* (de origem latina, prefixo preposicional). Significa em tôrno de, dos dois lados.

Ex.: amputar, tirar tudo em volta, por conseguinte tirar inteiramente (*putare*, cortar, tirar);
ambiente, o que está à volta.

Ante, e algumas vezes anti, não confundir com o prefixo grego — formação popular *an* (do latim *ante*, preposição) significa *antes*.

Ex.: antediluviano, antes do dilúvio;
antecâmera, peça que se acha antes da principal;
antepassado, aqueles que nos precedem;
antecedente, aquilo que precede;
antecipar, fazer antes;
antepor, pôr antes;
antever, ver antecipadamente.

Bene, bem (do latim *bene*, advérbio).

Ex.: bendição, ação de dizer ou pronunciar palavras favoráveis;
bemfeitor, aquele que faz o bem;
benéfico, de bom efeito.

Bi e *bis*, algumas vezes *bes* (do latim *bis*, duas vezes) exprime o duplo.

Ex.: bípede, que tem dois pés;
biscoito, o que foi duas vezes cozido;
binômio, que tem dois nomes;
binóculo, que tem dois óculos.

Circum (do latim *circum*, preposição) significa em tôrno de.

Ex.: Circunspecto, que olha em tôrno de si por prudência;
circumnavegação, navegação em torno de um país ou do globo;
circunstância, o que está em tôrno de . . .

Cis (do latim *cis*, preposição) significa para lá de
Cisalpina para lá dos Alpes;
Cisplatina para lá do Plata.

Con (do latim *cum*, preposição) significa *com*, algumas vezes aumentativo.

O *n* é assimilado diante do *l*, *m*, *r;* cai diante de uma vogal ou um *h*.

Condiscípulo, aquele que se educa ou disciplina com, companheiro de estudo;
companheiro, aquele que come do mesmo pão;
colaborador, trabalhar com;

comadre, que é mãe com, aquela que leva a criança nas fontes bastimais;
corresponder, comunicar com;
coadjutor, aquele que está adjunto com qualquer outro, para ajudar;
comprovar, provar com.

Contra (do latim *contra*, preposição) significa contra, oposta a, em face de.

Convenção, ação de vir contra (uma lei);
contradizer, dizer o contrário daquilo que diz qualquer um;
contra-senso, o que é contrário ao bom senso.

De (do latim *de*, preposição) *Des* diante de uma vogal ou de um *h* mudo, marca afastamento, uma ação contrária àquela que é expressa pelo radical.

Às vezes tem um valor aumentativo:

desfazer, o contrário de fazer;
desunir, contrário de unir;
desesperar, contrário de esperar;
desgaste, gastar de mais;
desajuste, o contrário de ajuste.

Dis (do prefixo latino *dis*) indica a separação e algumas vezes a negação. O *s* assimila-se diante do *i* e cai num certo número de palavras:
disjuntar, separar aquilo que estava junto;
discontinuar, não continuar;
difícil, que não é fácil;
digressão, marcha que se separa do caminho;
disjunto, o que não está junto.

E, ex (do latim *e, ex*, preposição) indica o movimento de dentro para fora, a extração, a privação, e algumas vezes um valor aumentativo. O *x* se assimila diante do *i* e do *s*:
eliminar, pôr fora do limite;
extrair, tirar fora de;
explicar (ex, fora plicare, pregar, de pregas), desembrulhar, despregar.

Ex, prende-se ainda adverbialmente ao sentido de antes de:
ex-ministro, ex-deputado.

En (do latim *in*, preposição) significa *em*, no interior de. O *n* torna-se *m* diante do *m*, *p*, *b*;
engastar, por no interior;
emanar, manar dentro.

Entre (forma popular do latim *inter*, preposição) exprime uma posição intermediária, ou reciprocidade. É muitas vezes junta ao radical por um traço de união:
entreacto, intervalo entre dois actos;
entrechoque, choque de dois lados.

Extra (do latim *extra*, preposição) significa fora de.
Extraordinário, que é fora do ordinário;
extravasar, estender-se fora de um vaso.

In (do latim *in*, preposição) significa *em*, dentro:
incorporar, por dentro de um corpo;
incluir, fechar dentro de;
iluminar, trazer a luz em;
imergir, mergulhar dentro do;
irrupção, ação de irromper.

In (do latim *in*, partícula negativa) significa *não*.
inactivo, que não é activo;
ilegível, o que não é legível;
imoral, aquilo que não é moral;
irregular, aquilo que não é regular;
imberbe, aquele que não tem barba;
impuro, aquilo que não é puro.

Inter (forma culta do latim *inter*, preposição) forma popular entre:
intervir, vir entre;
interceder, marchar entre o ofensor e o ofendido.

Mal, *male*, mau (do latim *male*, advérbio) tem o sentido pejorativo:
maldicção, palavra destinada a chamar o mal sobre alguém;
maldizer, dizer palavras para atirar o mal;
malévolo, *volo*, querer, mal querer.

Ob (do latim *ob*, preposição) significa diante, contra:
objecto, aquilo que se joga diante;
obstáculo, aquilo que se põe contra;
ocasião, aquilo que cai diante;
oferecer, trazer diante;
opor, pôr diante ou em face, contra.

Par, *per* (do latim *per*, preposição) exprime o meio, a passagem através de, e marca o mais alto degrau de intensidade:
percorrer, correr através de;
perspicácia, que vê através de;
perfazer, fazer inteiramente;
perfeito, feito inteiramente.

Pro (do latim *pro*, preposição) tem três significados diferentes: às vezes significa atraz, às vezes no lugar de, às vezes parece confundir-se com *par*, *per*, e implicar uma idéia de perfeição, acabamento:

prosseguir, correr para frente para juntar-se a alguém;
progresso marcha para diante;
pronome, palavra que está no lugar do nome;
procônsul, aquele que tem o lugar do consul;
profusão, ação de distribuir sem medida;
produzir (de *pro* e *ducere*) conduzir para a frente.

Pre (do latim *prae*, preposição) significa antes, antecedência:
predizer, dizer com antecedência;
preponderante, aquele que é superior em pêso, em consideração;
predisposição, posição com antecedência.

Re (do prefixo latino *re*) escreve-se *res* diante de *s*. Indica: 1.º a repetição da acção, restabelecimento do primeiro estado; 2.º acção no sentido inverso, oposição; 3.º algumas vezes é expletivo:
redizer, dizer de novo;
refazer, fazer de novo;
retornar, tornar para o ponto de partida;
refluxo, movimento de fluxo no sentido contrário;
resistir, pôr-se contra outro.

Retro (do latim *retro*, advérbio) significa atraz:
retroactivo, que age para traz;
retrogradar, marchar para traz.

Sub (do latim *sub*, preposição) significa sob:
submeter, meter sob;
subterrâneo, aquilo que está sob a terra;
sub-solo, construção feita embaixo do solo;
subjugar, pôr sob o jugo;
sufixo, partícula fixada depois de uma palavra;
sugerir, trazer para dentro de;
suportar, trazer, segurar pondo-se sob.

Sobre e *super* (a primeira é a forma popular de *super*, preposição latina) significa *por cima* e indica elevação, superioridade:
sobrenatural, aquilo que está acima do natural;
sobrepor, pôr um corpo sôbre um outro;
sobretudo, o que se põe sôbre tudo;
superação, acção de se pôr sôbre.

Tra, tre (formas populares de *trans*, preposição) significa além:
traduzir, fazer passar além, num outro lugar, numa outra língua;
trespassar, passar além, morrer;
transbordar, trazer além do bordo de um navio, ou da margem;
translação, acção pela qual se traz uma coisa de um lugar para outro.

Vi (forma popular de *vice*) palavra latina, que significa *no lugar de*:
visconde, aquele que toma lugar do conde;
vice-rei, aquele que tem o lugar de um rei.

PREFIXOS GREGOS MAIS USADOS

A, partícula negativa, que se traduz por *sem;* escreve-se *an* diante de uma vogal:
ateu, aquele que não acredita na existência de Deus (*theos*, deus);

átomo, parte da matéria que não pode ser dividida (*tomé*, cortar);

anemia, (*hema*, sangue) estado de uma pessoa a quem falta sangue.

Anfi, em tôrno, dos dois lados:

anfiteatro, teatro circular;
anfibio (*bios*, vida) que vive em dois elementos.

Ana, indica o movimento de baixo ao alto, a repetição, oposição:
anacoreta (*choretes*, aquele que se afasta), aquele que marcha para o alto, que procura a solidão;
anagrama (grama, letra) mudança de letras de uma palavra.

Anti, contra:

antidoto (*dotos*, dado) remédio dado contra o veneno;
antipatia (*pathos*, disposição, sentimento) disposição contrária;

Anti-cristo, inimigo de Cristo.

Apô, marca afastamento, separação:
apogeu (*gê*, terra) ponto da órbita da lua onde aquele astro se acha mais longe da terra;

apóstata (em grego *apostatés*: a raiz *st*, em grego como em latim, indica idéia de permanecer) literalmente aquele que permanece longe de; aquele que abandona sua religião.

Arqui marca a predominância, a superioridade.
arcanjo, anjo de uma ordem superior;
arquiduque, que está acima do duque.

Cata marca o movimento de alto para baixo; traduz-se por sob, contra:
catálogo (*logos*, discurso) lista desde o alto até embaixo;
cataplasma (*plasma*, aplicação) aplicação feita sôbre;
catachrese (*chrésis*, uso) emprego contra o uso;
catacumba (*cumbé*, cavidade, cova) cavidade em baixo.

Dia através, de um lado a outro:
diadema (do grego *diadéma*, *déo*, ligar) aquilo que liga através, a coroa real;
diagnóstico (*gnóstikos*, que conhece) aquilo que serve para reconhecer perfeitamente a natureza de uma doença;
diáfano (do grego *diaphanés*, *phaino*, fazer ver) aquilo que deixa passar a luz através de.

Dis, prefixo pejorativo:
disenteria (*entéra*, entranhas), mau estado das entranhas;
dispepsia (*pepsis*, digestão) dificuldade para digerir.

Ec, *eq* e *ex*, de, fora de:
equimosis (*chymos*, humor) humor que sai nos tecidos da pele;
exodo (*odos*, caminho) sair de;
êxtase (*stasis*, ação de permanecer) ação de sair de si.

Em, *en*, em, sobre, como o prefixo latino in:
embrião (do grego *embryon*, bryo, desembrulhar-se), germe, fechado em;
encéfalo (*cefalé*, cabeça) órgão nervoso, contido no cérebro.

Epi, sobre:
epígrafo (*graphé*, escrita) inscrição sobre;
epitáfio (*taphé*, sepultura) inscrição sobre um túmulo;
epíteto (*thétos*, posto) adjetivo posto perto de um nome que ele qualifica.

Eu, bem:
eufonia (*phoné*, som) som agradável;
eugenia, boa geração.

Hiper, encima, além (hyper):
hipérbole (*bolé*, aeção de jogar) ação de jogar além, exagero;
hipertrofia (*trophé*, nascimento, crescimento excessivo de um órgão.

Hipo, sob (*hypo*):
hipotenusa (*teinousa*, que se estende) linha sub-estendida.

Meta, indica mudança, sucessão;
metamorfose (*morphos*, forma) mudança de forma;
metáfora (*phora*, transporte) figura que consiste em mudar a significação natural de uma palavra em outra.

Para, contra:
paradoxo (*doxa* opinião) opinião contrária à opinião comum.

Peri, em tôrno de:
perímetro (*métron*, medida) aquele que mede o contôrno de uma figura geométrica;
perífrase (*phrasis*, frase) frase que se volve em tôrno de uma idéia;
peristilo (*stylê*, coluna) grupo de colunas em torno de um edifício.

Pro, antes, adiantadamente:
prólogo (*logos*, discurso) parte de uma obra dramática que serve de prelúdio;
pródromo (*dromos*, curso) que corre adiante, precursor.

Pros, para, conforme a:

prosélito (*prosélythos*, que vem para), aquele que está colocado numa fé religiosa;

prosódia (*ôdé*, canto) pronunciação conforme o acento.

Sin, com. O *n* se assimila diante do *l* e muda em *m* diante do *p* e *b;* algumas vezes cai:

síntese (*thésis*, ação de pôr) ação de pôr com, composição;

sílaba (*labé*, ação de tomar) reunião de letras;

sintomas (*ptôma*, aquele que cai) acidente que acompanha uma doença;

sistema (do grego *systhéma*, da raiz *st*, aquele que está, permanece) composto de partes coordenadas.

PRINCIPAIS PALAVRAS GREGAS QUE ASSUMEM O PAPEL DE PREFIXOS

Anthropos, homem:

antropologia (*logos*, discurso) história natural do homem;

antropofagia (*phago*, comer) aquele que come carne humana;

antropogênese (*genesis*), gênese do homem;

antropometria, medida do homem.

Auto, si-mesmo, próprio:

autocrata (*kratos*, força) que mantém o poder por si mesmo;

autômato (*automatos*, que age por si mesmo) máquina que age por si-mesma;

autonomia (*nomos*, regra, lei) que se regula por si mesma.

Baro, peso:

barômetro (*metron*, medida) instrumento que mede o peso do ar.

Biblios, livro:

biblioteca (*thékâ*, armário), armário onde são colocados os livros;

bibliófilo (*biblion* e philos, amigo) aquele que ama os livros;

bibliotecnia (*teknê*, técnica), técnica do livro.

Bio, vida:

biografia (*graphô*, escrever) história que tem por objecto a vida de uma pessoa;

biologia, ciência da vida;

bionomia, regras, normas da vida.

Caco, mau:

cacofonia (*phoné*, som) encontro de sons desagradáveis ao ouvido;
cacografia, escrever coisas desagradáveis ou feias;
cacotécnica, técnica que usa o feio (na arte, por exemplo).

Chronos, tempo:

cronologia, conhecimento da ordem dos tempos;
cronômetro, instrumento que serve para medir o tempo;
cronografia, descrição escrita seguindo a ordem do tempo.
cronofagia, comer, roubar o tempo dos outros.

Demos, novo:

demagogo (*ago*, conduzir) chefe de uma facção popular;
democracia (*kratos*, fôrça), governo onde o povo exerce a soberania.

Gastros, estômago:

gastralgia (*algos*, dor, doença), doença do estômago.

Gee, terra:

geografia (*graphô*, escrever), descrição da terra;
geologia, ciência que tem por fim a história natural da terra.

Hemos, sangue:

hemoptise (*ptysis*, cuspe), cuspir sangue;
hemoglobina, matéria em forma de glóbulos do sangue.

Heteros, outro:

heterogêneo (*génos*, espécie), que é de outra natureza;
heteronomia, ordens vindas de outro.

Hippo, cavalo:

hipódromo (*dromos*, curso, corrida) lugar onde se dão as carreiras de cavalo;
hipopótamos (*potamos*, rio) cavalo dos rios.

Iso, igual:

isóceles (*scelos*, perna) que tem dois lados iguais antre si;
isometria, a mesma medida.

Litho, pedra:

litografia (*graphô*, escrever), arte de reproduzir sôbre o papel aquilo que foi escrito sôbre uma pedra.

Micro, pequeno:

microscópio (*scopein*, olhar), instrumento que aumenta a imagem e permite ver os pequenos objectos;
microfísica, física do átomo.

Miso, que não tem boa disposição:

misântropo (*anthropos*, homem), que não tem boa disposição para com os homens.

Neo, novo:

neologia (*logos*, discurso), emprego de palavras novas.

Pan, *panto*, tudo:

panteon (*theos*, deus), templo dedicado a todos os deuses;
pantomima (*mimos*, mímica, que imita), em que todos os papéis são representados por imitação de atitudes e gestos.

Philo, que ama:

filântropo (*anthropos*, homem), aquele que ama os homens;
filósofo (*sophia*, sabedoria), amigo da sabedoria.

Tele, longe, ao longe:

telégrafo (*graphein*, escrever), máquina que transmite ao longe as palavras;
telescópio (*scopiu*, ver), aparelho para ver à longa distância;
telêmetro, aparelho para medir à distância.

Théos, Deus:

teologia (*logos*, discurso) doutrina das coisas divinas;
teogonia, nascimento dos deuses;
teofania (*phaos*, luz), iluminação divina.

Thermo, calor:
termômetro (*métron*), instrumento que indica os graus de calor;
termodinâmica, ciência que estuda o calor dinâmicamente.

Zoo, animal:
zoologia, história natural dos animais;
zootécnica, técnica no tratamento dos animais.

NOMES DE NOMES GREGOS

Monos, um só:
monossílabo, palavra de uma só sílaba;
monótono, um só tom.

Di, *dis*, dois:
dístico (*stichos*, verso) peça composta de dois versos.

Tri, tres:
triedro (*hedra*, base), figura que oferece três faces.

Tétra, quatro:
tetracorda, lira que tem quatro cordas.

Pent, *penta*, cinco:
pentágono (*gonia*, ângulo), figura que tem cinco ângulos.

Hexa, seis:
hexâmetro (*métron*, metro), verso que tem seis pés.

Hepta, sete:
heptarquia (*arkhê*, comando), conjunto de sete Estados fundados na Grã Bretanha, no décimo sexto século.

Oct, *octo*, oito:
octógono, figura que tem oito ângulos.

Ennéa, nove:
eneágono, figura que tem nove lados.

Deca, dez:
decâmetro, medida de dez metros.

Hecato, *hecto*, cem:
hecatombe (*bous*, boi), sacrifício de cem bois;
hectólitro, medida de cem litros.

Kilo, mil:
quilômetro, medida itinerária de mil metros.

Myria, *myrio*, dez mil e, por extensão, um número ilimitado:
miriápodo (*pous*, pé), que tem um grande número de patas.

Poly, muito:
poliglota (*glotta*, língua), que fala muitas línguas.

Hémi, meio:
hemiciclo (*cyclos*, círculo), sala meio-circular.

PRINCIPAIS PALAVRAS GREGAS QUE SERVEM DE RADICAIS

Algia, dor:
nevralgia (*neuron*, nervo), dor nervosa.

Kratos, fôrça:
aristocracia (*aristos*, o melhor, nobre), govêrno em que o poder pertence à classe nobre.

Genes, que cria:
hidrogênio (*hydôr*, água), corpo cuja a combinação com o oxigênio forma a água.

Logos, doutrina, ciência:
mitologia (*mythos*, mito), conhecimento dos mistérios fabulosos do paganismo.

Metron, medida:
geometria (*gê*, terra), arte de medir a extensão.

Nomos, *nomia*, lei, regra:

astronomia (*astron*, astro) ciência que se ocupa dos astros e de seus movimentos.

Pathos, afecção, doença:

antipatia (*anti*, contra), aversão natural às pessoas e às coisas

nevropatia, doença dos nervos.

Phagos, que come:

antropofagia, comer carne humana.

Phobos, temor, medo:

hidrófobo (*hydor*, água), que tem horror à água.

Teknê, arte:

mnémotecnia (*mnémé*, memória), arte de aumentar a memória.

ORIGEM E SIGNIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

(Para enriquecer o vocabulário)

As páginas que oferecemos agora são de grande utilidade para enriquecimento do vocabulário do orador moderno.

Como todos sabem, nossa língua, vinda do baixo latim, conserva na maioria de suas palavras, os prefixos e sufixos latinos. No entanto, não só nas palavras de origem do latim, há palavras com prefixos gregos, como a linguagem erudita é formada de termos desta origem.

O pleno conhecimento e o manejo constante desses prefixos favorecem ao estudioso um meio de enriquecer o vocabulário.

Não são poucas as palavras, cujas origens desconhecemos. E ao conhecê-las, aumentamos o nosso domínio sobre os termos, bem como nos preparamos para melhor usá-los, sobretudo na ocasião de um discurso.

Exercício

Um bom exercício é formar frases e períodos inteiros em que entrem os termos que são examinados a seguir. Associar-lhes tudo quanto possa surgir é um meio de dar vida às palavras, através do uso.

AGIR

(do latim *agere*, *actum*) levar diante de si, agir, fazer.

activo — aquele que se agita muito;

agitante — aquele que se agita;

actividade — a faculdade de agir;

acto — o estado daquele que age quando age;

acção — a realização do acto;

inactivo — o que não é activo;

inacção — estado de não acção;

inactividade — disposição à inacção;

agente — tudo aquilo que se agita de maneira a produzir um efeito determinado;

agência — aquele que se encarrega de fazer o serviço de outros;

agenda — o livro onde se escrevem as coisas a fazer;

ágil — o homem que possui uma aptidão física que lhe permite mover-se com facilidade;

àgilmente — advérbio;

agilidade — qualidade de ser ágil;

actual — uma intenção que se traduz em actos;

actualmente — equivale a presentemente;

accionar — intentar um processo;

actor — o que representa num palco;

actos — divisão das peças;

entre-acto — o espaço de tempo entre dois actos;

reagir — opor-se a uma acção;

reacionário — o homem que reage contra algo;

reação — em química, a ação exercida por um corpo sobre outro;

exigir — tirar qualquer coisa de alguém em virtude de um direito fundado ou pretendido;

exigente — aquele que tem o hábito de exigir;

exigência — a acção de exigir;

exactidão — qualidade de uma coisa ou pessoa exacta;

exacto — o que é certo;

redigir — escrever um discurso;

redactor — aquele que escreve, redacta;

redacção — o que faz o redactor;

agitar — pôr ràpidamente uma coisa de maneira repetida;

agitação — o estado em que se põe a coisa;

agitador — aquele que cria a agitação.

ANO
(do latim *annus*)

ano — o período de trezentos e sessenta e cinco dias;

anal — termo de jurisprudência;

anual — em linguagem comum o que dura um ano;

anualmente — o advérbio;

anais — a história de um país escrito por anos;

analistas — os que redigem os anais (não confundir com analista, de análise);

aniversário — um acontecimento notável, uma vez ao ano;

anuário — uma obra dada por ano dos acontecimentos administrativos, etc.;

bianual — o que dura ou se dá em dois anos, também bienal;

trianual — o que dura três anos;

solene — uma festa que se realiza todos os anos na mesma época (*solus*, só e *annus*, ano).

ARTE
(do latim *ars*, *artis*)

artista — o que executa as belas-artes;

artesão — o que executa as artes manuais;

artístico — o que se refere às belas-artes;

artísticamente — advérbio;

artífice — manifestação que toma a arte quando se manifesta de maneira subtil e engenhosa;

artificial — o artífice, em mal sentido;

inerte — literalmente o que não é hábil numa arte (*in* — sem, *ars* — arte);

inércia — o estado do que é inerte;

ASTRO
(do latim *aster* e *astrum*)

aster — chama-se a planta cuja flor apresenta mais ou menos a forma de uma estrela;

asterismo — reunião de estrelas;

asterisco — um sinal de imprensa que tem a forma de uma estrela;

astro — todo corpo celeste em geral;

astral — adjectivo formado de astro;

astronomia — a ciência dos astros;

astrônomo — o que exerce a astronomia;

astrologia — a arte de prever o futuro através dos astros;

astrólogo — os que praticam a astrologia;

astrolábio — um instrumento para medir a altura dos astros;

desastre — acção maléfica de um astro. Tomou o sentido de catástrofe, calamidade;

desastroso — o adjectivo derivado de desastre.

BAIXO
(do latim *bassus*)

baixeza — falta de elevação nos sentimentos ou nas condições;

baixo — um termo de música, que significa a parte grave;

contra-baixo — um instrumento que executa sons muito graves, aquém dos do baixo;

abaixar — tornar-se mais baixo;

rebaixar — abaixar de novo;

abaixamento e *rebaixamento* — substantivos correspondentes.

BATER
(da latim *battuere*)

bater — dar golpes;

batedor — aquele que bate;

batido — aquele que recebe os golpes;

abater — jogar um objecto ao longo da terra;

rebater — pôr abaixo, abaixar;

combater — bater-se contra alguém;

combatente — aquele que combate;

combate — acto do que combate;

debater — lutar por sair de . . . Tomou o sentido de disputar;

debate — a disputa;

batalha — um combate entre dois exércitos;

batalhador — aquele que gosta de batalhar;

batalhão — uma subdivisão do exército.

BEBER
(do latim *bibere*, *bibitum*)

beber — absorver um líquido;

bebedor — a pessoa que bebe;

bebida — o líquido que é bebido;

bebível — o líquido que pode ser bebido;

bebedouro — lugar onde se bebe.

CABEÇA
(do latim *caput*, *capitis*)

decapitar — tirar a cabeça;

decapitação — o acto de decapitar;

capitel — termo de arquitetura, que significa a cabeça de uma coluna;

capital — a cidade que é a cabeça de um país;

Capitólio — era assim chamado em Roma o monumento mais alto, que dominava a cidade, como a cabeça domina o corpo;

capitão — o oficial que marcha à frente dos soldados;

capitânia — na marinha, o nome que toma o navio que comanda, onde está o chefe;

capital — se diz de uma coisa muito importante;
capital — soma de dinheiro;
capitalista — homem que tem capital;
capítulo — divisão principal de uma obra;
capitular — entregar-se;
recapitular — rever os capítulos;
cabo — graduação militar;
cabotagem — gênero de navegação;
cabotar — navegação costeira;

Da forma *cip* temos:
precipitar — atirar a cabeça, dai atirar, realizar sem previsão;
precipitação — acção de se precipitar;
precipício — lugar profundo onde se pode precipitar algo.

CAPTURA

(do latim *capere*, *captum*, pegar, contar)

captura — a acção de pegar à força;
capturar — fazer uma captura;
captar — procurar a confiança de alguém;
captação — acção de captar;
cativos — prisioneiros feitos durante a guerra;
cativeiro — estado do cativo, lugar onde se está cativo;
cativar — seduzir, atrair;
cativante — o que é sedutor;
aceitar — tomar qualquer coisa que nos é oferecida;

aceitação — a acção de aceitar;
aceitável — a coisa que se aceita;
inaceitável — a coisa quue se recusa;
acepção — o sentido em que se toma uma palavra, em gramática;
receber — pegar alguma coisa que nos foi presenteada;
recepção — a acção de receber;
receptor — aquele que recebe;
receptáculo — lugar que recebe muitas coisas;
recepiente — em física o vaso que recebe um líquido ou um gaz;
decepcionar — causar decepção;
decepção — acto de enganar, iludir, de contrariar o esperado;
percepção — a faculdade de perceber, capitar;
perceber — adquirir conhecimento por meio dos sentidos;
perceptível — uma coisa que pode ser percebida pelos sentidos;
imperceptivel — uma coisa que não pode ser percebida pelos sentidos;
susceptibilidade — a disposição de receber certas influências;
susceptível — a pessoa ou a coisa que tem esta disposição;
excepção — tomar uma coisa fora do comum;
excepcional — algo que é inusitado, fora do comum;
excepcionalmente — advérbio;
interceptar — pegar algo antes de chegar a seu fim;
antecipar — tomar algo antes do tempo desejado;
antecipação — marcar antes do tempo requerido;
preceito — uma regra prescrita adiantadamente para alguém aceitar;

preceptor — aquele que dá as regras;

conceber — que se dá quando a inteligência capta uma noção, ideia, etc.;

conceito — a coisa concebida;

concebível — o que pode ser concebido;

inconcebível — o que não pode ser concebido;

ocupar — tomar posse de um lugar;

ocupante — o que toma posse;

ocupação — é a própria posse. Também no sentido de negócio, actividade;

preocupado — é o que se ocupa antes (*pre* — antes);

preocupação — inquietação;

capacidade — no sentido de conter. Quem conhece bem um mister tem capacidade;

capaz — quem tem capacidade;

incapaz — quem não a tem ou o que não tem capacidade;

capa — o que envolve o corpo. Daí veio chapéu, que cobre a cabeça;

capuz — o que cobre a cabeça;

capela — diminutivo de capa, pequenos oratórios;

capelão — padre que serve na capela.

escapar — sair pelas mãos, fugir;

escapatória — meio de escapar;

CEDER

(do latim *cedere, cessum*, ir, ir embora também abandonar)

ceder — literalmente significa abandonar;

cessão — acto de ceder;

concessão — ser agradável a alguém, concedendo-lhe um previlégio, etc.;

conceder — fazer uma concessão;

retroceder — ceder alguma coisa à pessoa da qual se adquiriu algo, também voltar atrás:

retrocesso — acto ou efeito de retroceder;

retrocessão — cessão de um direito obtido igualmente por cessão (jurisprudência).

Nas seguintes, *ceder* tem o sentido de ir, ir embora;

aceder — aceitar;

acesso — a aproximação a um lugar;

acessível — se diz de um lugar aonde se chega fàcilmente;

inacessível — o que é de impossível acesso;

acessório — o que se aproxima do principal ou serve ao principal;

exceder — ir além de certas regras;

excesso — o que vai além;

excessivo — aquilo que excede;

excessivamente — de maneira excessiva;

interceder — pôr-se entre o que faz a ofensa e o que é ofendido, no interesse do último;

intercessor — aquele que faz este papel;

intercessão — acto do intercessor;

preceder — ir na frente;

predecessor — aquele que vai na frente;

precedente — um facto que precede a outro;

antecedente — um facto anterior a outro;

antepassados — aqueles que nos antecederam na vida;

proceder — seguir uma marcha regular para a frente;

procissão — cortejo religioso que avança;

processo — acção judiciária, onde se procede seguindo uma marcha fixada pela lei;

suceder — vir depois de alguém num lugar;

sucessor — aquele que sucede;

sucessivamente — advérbio

sucesso — resultado, sobretudo o resultado favorável de um acontecimento;

insucesso — o contrário;

No sentido de ir embora, retirar-se, passa-se fàcilmente àquele de *acabar*, cessar:

incessante — que não cessa nunca;

incessantemente — advérbio.

CARNE

(do latim *caro*, *carnis*, *carnem*)

carne — parte mole do corpo do homem e do animal; carne, quer dizer a matéria, por oposição ao espírito;

carnal — relativo a carne;

carnudo — um corpo bem guarnecido de carne;

descarnado — um corpo que tem pouca carne;

incarnar — transformar-se em carne, fazer-se homem na religião;

incarnação — o acto de incarnar;

carnação — a côr da carne;

encarnado — a côr rosa da carne; ou comumente o vermelho vivo.

carnificina — matar muitos indivíduos;

carniceiro — aquele que se alimenta de carne. Também se diz do sanguinário;

carnífice — verdugo;

carnear — matar e cortar a carne dos animais para alimentação do homem;

carniça — animal de que se faz carnagem;

carnívoro — o que se alimenta de carne.

carnaval — festa da carne. De origem discutida.

CITAR

(do latim *citare*, pôr em movimento, chamar em justiça, *citar*)
Citar tem duas acepções:

1.ª — Fazer vir diante de um juiz;
2.ª — Relacionar, como testemunha, um texto ou as palavras de alguém. Nas duas acepções, a acção de citar traz o nome de *citação*.

recitar — relacionar em alta voz um texto, uma lição;

recitação — acção de recitar;

excitar — mover ou empurrar para fora;

excitação — o acto de excitar;

excitante — aquilo que produz excitação;

excitável — pessoa ou coisa fácil de excitar;

superexcitar — excitar ao mais alto grau;

superexcitação — acção de superexcitar;

incitar — empuxar o espírito para qualquer coisa;

suscitar — a acção de mover para fazer chegar em baixo ou em cima;

suscitação — acção de fazer nascer;

ressuscitar — fazer nascer de novo (lembrar que o substantivo correspondente pertence a uma outra família, a de *surgere*, surgir, criar);

solicitar — instar para alguém fazer um favor, ou a agir;

solicitação — o acto de solicitar;

solicitador — o que realiza a solicitação, o que insta;

solícita — pessoa que é pródiga para ajudar;

suplicar — forma popular de solicitar.

CLARO

(do latim *clarus*)

Do ponto de vista das palavras que forma, *claro* tem quatro acepções principais: 1. — o que é luminoso ou transparente; 2. — o que é polido, brilhante; 3. — o que é limpo e agudo, quando se trata de sons; 4. — o que é pouco intenso, não carregado, como nas cores.

1. *claridade* — sinônimo de luz;

   claramente — de maneira clara, inteligível;

   declarar — proclamar claramente;

   declaração — acção de declarar;

   clarividente — aquele que é hábil em mostrar as coisas escondidas;

   clarividência — qualidade do clarividente;

   Tem o sentido de trazer luz aos espíritos, instruir.

2. *aclarar* — tornar um objecto brilhante (por atrito).

   Passou para o sentido de desambaraçar uma coisa daquilo que a torna difícil;

   aclaramento — acção de aclarar;

3. Diz-se que uma voz é clara, um som é claro, quando limpo e agudo, dai *clarinete*, instrumento musical;

4. dai vem *clareira*, lugar do bosque onde as árvores são mais raras.

CLAMOR

(do latim *clamor*, grito)

Clamor — grito ou conjunto de gritos;

aclamar — gritos para honrar alguém, demonstrar a alegria que traz sua presença;

aclamação — acção de clamar a alguém;

declamar — recitar em alta voz, dando todas as inflexões exigidas pelo sentido;

declamação — a arte de declamar; *declamador* — aquele que declama;

declamatório — diz-se do tom da voz de alguém que parece declamar;

exclamar — gritar sùbitamente de alegria, de dor, supreza, etc.;

exclamação — o tom gritante, o que marca o tom gritante ou entusiasta;

exclamativo — o tom usado;

proclamar — anunciar, gritar uma coisa importante, em alta voz, em público;

proclamação — acção de proclamar;

reclamar — exigir altamente alguma coisa que se crê ser devida;

reclamação — acção de reclamar;

reclame — quando se fale da coisa com vantagem, exagerando as qualidades, afim de chamar a atenção (considerado galicismo).

CORAÇÃO

(do latim *cor*)

Coração — órgão principal da circulação do sangue;

cordiforme — que tem forma de coração.

A figura do coração significa sentimentos morais, como amizade, bravura, etc., assim:

cordialidade — bondade afectuosa;

cordial — a pessoa que a demonstra;

cordialmente — o modo por que age;

acordo — uma liga entre várias pessoas traz este nome, pois os corações estão juntos uns aos outros.

Quando não se está de acordo, pode-se estar em *desacordo*: não concordar mais, é *discordar*.

Concórdia — é a tranquilidade resultante de uma união de corações; viver na *concórdia*, é expresso pelo verbo concordar.

Dois objectos que concordam são *concordantes*. Um acordo feito entre o papa e um soberano, etc., chama-se *concordata*.

O contrário de concórdia é *discórdia*, que formou *discordante*, o que não está de acordo, e dai *discordância*, estado daquilo que não está de acordo; formou-se, também, o verbo *discordar*, estar em discórdia.

O coração tem, também, o sentido do lugar onde se formam os sentimentos nobres, dai formar-se *coragem*, no sentido comum de estar firme e suportar o perigo. A pessoa que tem coragem, é *corajosa*, e actua *corajosamente*.

Encorajar, dar coragem; daí *encorajamento*. *Desencorajar*, tirar a coragem, dai *desencorajamento*.

Coração prende-se figuradamente ao sentido de memória. É dai que nasce *recordar*, *recordação*, e de *cor*, *decorar* uma licão. *Decorar* uma parede vem de *cor*, dar cores.

CORPO

(do latim *corpus*, *corporis*)

A palavra corpo tem a acepção da parte material de nós próprios, e, neste sentido, é muitas vezes posto em oposição à parte imaterial, à alma. Aquilo que tem o corpo, é *corporal*, adv. *corporalmente;* aquilo que pertence exclusivamente ao domínio do espírito é *incorporal*, daí *incorpóreo*, o que não tem corpo.

Corpulento é o homem onde o corpo se desenvolve muito, ele tem *corpulência*.

A palavra corpo tem também o sentido de todo objecto material distinto. Nesta acepção, formou *corpúsculo*, diminutivo, que formou o adjectivo *corpuscular*.

Tem uma terceira acepção, que é o da reunião de pessoas, sociedade. É dai que se diz o corpo dos instituintes, de onde se formou *corporação*, que é uma associação, *incorporar*, fazer entrar num corpo, e *incorporação*, acção de incorporar.

CORRER

(do latim *currere*, *cursum*)

A principal acepção de *correr*, é ir com velocidade; a acção de correr, é uma *corrida*, e aquele que corre é um *corredor*.

Corrente, uma massa de água que caminha com rapidez numa direcção.

Um cavalo de corrida é um *corredor*. Um navio armado, tinha o nome de *corsário*, a mesma palavra serviu para designar a tripulação.

O desenvolvimento regular de alguma coisa, se exprime pela palavra *curso*: assim o curso de um rio, o curso da história, etc.

Correr através de é *percorrer*, e o caminho seguido é um *percurso*.

Concorrer — correr com muitas pessoas, com a intenção de chegar antes delas;

concurso — a acção de concorrer;

concorrentes — os rivais;

concorrência — a acção que se faz;

discorrer — deixar correr a palavra;

discurso — acto de discorrer;

discursador — aquele que discursa;

recorrer — correr para alguém, afim de pedir proteção;

socorrer — correr em direcção de alguém para ajudar;

socorro — acto de socorrer;

sucursal — um estabelecimento que necessita da ajuda de outro;

excursão — um curso fora do comum;

precurssor — homem que vem antes de outro, e anuncia a chegada do próximo;

ocorrência — acontecimento que ocorre fortuitamente;

ocorrente — o que ocorre.

CRER

(do latim *credere*, crer, confiar)

Crer — é ter fé, e consiste em aceitar algo como existente, sem que tenhamos uma evidência absolutamente segura;

Crível — uma coisa que é digna de ser acreditada;

incrível — o contrário;

crença — a acção de crer;

crente — aquele que tem crenças religiosas;

credo — a prece que contém os principais artigos da fé cristã;

crédulo — uma pessoa que fàcilmente crê;

incrédulo — incredulidade, o contrário;

crédito — o que se dá a quem merece confiança financeira ou outra confiança;

credor — o cliente que tem o crédito;

acreditar — crédito empregado para exprimir a confiança;

desacreditar — o contrário.

CURA

(do latim *cura*, cuidado)

Sinecura — uma função que não pede nenhum cuidado, nenhum trabalho (*sine*, em latim sem, sem cura, sem cuidado);

cura — o conjunto de cuidados dados a uma doença e que trazem o restabelecimento da saude;

curável — uma doença que pode ser exterminada à custa de cuidados;

incurável — no caso contrário;

curativo — o conjunto de meios para curar;

curar — ter cuidado e limpeza;

procurar — o sentido de tomar cuidado está conservado nesta palavra, que literalmente quer dizer tomar cuidado por, daí;

procurador — aquele que toma cuidado de nossos negócios na justiça;

procuração — o acto pelo qual nós damos a qualquer um o direito de agir por nós;

curioso — homem constantemente cuidadoso de ver e aprender o que há de novo;

curiosidade — capacidade de ser curioso.

DIZER

(do latim *dicere*, *dictum*)

Dizer — é exprimir pela palavra ou pela escrita;

dicção — maneira de dizer, verbalmente;

dicionário — o conjunto de palavras de uma língua, as diferentes maneiras de empregá-las ou de dizê-las;

predizer — dizer prèviamente o que vai acontecer;

maldizer — pronunciar palavras de reprovação a alguém;

bendizer — literalmente, bem dizer, mas significa pronunciar as palavras destinadas a chamar o bem sobre alguém ou alguma coisa;

benzer — fazer o sinal da cruz;

bênção — acção de benzer, de consagrar;

bento — que recebeu a bênção;

bendito — abençoado, louvado;

bendizente — o que bendiz, o que louva;

beneditinos — formada do latim *benedictus*, frades de S. Bento;

contradizer — dizer ou afirmar o contrário do que é dito;

contradicção — afirmação contrária;

contradictório — uma palavra, um acto que tem por efeito contradizer;

édito — regulamento pronunciado ou imposto por um magistrado ou soberano;

editar — fazer ou proclamar um édito, e também imprimir um livro;

abdicar — significa dizer altamente que se renuncia ao poder supremo;

abdicação — a acção de abdicar.

O verbo latino *dedicare*, declarar, consagrar, deu *dedicar*, *dedicatória*.

dictar — pronunciar em alta voz;

dictado — o que se dicta.

O verbo ditar implica a ideia de que as palavras serão recolhidas, que serão tidas em grande conta. Emprega-se muitas vezes por prescrever, impor, ditar as leis, daí vem:

ditatura — nome da função recebida;

ditatorial — o que se refere à ditadura;

fatídico — o que diz, revela o destino é fatídico (de *fatum*, em latim fado, destino);

verídico — o que ama dizer a verdade;

jurisdicção — o poder que tem um juiz de dizer ou de pronunciar sobre uma questão de direito;

jurídico — jurìdicamente — o que é feito em justiça, e o advérbio.

DUQUE

(do latim *dux*, *ducem*, raiz de *ducere*, *ductum*, conduzir)

Duque — em latim significa pròpriamente um condutor, um guia, e, por extensão, um chefe;

Em nossa língua:

duque — o primeiro título de nobreza, depois do príncipe;

duquesa — esposa do duque;

ducado — terras que pertencem a um duque;

ducal — referente ao duque;

arquiduque — o primeiro dos duques, em certos Estados, dai *arquiduquesa*.

Em italiano deu *doge*, que designava particularmente o chefe da república de Veneza.

aqueduto — construção para conduzir a água;

viaduto — passagem entre dois vales;

dúctil — um metal susceptível de ser conduzido ou alongado em fio;

ductibilidade — a qualidade;

conduzir — a ação de guiar;

condutor — o homem que conduz;

condução — a ação de conduzir;

condutor — um canal de pequena dimensão que serve para conduzir as águas;

introduzir — conduzir para o interior;

introdução — a acção de introduzir;

produzir — conduzir para a frente, pôr em evidência;

produção — ação de engendrar, criar;

produto — a coisa produzida;

produtor — aquele que produz;

produtivo — aquilo que é capaz de produzir;

improdutivo — o que não produz nada;

reproduzir — produzir ou criar de novo;

reprodução — acção de reproduzir;

reprodutor — a faculdade de reproduzir;

reprodutível — susceptibilidade de ser reproduzido; daí *reproductibilidade*;

traduzir — conduzir ou transportar um escrito de uma língua para outra;

tradução — a acção de traduzir ou a coisa traduzida;

tradutor — o que faz a acção;

traduzível — o escrito que pode ser traduzido.

ESPÍRITO

(do latim *spiritus*, sopro, derivado de *spirare*, assoprar)

Espírito nos latinos significava talento, sopro. Como o sopro é qualquer coisa de subtil, deu-se, por comparação, o nome de espírito à parte mais subtil de nós mesmos, a alma.

As palavras desta família podem pertencer à duas séries: aquelas onde domina a ideia daquilo que é ligeiro, subtil, e aquelas que são dominadas pela ideia geral de sopro.

À primeira pertencem:

espiritual — tudo que se aproxima do espírito; daí *espiritualmente;*

espiritualismo — doutrina filosófica que admite a existência de Deus, da alma, à qual se opõe o materialismo;

espiritualizar — dar a uma coisa um carácter espiritual;

espiritualidade — o carácter daquilo que é espiritual;

espírita — aquele que quer se comunicar com os mortos;

espiritismo — o nome desta doutrina;

espirituoso — quando se dá uma ideia leve e subtil a uma coisa material.

À segunda pertencem:

espirar — soprar o ar;

aspiração — nome deste acto físico;

aspirante — por analogia, significa aquele que deseja, que procura um título;

expirar — atirar o ar para fora. Por analogia, o último sopro, morrer;

expiração — a acção de expirar;

respirar — acção de aspirar e expirar; daí *respiração;*

respirável — o ar capaz de manter a vida;

irrespirável — em caso contrário;

respiratório — o que diz respeito à respiração;

inspirar — assoprar o ar no peito de alguém.

No sentido figurado, esta palavra significa fazer penetrar uma idéia no espírito, um sentimento no coração de alguém.

Inspiração — acção de inspirar;

inspirador — aquele que inspira;

suspiro — um sopro que sai do peito sob influência de alguma emoção;

suspirar — lançar um suspiro, no sentido figurado desejar ardentemente;

suspirante — aquele que deseja;

transpiração — uma emanação que sai do corpo;

conspirar — muitas coisas que tendem para um fim comum;

conspirador, conspiração — conjunto de pessoas que aspiram juntas a alcançar um mesmo fim.

ESCREVER

(do latim *scribere, scriptum*)

Escrever — representar as palavras da língua por meio de caracteres de convenção;

escritura — a arte de traçar estes caracteres;

escrito — toda coisa escrita;

escriba — um homem que faz cópias, também do que é ditado;

escritor — o autor de livros;

inscrever — escrever qualquer coisa sob um registo, sob um monumento, a *inscrição;*

subscrever — escrever seu nome em baixo dum acto, para indicar que o aprova;

transcrever — fazer a cópia de um escrito, transportar para um outro papel;

transcrição — a acção correspondente;

manuscrito — uma cópia feita à mão;

proscrever — do latim *pro, scribere*, anunciar por escrito, significa condenar à morte em público por afixamente do nome dos condenados;

proscrição — esta condenação;

proscrito — o que sofre a proscrição;

prescrição — um preceito escrito anteriormente;

descrever — implica a ideia geral de traçar, gravar ou representar.

Descrever representar pelo discurso é *descrição* — acção de escrever;

descritivo — o que tem relação com a descrição;

circunscrever — acção de fechar numa linha traçada em redor, daí *circunscrição* — espaço circunscrito.

FAZER

(do latim *facere*, *factum*)

facto — uma coisa feita;

fácil — coisa que se pode fazer sem dificuldade;

fàcilmente — advérbio, facilidade no modo pelo que se faz;

facilitar — dar ajuda;

faculdade, *facultativo* — que pode ser feito;

difícil — oposto de fácil;

dificilmente, *dificuldade*, *dificultoso* — decorrem daí.

Defeito — o que tem falta de algo feito;

refazer — fazer de novo;

refeição — o acto de se fazer de novo, também comer, porque *refaz;*

refeitório — lugar onde se come;

perfeito — uma obra bem acabada, *per facta;*

perfeitamente — advérbio;

perfeição — o que atinge a tudo quanto pode ser feito;

imperfeito — quando está mal feito;

imperfeitamente — advérbio;

malfeitor — o que faz o mal;

malefício — prática por fazer mal aos homens ou aos animais;

benfeitor — o que faz o bem;

benefício — prática habitual de fazer o bem;

satisfazer — contentar, não deixar nada a desejar (*satis* — bastante); daí *satisfação;*

factor — tudo aquilo que faz, tudo aquilo que cria;

manufactor — fazer com a mão; daí *manufactura;*

factotum — um homem encarregado de fazer tudo;

fac-simile — a imitação exata de um desenho, de uma escrita;

afeição — actuar sobre alguém por bem ou por mal ou desejar o bem ou o mal;

afectivo — que inspira afeição;

afectuoso — que traz a afeição;

afectação — maneira de agir que se separa do natural;

afectado — pessoa que age com afectação;

infecção — a acção de impregnar-se de emanações ruins;

desinfectar — separar, tirar a infecção;

desinfecção — a acção de desinfectar;

efeito — o que resulta de uma acção feita;

efectivo — aquilo que produz efeitos, ou que existe realmente; daí *efectivamente;*

eficiente — causa que produz um feito, em escolástica, é uma *causa eficiente;*

coeficiente — em matemática, o número que, posto diante de um outro, multiplica-o e concorda, consequentemente com a formação do producto;

eficaz — causa que é de natureza a produzir um efeito certo, enérgico;

eficacidade — ela tem;

ineficaz — uma causa que não é poderosa;

ineficacidade — ineficazmente;

confecção — a acção de fazer uma coisa até o fim; daí *confeccionar;*

prefeito — aquele que administra, que é posto na frente de outros funcionários; daí *prefeitura.*

Do latim *facere* que significa separação.

Defectivo — em gramática um verbo ao qual falta tempos ou pessoas;

defeituosa — a coisa que tem imperfeição;

déficit — aquilo que falta numa conta;

ofício — um emprego, uma ocupação (do latim *officium*, composto de *facio* e de *ob*, o que é difícil de explicar);

oficialmente — o que emana de um ofício público é oficial, e se produz oficialmente;

ofício — que designa também o serviço divino;

oficina — o lugar onde a pessoa realiza o seu ofício;

suficiente — aquilo que é necessário;

insuficiente — o contrário; daí *suficiência* e *insuficiência* e insuficientemente.

Aplicado a uma pessoa diz-se que ela é capaz. De onde vem *suficiente*, no sentido de presunçoso e também *auto-suficiente*, presunçoso sem ter bases reais, mas apenas por julgar tê-las.

O que exprime a ideia de fazer a coisa ou de dar a qualidade indicada pelo primitivo, acha-se num grande número de palavras compostas, tais como *justificar*, *pacificar*, *mortificar*, o que deu nascimento a substantivos derivados como *bonificação*, *justificação*, *pacificação*, *mortificação*, etc.

FÉRTIL

As palavras desta família derivam do verbo latino *ferre*, trazer.

Algumas são formadas do infinito, as outras du supino *latum*, de modo que as duas formas principais do radical, *fer* e *lat*, diferem inteiramente. *Ferre*, no latim significa, também, relação nas suas diferentes acepções, suportar e trazer.

Fértil — significa que produz, falando da terra;

fertilidade — qualidade do que é fértil;

fertilizar — tornar fértil;

fertilização — acção de fertilizar;

fertilizante — aquilo que fertiliza;

infértil — o que não é fértil — *infertilidade;*

transferir — trazer uma coisa de um lugar para outro;

transferência, quando transporta valores de uma pessoa a outra;

translação — é o mesmo;

transladar — acção correspondente;

preferir — pôr algo ou alguém em primeiro lugar em nossa estima;

preferência — o que temos pela pessoa ou coisa;

preferível — qualidade do que é julgado melhor que outros;

preferivelmente — advérbio;

prelado — na hierarquia eclesiástica, o dignitário que é posto antes dos outros;

referir — relacionar uma coisa com outra;

relatar — contar um ou mais pormenores de um facto;

relacção — o acto que se faz ao relatar, também o estado do que se coloca ante outro;

relactivo — aquilo que tem relacção com um objecto;

relactivamente — advérbio;

correlactivos — dois objectos ou conceito que estão em relacção tal que um supõe necessàriamente o outro, p. ex. escravo e senhor;

correlacção — tais são como o exemplo de pai e filho;

deferir — conceder a alguém honras, alta estima;

deferência — este respeito;

delactor — aquele que traz uma acusação contra alguém;

delacção — acção do delactor;

conferir — dar alguma coisa com certo rito, solenemente;

colacção — a acção de conferir, como os títulos conferidos pela Universidade;

conferência — quando se trata da verificação ou exposição de factos ou de opiniões;

diferir — separação;

diferente — o que não é o mesmo, o que *di* (dois) *fere;*

diferença — estado daquilo que difere;

indiferente — quando não se faz diferença;

indiferença — estado do indiferente;

proferir — pronunciar qualquer coisa em alta voz;

inferir — tirar uma conclusão de um facto, de uma proposição;

ofertar — pôr uma coisa diante de outro para que a aceite (do latim *offerre*, de *ob*, em-face-de . . ., e *ferre*);

oferenda — a coisa oferecida;

oferta — a acção de ofertar;

oblacção — em liturgia católica, a acção de oferecer qualquer coisa a Deus;

ofertório — parte da missa em que os sacerdotes da Igreja acompanham a oblacção;

sofrer — aguentar a dor (*sub* e *ferre*, literalmente, *suportar*);

sofredor — o homem que sofre;

sofrimento — o estado em que está.

GRAÇA

(do latim *gratia*, agradável)

As palavras derivadas dividem-se em dois ramos. *Graça*, no sentido etimológico, significa aquilo que agrada. Por extensão, tomou o sentido de favor.

É na primeira acepção que se diz falar com graça, uma pessoa graciosa; é na segunda que se diz a *graça de Deus*.

Muitas palavras derivadas se empregam com um sentido diferente nas duas séries:

gracioso — o que tem graça — adv. *graciosamente;*

graciosidade — capacidade de ser gracioso;

desgracioso — antônimo — desgraciosamente;

agradar — receber qualquer coisa de boa vontade;

agradável — é preciso que a coisa seja agradável para nos agradar;

agradàvelmente — advérbio;

desagradar — quando não agrada;

desagradável — coisas que não são agradáveis;

desagradàvelmente — adv. — desagradabilidade — a acção de ser desagradável;

congratular — felicitar alguém por aquilo que lhe é agradável;

congratulações — damos congratulações;

graça — dar alguém alguma coisa por favor especial; daí

agraciar — o acto de dar uma graça;

desgraçar — retirar de alguém o favor que lhe dávamos;

desgraciar — é este acto; lamentar a desgraça de alguém;

desgraça — causamos a tal pessoa uma desgraça;

gratuita — a coisa que é dada por graça, sem exigir o preço;

gratis — *gratuitamente* — ela é dada *gratis* ou gratuitamente;

gratificar — dar um favor, principalmente em dinheiro;

gratificação — o que é dado;

gratidão — o reconhecimento de uma graça recebida;

ingratidão — o contrário. E a pessoa é chamada *ingrata*, e *grata* no primeiro.

GRAU

(do latim *gradus*, degrau, da mesma família que *gradi*, *gressum*, caminhar)

A palavra grau, derivada directamente de gradus, não se emprega no sentido próprio; ela foi substituida por degrau, composta do prefixo intensivo *de*, e grau. Degrau designa pròpriamente cada uma das partes de uma escada sobre as quais se marcha para subir ou descer.

Gradual — aquilo que vem por graus;

gradualmente — o modo pelo qual se produz;

gradacção — o modo pelo qual se produz;

graduar — dividir em graus uma régua, um instrumento de física;

graduacção — o que fizemos no instrumento;

centígrado — um termômetro dividido em cem graus;

graus — os diferentes degraus que percorre um funcionário ou um oficial militar que sobe na hierarquia;

graduado — homem provido de um grau;

degradar — tirar o grau de alguém;

degradação — a pena que lhe é infligida ou o estado em que está;

degradante — o que avilta, o que desonra;

retrogadar — marchar para trás;

retrógado — o que realiza movimentos para trás;

retrogradação — é uma palavra reservada à acção dos corpos celestes que parecem ir contra a ordem dos sinais do zodíaco;

agressor — o homem que marcha contra outro para atacar;

agressivo — agressão (a pessoa é *agressiva* e comete uma *agressão*);

progresso — marchar para frente, o desenvolvimento regular de uma coisa;

progredir — fazer progresso;

progressivo — aquilo que muda de lugar para frente, seguindo uma marcha lenta e regular;

progressivamente — o modo pelo qual avança;

progressão — a marcha ininterrupta para frente;

transgredir — marchar fora daquilo que é permitido;

transgressão — quem marcha fora daquilo que é permitido comete uma;

regressão — um discurso que se separa do assunto;

ingrediente — uma matéria que entra na composição de uma bebida.

JOGAR

(do latim *jactare*, frequentativo de *jacere, jactum*, jogar, lançar)

Jogar — de uma maneira geral, significa lançar uma coisa com mais ou menos força.

O radical toma a forma de *ject* e *jec*, principalmente.

Dejecção — designa evacuação das matérias;

injectar — fazer penetrar à força um líquido;

injecção — o acto de injectar;

projecto — quando se joga uma coisa para diante;

projectar — no figurado, significa ter intenção de fazer qualquer coisa;

projecção — acção de projectar;

objecto — a coisa jogada em face de nós (*ob*, diante);

objectiva — em termo de ótica, o vidro que recebe diretamente a imagem de um objecto; objectivo também o ponto para o qual se tende;

objecção — uma dificuldade que se joga em face de uma proposição;

objectar — opor uma objecção;

sujeito — estar *sob* a dependência de alguém mais forte, e também o que recebe o jecto, como sujeito na psicologia;

sujeição — o estado de estar sujeito;

subjectivo — termo de filosofia que significa o que se relaciona com o sujeito (sujeito é empregado por oposição a objecto);

abjecto — aquilo que se rejeita com desprezo (*ab*, significa também afastamento);

abjecção — estado de ser abjecto;

adjectivo — jogado sobre o nome para marcar a qualidade;

adjectivamente — toda palavra que tem o papel de adjectivo;

conjectura — uma opinião fundada sobre as probabilidades que se aproximam;

conjecturar — fazer conjecturas;

trajecto — designa um espaço percorrido ou para percorrer (o prefixo *tra*, *trans* significa através de);

trajectória — a linha descrita por um corpo em movimento;

jactância — vontade de se vangloriar, pois a vanglória jogada constantemente se espalha por todos os ventos, de *vão*, vazio fundamento, glória vã, sem conteudo.

JUSTO

(do latim *justus*, mesma significação. Todas as palavras desta família se aproximam do latim *jus*, que significa o direito, a justiça)

Justo tem duas acepções principais: significa o que está conforme ao direito, ou o que está exacto, que se adapta bem, adequa.

O primeiro deu:

justiça — regra daquilo que está conforme ao direito;

justamente — de modo justo;

justo — o que está conforme a justiça;

injusto — oposto;

injustiça e *injustamente* — decorrentes;

justificar — provar que alguma coisa é justa;

justificação — o acto que se faz para provar que algo é justo;

justificável — o que pode ser justificado;

justiçar — fazer justiça, significa algumas vezes punir, de lá vem;

justiceiro — o que faz a justiça, punindo, o que executa as leis com severidade;

justiçado — a pessoa que sofreu a pena;

justificadamente — adv. de modo justificável;

justificador — que justifica;

justificante — aquilo que torna justo;

justificativo — que serve para justificar;

justo — como sinônimo de exacto, deu *justeza;*

justeza — a qualidade do que é justo;

ajustar — adaptar ou tornar justo, adequar;

ajustamente — a acção de ajustar.

Do latim *jus, juris*, formou-se directamente

jurista — aquele que está versado no conhecimento do direito, que escreve sobre a matéria;

jurisprudência — a ciência do direito;

jurisconsulto — aquele que dá consultas a respeito de pontos do direito;

jurídico — aquilo que se faz em justiça;

juridicamente — advérbio, de modo jurídico;

jurisdicção — o direito próprio de um lugar;

injúria — o que faz alguém contra o direito e a justiça;

injurioso — tudo o que é feito contra o direito;

injuriosamente — advérbio;

injuriar — significa também injúria, palavra ultrajante;

injúrias — as palavras ultrajantes;

jurar — fazer uma afirmação em justiça (em nome de Deus ou de outras divindades);

juramento — acção de jurar;

jurados — os cidadãos chamados a declarar se o acusado é culpado ou não;

juri — o conjunto de jurados, o tribunal dos jurados;

perjurar — dizer falsidades (*per* tem um sentido pejorativo; é como dizer *jurar mal*);

perjúrio — acto praticado;

conjurar — muitas pessoas que se unem para cumprir uma obra determinada;

conjuração — esta união traz este nome;

conjurados — os que fazem parte da mesma;

abjurar — afastar-se, com juramento, de uma opinião que antigamente se seguia;

abjuração — o acto de abjuração (*ab* indica separação);

juiz — o magistrado que faz a justiça (do latim *judicem*);

julgamento — o juiz tem por missão julgar, fazer ou pronunciar julgamento;

judiciário — tudo o que concerne à justiça;

judiciàriamente — advérbio;

extrajudiciário — o que está fora da justiça;

julgamento — se usa também no sentido da faculdade de apreciar as coisas rectamente;

judicioso — aquele que faz bons julgamentos;

judiciosamente — o advérbio formado;

prejulgar — julgar uma coisa prèviamente, sem dispor dos elementos necessários;

prejudicar — um julgamento antecipado causa muitas vezes mal a uma pessoa, daí vem o substantivo *prejudicar*, mal ou dano causada a alguém;

prejudicar — trazer prejuizos;

prejuizo — dano ou mal causado, também usado no sentido de prejulgamento, sinônimo de *preconceito*, mais genuíno;

prejudicial — o que causa dano.

LEI

(do latim *lex*, *legis*, mesma significação)

Lei — toda prescripção emanada da autoridade soberana: dá-se, por extensão, este nome a toda regra estabelecida sobre qualquer matéria.

Legal, *leal* e *legítimo* derivam desta palavra;

leal — um acto é leal se é a honra e a generosidade que o inspiram;

legal — se é permitido pela lei;

legítimo — se é aprovado pela consciência;

legalidade — o carácter, o que é legal;

legalmente — a maneira pela qual se produz;

legalizar — tornar um acto público autêntico;

legalização — tornar legal;

ilegal — oposto de legal, que dá os derivados ilegalidade e ilegalmente;

lealdade — o carácter do que é leal;

lealmente — se diz da maneira leal;

desleal — o que falta de lealdade;

deslealdade — o carácter que apresenta — *deslealmente* — advérbio;

legitimidade — estado ou carácter do que é legítimo;

legitimar — tornar ou declarar legítimo;

legítimamente — de maneira legítima;

ilegítimo — oposto. Formou *ilegitimidade* e *ilegitimamente;*

legista — o homem versado na ciência das leis;

legislador — o que faz as leis (*lador*, que traz);

legislativo — uma assembleia que tem por missão fazer leis;

legislação — o conjunto de leis de um país;

previlégio — uma lei especial (*privus*, particular);

previlegiado — aquele que é objecto deste favor.

A palavra *lex*, não tem, no latim, apenas o significado da lei feita pelo poder público; designa, também, toda espécie de disposição ou de condição.

Legar — transmitir por testamento.

O verbo *legare* tinha, em latim, o sentido de enviar um embaixador, encarregar de uma missão.

Legado — enviado extraordinário;

legação — comissão para negociar de Estado a Estado;

delegar — é pròpriamente enviar, dar poder a um outro;

delegação — a comissão que dá ao enviado seus poderes;

relegar — enviar alguém longe de sua pátria, exilar (*re*, movimento para trás);

alegar — pôr na frente, citar uma autoridade, daí

alegação — este acto de citar como, também, o de apresentar provas.

LER

(do latim *legere*, *lectum*, ler, escolher, recolher)

O sentido primitivo de *legere*, é recolher; dele se passa ao de *escolher* ou distinguir; pois, como é necessário saber escolher ou distinguir os sinais entre sí, para compreender-lhes o significado, alcança-se o sentido de ler.

Ler — é conhecer as letras e juntá-las para dar sentido às palavras;

leitor — todo o homem que lê;

leitura — arte ou acção de ler;

lição — o texto que se lê ou se estuda;

legível — escrito fácil de ler;

ilegível — o contrário;

reler — ler de novo;

legenda — antigamente um livro que continha as vidas dos santos. Agora, temos lenda e

legendário — o adjectivo derivado, o que há a respeito das lendas.

No sentido de escolher, *legere* formou *inteligente*, com a ajuda de prefixo *inter;*

inteligência — faculdade de captar as coisas interiormente com os olhos do espírito;

intelecto — o espírito, considerado como capaz de conceber;

intelectivo e *intelectual* — pertencem ao intelecto ou à inteligência;

inteligentemente — advérbio formado de inteligente;

inteligível — uma coisa fácil de conceber ou de compreender; daí *inteligìvelmente.*

Eleger — a ideia de escolher encontra-se neste verbo, nomear a uma função pelo voto;

eleitor — o que escolhe;

eleição — a acção de eleger;

electivo — tudo que provém da eleição;

eleitoral — o que se relaciona com o direito de eleger;

elegível — aquele que é susceptível de ser eleito;

elegibilidade — sua qualidade;

inelegível — o que não pode ser eleito;

reeleger — eleger de novo;

reelegível — aquele que pode ser reeleito;

elite — chama-se uma escolha de homens ou objectos que têm um valor superior aos outros (galicismo);

elegância — uma escolha engenhosa e delicada no vestuário, nas maneiras, nas obras de espírito;

elegante — o adjectivo correspondente;

elegantemente — produz o advérbio citado;

predilecção — a preferência afectiva;

diligente — do latim *diligentem*, pròpriamente aquele que ama, que cuida, e, por extensão, aquele que é cuidadoso, atento, limpo;

diligência — a qualidade do homem diligente; daí *diligentemente.*

Selecção — uma escolha feita, afastando ou desprezando tudo aquilo que não agrada;

colher — os latinos tinham formado com *legere* e o prefixo *cum* ou *col*, *colligere*, de onde se tirou a forma popular *colher* e a erudita *coligir;*

acolher — com *ad*, receber qualquer um ou qualquer coisa que se nos apresente;

acolhimento — o modo pelo qual é acolhido;

recolher — tomar, ajuntar;

recolhimento — concentrar as ideias sobre qualquer coisa;

coligir — significa reunir objectos;

colecção — reunião de objectos;

colectivo — tudo aquilo forma colecção;

colectivamente — o modo pelo qual se apresenta;

colecta — uma reunião de ofertas produzidas por uma busca;

colector — o que recebe o dado para a colecta;

colégio — uma reunião de pessoas revestidas da mesma dignidade. Significa, também, os alunos de uma casa de educação e a própria casa;

colegial — no sentido de alunos;

negligência — o que não cuida de seus deveres (*nec legere*, não escolher, deu por extensão, não ter cuidado de alguma coisa ou de alguém);

negligentemente, *negligente*, *negligenciar* — decorrem daí.

Legião — no sentido de tomar ou erguer, deu legião, que significa pròpriamente leva militar;

legionário — soldado que faz parte de uma legião;

sacrilégio — o mesmo radical *leg* deu palavras compostas como a citada, literalmente rapto de objectos sagrados, por extensão, profanacção de coisas santas;

sortilégio — acção de ler a sorte, o futuro.

LUZIR

(do latim *lucere*, luzir, formado de *lux*, *lucis*, luz. *Luc* é também a raiz da palavra *lumen*, *luminis*, que significa igualmente luz). *Luzir* — significa expandir a luz ou reflectir-la. Daí formou:

luzente — que produz ou que reflecte a luz;

reluzir — com o prefixo *re* indicando o retorno, que se aplica especialmente à reflexão da luz; daí *reluzente.*

No sentido figurado, quando uma inteligência é clara, concebe claramente diz-se que é *lúcida*, daí *elucidar* — esclarecer uma ideia (*ex* aumentativo);

translúcido — um corpo que deixa passar a luz, mas não a forma do objecto;

translucidade — a qualidade do translúcido.

Com *lux* e o verbo *ferre*, compos-se *Lúcifer*, literàriamente, aquele que traz a luz, trazer a luz, nome dado pelos latinos a uma estrela brilhante da manhã, e pelos cristãos ao rei dos anjos decaídos.

Locubração — obra feita à força de trabalhar à luz, ao preço de longas noites.

A forma *lum* deu: *luminoso* — todo aquele que expande a luz;

alumiar — inflamar um corpo susceptível de brilhar, em consequência tornar luminoso;

iluminar — aclarar, tomar brilhante uma coisa, como as ruas de uma cidade, etc.;

iluminação (*il* em lugar de *in* significa na);

iluminador — aquele que ilumina;

iluminados — figuradamente nome dado a certos visionários que se consideram esclarecidos directamente por Deus.

De *lucere*, os latinos formam *Lucina*, um dos nomes de Diana; esta palavra, por síncope, nos deu *lua*. Diana era muitas vezes a personificação dos astros da noite.

Lunar — formado diretamente de lua, o que se relaciona com a luz;

sublunar — o que está abaixo da luz. O mundo sublunar, a terra;

lunático — no sentido de que a lua exerce influência sobre os caracteres.

Lunático o homem que muda bruscamente de humor.

Luneta — diminutivo de lua, e que significa o instrumento assim chamado em virtude da forma redonda do vidro.

À mesma família pertence *lustrar* e seus derivados. Provém do verbo latino

lustrare aclarar — de onde vem tornar brilhante, polir;

lustrar — tornar brilhante.

No sentido figurado formou:

ilustre — resplandecer por qualquer coisa de extraordinário;

ilustrar — tornar ilustre;

ilustração — acção de ilustrar ou qualidade daquilo que é ilustre;

ilustríssimo — superlativo de ilustre.

MÃO

(do latim *manus*, mão)

Mão — sendo órgão principal do trabalho, seu nome deu lugar a um grande número de derivados e compostos, que se relacionam, de um modo ou de outro, directamente aos actos materiais da vida;

manual — tudo que se faz com a mão.

Como substantivo, significa um livro que traz tudo que se deve saber de uma determinada matéria, e que se deve trazer, sempre à mão; *manualmente* — advérbio.

Manejar — tocar com a mão, e, por extensão, servir-se, tirar partido de, dirigir. Por exemplo: manejar os homens, manejar as almas, etc.;

manejador — aquele que habitualmente maneja qualquer coisa;

manejamento — a acção de manejar;

manejável — aquilo que pode se tocar, que está à acção da mão;

maneira — a acção da mão implica necessàriamente a ideia de agir; é porisso que uma certa maneira de ser ou de agir traz o nome acima citado.

Com *manus* e o verbo *pleo*, encher (simples, de *impleo*), o latino formou *manipulus*, que se traduz por *manípulo;* aquilo que a mão pode conter. Esta palavra era usada em farmacia, daí *manipulação* — a preparação que o farmacêutico fazia subir ao manípulo.

Este sentido se estendeu a toda operação manual feita num laboratório de química. Deu o verbo *manipular*, e também *manipulador*. Decorrem:

manufactura — estabelecimento onde se fabrica à mão qualquer producto industrial;

manufatureiro — o dono da manufatura;

manufaturados — os productos que dalí saem;

manuscrito — um escrito feito à mão;

manter — a acção de ter dentro da mão fortemente;

manutenção — acção de manter, cuidado de fazer executar qualquer coisa.

Esta palavra emprega-se frequentemente no sentido de administração.

Manifesto — uma coisa visível, palpável, que se pode tocar com a mão (de *manus* e de um radical *fest*, que implica a ideia geral de tocar).

Manifestar — tornar manifesto;

manifestacção — a acção de manifestar;

manifesto — uma declaração pública que faz um príncipe ou um partido para expor seus pontos de vista ou dar razões de sua conduta;

manifestamente — de maneira manifesta, quer dizer visível ou tangível;

manobra — uma operação ou um conjunto de operações à mão para mover qualquer coisa;

manobrar — fazer manobras;

manga — parte do vestuário na qual passa o braço, e assim a mão. Vem do latim *manica*, derivado de *manus*.

Os latinos tinham um verbo *mancipare*, formado de *manu* e *capere*, tomar com as mãos, que se empregava para comprar ou vender, porque se estendia a mão sobre a pessoa ou o objecto em sinal de propriedade;

emancipar — transferir o domínio por venda (e indica afastamento), e este verbo tomou o sentido de pôr fora da tutela, porque se procedia a uma venda fictícia para pôr o filho fora da autoridade paternal. Na nossa língua passou para o sentido de pôr o menor fora da tutela, dando-lhe direitos de cuidar de sí próprio, daí emancipação.

A ideia de dar implica sempre o órgão que dá, isto é, a mão. É sob esta influência que se formou *mandar* (de *manu dare*) dar a mão, confiar, dar uma ordem.

Mandato — uma ordem escrita ou verbal que se dá a alguém para preencher um cargo;

mandatário — aquele que dá.

Com *mandar* e o prefixo *com*, em valor aumentativo, mandar transformou-se em *comandar* — prescrever, ordenar;

comando — em termo de *comércio*, o conjunto de mercadorias cujo vendedor comandou, enviar, daí *comandita;*

comandante — em termo militar, todo homem que comanda as tropas. Aplica-se, também, ao chefe de batalhão ou ao esquadrão.

Combinado com o prefixo *re*, que neste caso tem um valor aumentativo, comandar guarda algumas vezes seus valor imperativo como nestas frases: ele recomendou silêncio, etc.

A acção de recomendar é a recomendação.

Recomendável — toda pessoa digna de ser recomendada.

MOVER

(do latim *movere*, *motum*, mover)

Mover — ideia de fazer mudar de lugar;

movimento — o acto pelo qual se muda a posição;

motor — a pessoa ou o objecto que produz um movimento;

motivo — a causa que produz alguém a fazer uma acção, a produzir um movimento;

motivar — dar o motivo de um acto que se cumpriu;

promotor — aquele que toma a iniciativa de um movimento de espírito, em favor de uma doutrina, de uma causa, de uma empresa;

promover — mover para frente, falando do homem que se eleva em grau, em dignidade;

promovido — a pessoa que recebeu a *promoção* — movimento para a frente;

emoção — agitação popular e agitação interior do espírito;

comoção — movimento brusco e súbito (*cum*, intensivo).

O adjectivo latino *mobilis*, formado de *movere*, e significando aquilo que pode ser movido, deu dois adjectivos um de origem popular e outro de origem sábia, cada um deu sua série de derivados:

móvel — significa o que pode ser movido, mudado de lugar.

Ex.: bens móveis, terra móvel, também os móveis de uma casa.

Imóvel — toda propriedade que não é móvel, isto é, susceptível de ser mudada de lugar;

móvel — é a segunda significação, mais frequente e, se aplica a tudo aquilo que pode ser movido;

mobilidade — a qualidade daquilo que é móvel; *imóvel* e *imobilidade;*

mobilizar — tornar móvel, falando de tropas; *mobilização;*

imobilizar — tornar imóvel.

Momento — vem directamente da palavra latina *momentum*, a qual designa os pesos que põem a balança em movimento. O sentido de uma ligeira adicção conduziu, falando do tempo, à aceitação de um instante. Aquilo que não dura a não ser um *momento* é *momentâneo*, adv. *momentâneamente.*

NOÇÃO

(do latim *notum*, supino de *noscere*, conhecer).

Noção — conhecimento adquirido que se tem de alguma coisa;

notório — aquilo que é do conhecimento de muitas pessoas;

notoriedade — *notòriamente.*

Notificar — trazer oficialmente uma coisa ao conhecimento de alguém;

notificação — a acção de notificar;

nota — um sinal ou um escrito com poucas palavras, que se traça para lembrar-se de alguma coisa ou para melhor fazer conhecer explicando;

notícia — entrar nos pormenores de análise que se escreveu na nota;

anotar — tomar em nota;

notação — a acção ou a maneira de notar;

notável — aquilo que merece ser notado;

notável — o que deve ser notado, tomado em consideração;

notabilidade — a qualidade de ser notável;

notàvelmente — de maneira notável;

notário — o sentido de nota se confundia antigamente com o de acta e de escrito, consequentemente o encarregado de redigir e de conservar as actas ou as notas de um senhor, trazia o nome de notário ou guarda-notas.

Notário — diz-se actualmente do oficial público, encarregado de redigir as actas dos particulares, sua função é o *notariado;*

anotar — quando um livro tem necessidade de ser explicado, ajuntam-se notas destinadas a esclerecer o texto;

anotações — o nome que recebem as notas;

anotador — aquele que as anotou;

denotar — designar por certos sinais ou notas.

Com o prefixo *cum*, aumentativo, e *noscere*, os latinos tinham *cognoscere*, que significava ter conhecimento de. Transformamos em *conhecer;*

conhecimento — as noções de que se possue;

conhecedor — o homem que conhece;

reconhecer — a acção de conhecer de novo uma pessoa ou uma coisa que se havia perdido de vista;

reconhecível — diz-se do objecto susceptível de ser reconhecido;

reconhecimento — a acção de reconhecer;

desconhecido — aquele que não se conhece;

incógnito — diz-se de pessoas que viajam sem ser conhecidas, sem dar sua identidade;

nobre — aquele que se distingue pela ilustração de seu nascimento e que pertence a uma classe previlegiada no Estado (latim *nobilis*, digno de ser conhecido);

nobreza — sua qualidade;

nobiliário — aquilo que se relaciona com a nobreza;

nobre — diz-se no figurado para designar aquilo que se distingue pela grandeza, elevação. Advérbio *nobremente;*

enobrecer — dar a nobreza;

ignóbil (*in*, negativo) — que falta sentimento nobre, o que é vil;

nome — a palavra que designa uma pessoa, um objecto;

nomear — dar um nome;

prenome — o nome que vem antes do da família (*prae*, antes);

sobrenome — o nome que se ajunta após o da pessoa, para distinguí-la daqueles que têm nome igual a ela;

nominal — o que é relativo ao nome;

nominativo — aquilo que contém os nomes.

Nominativo emprega-se como substantivo, em gramática, para designar o sujeito da preposição.

Nomenclator — Em Roma, os grandes personagens tinham um escravo encarregado de lhes dizer os nomes e sobrenomes dos que passavam. Este escravo se chamava *nomenclator* (*nomen*, nome e *calare*, chamar).

Esta palavra designa o homem que se ocupa de *nomenclatura*. Chama-se, assim, a colecção de palavras empregadas para designar os diferentes objectos de uma ciência ou de uma arte.

Nomear — emprega-se por extensão para indicar a acção de designar a uma cargo, a uma dignidade;

nomeação — a acção e o direito de nomear;

denominar — nomear uma pessoa num acto (*de*, intensivo);

denominação — é mais geral, e se aplica à designação de uma pessoa ou de uma coisa por um nome;

denominador — em aritmética chama-se assim um dos termos da fracção que indica em quantas partes iguais está dividida a unidade. Este termo nomeia a espécie de unidades.

renome — assim que uma pessoa ou uma coisa é conhecida, célebre, na boa como na parte má, e que seu nome é dito e redito, diz-se que tem *renome;*

ignomínia — o estado de uma pessoa ou de uma coisa desonrada, da qual nem se ousa pronunciar o nome (*in*, privativo e *nomen*);

ignominoso — aquilo que traz ignomínia;

pronome — parte do discurso que toma o lugar do nome (*pro*, no lugar de);

pronominal — aquilo que é da natureza do pronome.

Verbo pronominal é aquele que se conjuga com um pronome pessoal da mesma pessoa que o sujeito.

ORAÇÃO

(do latim *orationem*, discurso, derivado de *orare*, falar, orar, o qual vem de *os*, *oris*, boca)

Oração — significa, de maneira geral, linguagem escrita ou falada.

Fala-se ainda nas partes da oração, pelas partes do discurso. Num sentido mais restrito, significa discurso, mas não se emprega, a não ser quando queremos nos referir aos discursos de oradores da antiguidade, e na expressão *oração fúnebre:*

oração — o sentido mais habitual hoje em dia é aquele de prece endereçada a Deus e aos santos, pois orar à divindade, é falar a ela;

orador — homem que pronuncia um discurso, uma oração;

oratória — tudo aquilo que se relaciona ao orador;

oral — tudo que é dito de viva voz, por oposição àquilo que está escrito;

oralmente — a maneira pela qual se exprime;

oráculo — antigamente, uma resposta da divindade àqueles que a consultavam;

oratória — uma ordem religiosa fundada na Itália, em 1548, e especialmente destinada ao ensinamento e a predicação;

oradores — eram chamados os seus membros.

Os oradores tinham o costume de levar nas solenidades religiosas dramas líricos sobre assuntos sagrados. Este gênero de composição musical tomou em sua origem e conservou no nome de *oratório.*

Perorar — diz-se de alguém que fala longamente e com tom elevado:

perorador — o prefixo *per* tem um sentido intensivo. *Perorador* literalmente quer dizer falar até o fim;

peroração — parte final de um discurso;

orar — rezar;

oratório — lugar onde se reza;

adorar (*ad*, tendência) — significa pròpriamente rezar para, e, por extensão, render um culto, uma homenagem à divindade;

adoração — a acção de adorar;

adorável — aquele que se adora;

adorador — aquele que adora;

exorável — aquele que se deixa tocar por uma prece (literalmente, que se deixa rezar com instância, *ex*, sentido intensivo);

inexorável — aquele, que, ao contrário, resiste a todas as súplicas (*in*, não).

ORDEM

(do latim *ordo*, *ordinem*, ordem, disposição)

Ordem — tem dois sentidos, de arranjamento e de descrição;

ordenar — dispor algumas coisas com ordem;

ordenador — o autor da disposição dada às coisas;

ordinal — em gramática, o adjectivo de nome que marca a ordem;

ordinário — tudo aquilo que está na ordem comum;

extraordinário — aquilo que sai desta ordem;

ordinàriamente e *extraordinàriamente;*

reordenar — ordenar de novo;

coordenadas — muitas coisas ordenadas de maneira a estarem em relação;

coordenação — o estado em que se encontram;

subordinada — o que se coordena de modo a estar sob a dependência de outra coisa;

subordinação — a coisa que depende da outra está num estado de subordinação;

subordinado — p. ex. relação existente na ordem social, em que um homem é posto em dependência de um outro; *subordinado* tornou-se sinônimo de *submissão;*

insubordinado — o homem que recusa submeter-se a seu chefe;

insubordinação — o acto que ele realiza;

desordem — contrário de ordem;

desordenada — uma coisa em desordem;

desordenadamente — advérbio;

ordenar — prescrever;

ordenança — prescripção feita por um chefe.

Ordem, no sentido de prescripção, implica, por conseguinte, a ideia de regra. Regra é uma ordem escrita e permanente. Por metonímia trasportou-se a significação da palavra a uma reunião de pessoas que vivem sob esta regra. É porisso que se diz *ordem de cavalaria, ordens religiosas.*

Ordenado — o clérigo que é revestido de uma ordem;

ordenação — o que ele recebeu;

ordenança — usa-se no exército para um soldado que serve de criado a um oficial, ou para um cavaleiro posto perto de um oficial superior para transmitir ordens.

PAR

(do latim *par*, igual)

Par — igual. Emprega-se sòmente nas expressões *sem par* e *fora de par;*

paridade — duas coisas pares têm por qualidade a *paridade;*

disparidade — qualidade de duas coisas não pares;

par — em matemática, significa divisível em duas partes iguais e inteiras, falando de números. Seu oposto é *ímpar.*

Par, empregado como substantivo, designava os grandes vassalos do rei, iguais entre sí; mais tarde designou os senhores aos quais seus cargos davam direito de assento no parlamento. Usa-se também para chamar os membros da câmara alta, do senado.

paralelos — dois objectos iguais quanto à forma e quanto à quantidade;

paralelamente — advérbio;

aparelhar — achar um paralelo a qualquer coisa;

desparelhar — separar uma coisa de sua paralela;

aparelhar — noutra accpção, significa reunir os objectos feitos para actuarem juntos, e consequentemente arranjar;

aparelho — conjunto destas peças;

par — dois objectos da mesma espécie, feitos para actuar juntos completando-se recìprocamente;

reparar — pôr em bom estado uma coisa que foi estragada; daí *reparação* e *reparador* — aquele que repara;

reparável — aquilo que pode ser reparado;

irreparável — aquilo que não pode ser reparado;

irreparàvelmente — advérbio;

preparar — dispor para frente (*prae*, frente, antes ou para frente);

preparação — a acção de preparar; também assim se chama a coisa preparada;

preparador — aquele que prepara;

preparatório — aquilo que prepara;

preparativos — disposições tomadas com antecedência;

comparar — dispor duas coisas juntas para examinar as diferenças ou semelhanças;

comparação — estabelece-se entre os dois uma comparação;

comparativo — aquele que estabelece uma comparação;

comparativamente — advérbio;

comparável — um objecto que se pode pôr de par com um outro;

comparàvelmente — advérbio;

incomparàvel — chama-se o objecto que não pode ser comparado, pois é mais perfeito do que os outros;

separar — o contrário de comparar (se indica a divisão, afastamento), significa dispor a parte, desunir aquilo que estava junto;

separação — acção de separar;

separável — aquilo que pode ser separado; *separadamente* — advérbio;

separatistas — em linguagem histórica ou política, aqueles que se separam de uma confederação.

PASSO

(do latim *passus*)

passo — acção de por um pé diante de outro para marchar ou ainda o espaço percorrido nesta acção;

passar — transportar de um lugar a outro, fazendo passos;

passagem — a acção de passar, palavra que significa, também, o lugar onde se passa;

passageiro — aquele ou aquilo que não faz que passar; *passageiramente* — advérbio;

Passar tem, também, o significado de ser aceito.

passável — o que pode ser admitido; *passàvelmente* — advérbio;

repassar — passar de novo;

ultrapassar — ir além do que é permitido;

trespassar — passar além da vida, morrer;

compasso — significava, no início, marcha de conjunto, marcha regular. Foi, por derivação do sentido e insistindo sobre a ideia de regularidade, que tomou o significado de medida e, por conseguinte, do instrumento que serve para medir;

compassar — medir um compasso;

compassadamente — acção de compassar;

compassado — regular.

POVO

(do latim *populus*, mesma significação)

povo — significa os habitantes de um país;

povoar — encher um país de habitantes;

população — o que formam os habitantes;

povoamento — a acção de povoar;

populoso — um país muito povoado;

despovoar — o contrário;

despovoamento — chama-se a acção e *despovoado* — o estado do país;

repovoar — povoar novamente — *repovoamento;*

público — o que pertence ao povo, à nação;

publicamente — advérbio; *público* — diz-se do povo, tomado de uma maneira geral;

publicar — espalhar qualquer coisa ao público;

publicação — o que se faz;

publicidade — acção de publicar;

publicanos — nos romanos, os rendeiros dos dinheiros públicos;

república — o Estado toma este nome, isto é, a coisa pública (*res publica*).

Dá-se especialmente este nome a um Estado governado por muitos; todo participante desta forma de governo é um *republicano*, ele faz profissão de *republicanismo*.

povo — significa, também, as classes inferiores da sociedade, por oposição às classes ricas e instruidas;

populacho — a ideia de povo em mau sentido, em sentido pejorativo, que designa a parte menos recomendável do povo;

popular — aquilo que é do povo — *popularmente;*

popularizar — propagar entre o povo;

popularidade — simpatia que a multidão dá a alguém;

despopularizar — perder a popularidade;

impopular — torna-se aquele que não é mais popular;

impopularidade — a qualidade de ser impopular.

PÔR

(do latim *ponere*, *positum*, mesma significação)

posição — a maneira em que uma coisa é posta ou o lugar no qual ela se acha;

positivo — figuradamente, aquilo sobre o qual se pode contar, e *positivamente;*

depor — pôr uma coisa que se carregava (*de* é um prefixo aumentativo e implica a ideia de que o objecto ficará onde o pusermos);

depósito — onde se depõem os objectos;

deposição — a ação de depositar, tambem de depor.

Emprega-se esta palavra em têrmo de justiça para designar o testemunho daquele que depõem.

Depositante — o homem que fêz um depósito;

depositário — aquêle que recebe o depósito;

depoente — em gramática verbo depor em sentido passivo;

dispor — pôr muitas coisas numa certa ordem;

disposição — a maneira pela qual se põe, ou a acção de dispor.

Dispor tem assim o sentido de arranjar. O sentido de arranjar, figuradamente, nos conduz ao de regrar ou prescrever; assim se dirá: as disposições de uma lei, isto é, as prescripções legais; quando se trata do julgamento de um tribunal, se diz os *dispositivos*. *Dispor-se* indica sòmente o poder que temos de regrar ou de empregar as pessoas e as coisas ao nosso gôsto, torna-se intransitivo e se constrói com a preposição *de*: dispor de mim, dispor de uma soma de dinheiro. Neste caso, o objecto ou a pessoa, da qual podemos dispor, é *disponível* ou está em estado de *disponibilidade*.

Disposto — a pessoa ágil a mover-se;

indisposto — contrário — *indisposição;*

predispor — dispor com antecedência;

predisposição — o estado correspondente;

superpor — a ação de pôr sobre; *superposição;*

juxtapostos — dois objectos são postos um perto do outro; *juxtaposição;*

interposto — quando um objecto é posto entre dois outros; *interposição;*

transpor — pôr uma coisa além do lugar onde ela estava ou onde ela devia estar;

compor — pôr junto, ou coisa, ou ideias, para formar um todo: *composição;*

compositor — aquele que compõe;

composta — uma obra que reune caracteres próprios de outras ordens;

decompor — a acção de separar um corpo em suas partes compostas; *decomposição;*

recompor — compor de novo;

recomposição — a acção de recompor;

expor — pôr para fora, à vista do público;

exposição — a acção de expor;

impor — pôr dentro. Ex.: *impor uma ideia*, pôr dentro do espírito;

impostor — — impor por subtileza, com a intenção de enganar;

impostura — o acto que pratica o impostor.

(O prefixo *in* tem o sentido de *sob* ou *sobre.*)

imposto — taxa que se põe sobre os bens ou as mercadorias;

reimpor — impor de novo — *reimposição;*

opor — pôr duas coisas uma em face da outra; oposição; *oposta* — uma coisa que se opõe a uma outra;

preposição — a palavra que vem antes de outra;

propor — pôr adiante;

proposição — acção de pôr uma coisa na frente, seja por oferecimento, seja para submetê-la a uma exame;

propósito — esta acção supõe sempre uma resolução da parte daquele que propõe, daí propósito;

repousar — o homem fatigado para reparar suas forças, se põe num lugar onde descansa sem se agitar;

repouso — a acção de repousar;

supor — uma coisa notòriamente falsa, mas que, por convenção, é admitida como real;

suposição — uma coisa posta sob;

pressupor — a acção de supor com antecedência;

postura — maneira como se coloca o corpo, a cabeça, os membros;

imposta (*in*, sobre, e *positus*) — posta sobre todas as outras;

postiço — posta depois, muitas vezes no lugar daquilo que deveria ser.

REI

(do latim *rex*, *regis*, mesma significação)

Rei — personifica o poder, o poder de comandar, de dirigir.

É esta ideia que permanece nas palavras muito numerosas desta família:

rainha — vem diretamente do latim *regina;*

real — o que pertence ou o que se relaciona ao rei; *realmente* — advérbio;

real — no sentido do que existe vem de *res*, coisa;

realeza — a dignidade de um rei;

reino — o país onde governa;

realismo — sua doutrina política; não confundir com realismo que vem de *res*, coisa;

vice-rei — o prefixo *vice* exprime a idéia de substituição, vice-rei aquele que substitue o rei;

regicida — o assassino de um rei;

regalia — direitos reservados ao rei, privilégios a certas pessoas, classes, etc.;

reinar — o governar de um rei;

reinol — o habitante natural de um reino;

reger — a ideia de governar, de maneira geral, se exprime no latim pelo verbo *regere;*

regente — aquele que rege um reino;

regência — o tipo de seu governo;

regime — a acção de reger, a maneira de governar;

reitor — o funcionário que rege uma universidade (do latim *rectorem*, de *regere*);

reitorado — sua dignidade — *reitoral.*

Também o particípio de *regere*, *rectus*, tem o sentido de direito. Recto o que é direito. O radical recto se emprega na qualidade de prefixo, com esta significação, nas seguintes palavras:

rectângulo — figura que tem os ângulos rectos;

rectilínio — que está em linha recta;

rectidão — qualidade do que é recto;

rectificar — corrigir qualquer coisa que não está direito;

rectificação — a acção que fazemos;

dirigir — significa pròpriamente pôr em linha recta através de.

Vem do latim *dirigere*, formado do prefixo *di*, indicando afastamente e *regerer*; *direcção* — a acção de dirigir. Esta palavra designa, também, o lado, a linha recta segundo a qual uma coisa é dirigida.

Região (do latim *regionem*) — extensão de um país, situado numa certa direcção, o qual forma o adjectivo *regional*;

director — aquele que dirige ou governa;

directoria — um conselho de muitas pessoas dirigindo os assuntos públicos;

directorial — o que pertence à directoria;

directo — o particípio passado *directus* dá nascimento a esta palavra e, também, a direito;

direito tem duas acepções: o que não tem curvatura, nem flexão, e a figura do que é justo; designa o que está oposto à esquerda.

Directo significa o que está em *linha recta* e forma *directamente*, *indirecto* e *indirectamente.*

Corrigir (de *cum* prefixo aumentativo e *regere*) — exprime a ideia de seguir com a vista direita, aquilo que se afasta, de retificar uma falsidade cometida;

correcto — aquilo que está bem corrigido, que tem uma forma exacta e pura; *correctamente* — advérbio;

corrector — o homem que corrige;

corrigível — o homem que pode ser corrigido;

correcção — acção de corrigir ou a qualidade daquilo que é correcto;

correccional — toda jurisdicção que corrige ou pune os delitos;

incorrecção — uma falta de correcção; *incorrecto;*

incorrigível — o homem ou criança que não se pode corrigir, que sempre cai nos mesmo erros; *incorrigibilidade*;

régua — quando se deseja tirar uma linha recta, servimo-nos de um instrumento longo e recto chamado régua (do latim *regula*, vindo de *regere*);

regra — emprega-se para designar a lei, o princípio em virtude do qual se rege alguma coisa;

regulamentar — fazer regras, regimentos;

regimentação — conjuntos de regimentos sobre uma matéria;

regular — aquilo que está conforme às regras, quer naturais ou de convenção; *regularmente* — advérbio;

regularizar — tornar regular uma coisa que não estava conforme as regras; *regularização; regularidade;*

regulador — todo homem que regulariza qualquer coisa que não estava regular;

irregular — que falta regularidade;

irregularidade — o carácter do que é irregular.

SAGRADO

(do latim *sacer*, *sacrum*, mesma significação)

sagrado — todo objecto ou homem que tem uma actividade espiritual.

Confere-se este caracter aos pontífices da Igreja para uma cerimônia religiosa chamada *sacra*; a acção de cumprir esta cerimônia é sagrar ou sagrar-se.

consagrar (*cum* aumentativo) — a acção de devotar à divindade, de tornar sagrado e, por conseguinte, respeitável, honrável;

consagração — acção de consagrar;

sacramento — uma cerimônia destinada à consagração religiosa das diversas fases da vida, nos cristãos;

sacramental — o que pertence ao sacramento;

sacrifício — a acção de fazer uma obra sagrada, isto é, oferecer à divindade qualquer coisa que se abandona, cujo abandono nos custa algo (de *sacer*, e *facere*, fazer);

sacrificar — fazer um sacrifício;

sacrilégio — a acção de profanar as coisas sagradas; literalmente acção de tomar as coisas sagradas;

sacerdote — o mister daquele que está encarregado das coisas sagradas; *sacerdotal;*

sacristia — o lugar onde estão depositados os vasos sagrados de uma Igreja;

sacristão — o guarda desta peça.

Os antigos tinham o costume de oferecer aos deuses, nos sacrifícios, o osso triangular posto à base da coluna vertebral; este destino lhe valeu o nome de *osso sacrum*. A palavra *sacrum*, sob a forma *sacro*, entra na composição de muitos termos de anatomia: tais como *sacro-lombar*, etc. Devemos ajuntar *sacro-santo*, *santo* e *sagrado;*

execração (de *ex*, fora e *sacer*) — os antigos tinham fórmulas religiosas que continham ameaças e maldições. Recebiam este nome porque elas colocavam, fora do direito comum, o que estava sagrado. Do sentido de maldição, execração passou, naturalmente, ao do sentimento de horror;

execrar — ter horror;

execrável — digno de maldição.

SENTIR

(do latim *sentire*, *sensum*, mesma significação)

sentir — provar uma impressão física ou moral;

sensação — impressão física;

sentido — funcção pela qual o homem percebe o estímulo de uma sensação;

sensitivo — aquilo que tem relação ao sentido;

sensitiva — uma planta leguminosa que dobra suas folhas ao ser tocada;

sensibilidade — faculdade que temos de sentir;

sensível — quem é dotado desta faculdade; *sensìvelmente* — advérbio;

insensível — no caso contrário;

insensìvelmente — advérbio; *insensibilidade* — seu defeito;

sensual — homem que procura com avidez os prazeres dos sentidos; daí *sensualidade;*

sensualismo — doutrina filosófica que atribue à acção dos sentidos a geração das idéias;

sensualista — o partidário destas ideias;

sensório — o cérebro considerado como sede das sensações recebe este nome;

sensorial — adjectivo vindo daí;

sentir — emprega-se muitas vezes no sentido restricto de perceber pelo odor;

sentimento — sentir significa provar uma impressão moral, sentimento, afeição da alma;

sentimental — o que se relaciona ao sentimento;

sentinela — o cargo de um soldado encarregado de *sentir* e de *sinalar* a chegada de um inimigo.

A palavra *senso* significa por derivação julgamento; para bem julgar realmente, é necessário que os sentidos apreciem com exactidão os objectos com os quais estão eles em relação.
sensato — o homem dotado de bom julgamento; *sensatamente; insensato* — o contrário;

sentença — uma fórmula breve que encerra um grande sentido, um pensamento moral;

sentencioso — o que contém máximas; *sentenciosamente* — advérbio;

contrassenso — o que é tomado num sentido errôneo;

ressentir — exprime a ideia de sentir com mais energia (*re* aumentativo);

ressentimento — que designa comumente a lembrança ou o sentimento que se conserva de uma injúria;

pressentir — acção de sentir prèviamente uma coisa que deve acontecer (*prae*, avante);

dissentimento — uma diferença na maneira de sentir ou de apreciar (*dis*, separação);

dissensão — discórdia que nasce de uma diversidade de sentimentos;

consentir — exprimir a acção de aceitar o sentimento ou a vontade de um outro; *consentimento;*

assentimento — movimento da vontade que acede ao sentimento de um outro (*ad*, para).

SOLUÇÃO

(do latim *solutionem*, feito de *solvere*, *solutum*, pagar)

solução — é pròpriamente a decomposição de um corpo, cujos elementos estavam ligados, juntos. palavra é empregada, sobretudo quando se fala de um corpo sólido que se desagrega num líquido, de maneira a tornar-se líquido. Designa, também, a separação, como na expressão: *solução de continuidade*, e, enfim, o desnudamento de uma dificuldade, como em a *solução de um problema;*

dissolver — exprime o acto de um corpo que se decompõe ou se desagrega (o prefixo *dis*, exprime separação);

solúvel — todo corpo susceptível de se dissolver;

solubilidade — é a sua qualidade;

insolúvel — quando não pode dissolver-se; *dissolução* — a acção de dissolver.

Emprega-se figuradamente para significar o desregramento dos meios;

dissolúvel — o que pode ser rompido;

dissolvente — o que tem a propriedade de dissolver, em sentido próprio e figurado;

dissoluto — todo homem que emprega meios desregrados; dissolutamente — advérbio;

indissolúvel — o que não pode ser rompido; *indissolutamente* — *indissolubilidade;*

resolver (*re* é aumentativo) — exprime a divisão, a decomposição, mas a um grau médio. Dissolver estende-se a uma decomposição completa, que faz desaparecer a nossos olhos os elementos componentes; *resolver* implica uma divisão mais simples, que torna os elementos visíveis;

resolução — a acção de resolver;

resolúvel — o que tem a propriedade de resolver ou de dissolver.

Resolução, como vimos pelos exemplos acima, toma-se na acepção de decisão. Este sentido derivado explica-se fàcilmente: para tomar uma decisão, é necessário antes desnudar ou resolver a dificuldade que apresenta a coisa. A decisão, que é o resultado da solução ou da resolução, pode confundir estes dois termos;

resoluto — um homem decidido na resolução tomada;

resolutamente — o modo por que age;

irresoluto — se ele passa de uma opinião para outra;

irresolutamente — o modo pelo qual age;

solver — traducção de *solvere*, significa pròpriamente, desligar;

absolver — desligar da culpa;

absolvição — a acção de absolver;

absoluto — tudo aquilo que está desligado de todos os laços; *absolutamente* — advérbio;

absolutismo — sistema de governo ou de poder absoluto;

absolutistas — os seus partidários.

TEMPO

(do latim *tempus, temporis*)

tempo — designa em geral a duração, mas uma duração mensurável. É oposto à eternidade, que se estende à duração incomensurável e ilimitada;

temporário — aquilo que não dura senão um tempo determinado; *temporàriamente* — advérbio;

temporizar — prolongar uma acção para ganhar tempo;

temporizador — aquele que procura ganhar tempo;

temporização — acção de temporizar; *temporizador* — que faz ganhar tempo;

temporal — que se relaciona com o tempo; *temporalmente* — advérbio. Ex.: os interesses temporais, as afeicções temporais, etc.

contratempo — em música, a ideia de duração se encontra neste substantivo, que quer dizer o que rompe a medida, de onde vem a significação de acidente imprevisto, que compromete a marcha, e por conseguinte, o sucesso de uma empresa;

contemporâneos — duas pessoas ou factos da mesma época;

contemporaneidade — a existência simultânea.

De *tempus*, os latinos formaram *tempestas*, que significava *tempo, época, estado atmosférico*, enfim, mau tempo;

tempestade — tomou este último significado;

tempestuoso — o que está sujeito a tempestades;

intempestivo — que não é feito no tempo. Conserva ainda o sentido primitivo de *tempestas; intempestivamente* — advérbio;

temperar — ideia de medida, de mistura nas justas proporções. Significa pròpriamente combinar diversos elementos de maneira a levá-los a um estado médio;

temperatura — a maneira de ser dos corpos vivos;

temperamento — na significação actual da palavra refere-se à constituição humoral, às tendências naturais de uma pessoa, p. ex. temperamento bilioso, etc.;

temperatura — designa actualmente a maneira de ser da atmosfera, o estado do ar ou dos corpos considerados do ponto de vista do calor e do frio;

intempérie — uma falta de temperatura, isto é, uma desordem nos elementos;

temperança — moderação no uso dos bens (*temperar* no sentido de *moderar*);

temperamento — a maneira de temperar.

VIR

(do latim *venire, ventum*)

vir — significa deslocar-se em direcção ao lugar onde se acha a pessoa que fala ou a quem nós falamos;

vinda — a acção de vir;

benvinda — o bom acolhimento a uma pessoa, faz com que ela seja bemvinda;

advir — vir a, significa vir, mas emprega-se exclusivamente, tratando de factos, e exprime em geral coisas fortuitas;

adventício — aquilo que é vindo de uma pessoa ou de uma coisa, que não estava em a natureza;

aventura — uma coisa que advém fortuitamente. A aventura, olhada como resultado de um jogo, tornou-se sinônima. A ação de se pôr em sorte, de arriscar, expressa-se pelo verbo *aventurar;*

aventureiro — aquele que se diverte com aventuras;

eventual — aquilo que está subordinada a algum acontecimento incerto; *eventualmente* — advérbio;

eventualidade — o caracter daquilo que é eventual;

prevenir — vir na frente dos outros (*prae*, antes);

prevenção — a acção de vir com uma opinião já feita sobre qualquer coisa; *prevenido* — aquele que se previne; *prevenção* — *porvir* — aquilo que está para vir (de *pro*, na frente), futuro;

subvenção — um socorro em dinheiro dado a um particular pelo Estado numa empresa útil;

intervir — a acção de vir ao meio de duas pessoas que estão em hostilidade uma contra a outra para acomodá-las; *intervenção* — o acto de intervir;

convir — muitas pessoas, vindas de diferentes lugares para se reunir, também aceitar uma ideia, vir a ela;

convenção — o acordo concluido, a resolução que se estava convindo;

convencional — aquilo que se relacciona a uma convenção;

inconveniente — um obstáculo que impede de se realizar um acordo;

convenção — designa uma assembleia excepcional dos eleitos de uma nação, encarregados de estabelecer uma constituição ou de a modificar. Encontra-se aqui o sentido etimológico de convir;

convencionais — os membros desta assembleia;

convento — reunião de pessoas vindas juntas para viver em comunidade, e, por conseguinte, na casa onde habitam;

conventual — aquilo que se relacciona ao convento;

inventar — a acção de vir sobre uma coisa desconhecida, por consequência de fazer a descoberta, de a achar;

invenção — a acção de inventar ou a coisa inventada;

inventor — a pessoa que inventou;

inventivo — se diz do espírito desta pessoa;

inventário — a inscrição e a avaliação dos objectos mobiliários que contém uma casa.

VOZ

(do latim *vox*, *vocem*, mesma significação, que forma *vocare*, *vocatum*, gritar, chamar)

voz — significa som. Mas designa particularmente o som produzido pela laringe humana; implica a ideia de palavra;

vogal — uma letra que representa um som;

vocal — aquilo que se relacciona com a voz;

vocalizar — cantar sobre uma vogal, sem articular as palavras;

vocalização — a acção que se faz;

vocalises — se chamam os exercícios deste gênero;

vociferar — falar com cólera, elevando a voz (*fero*, eu trago); *vociferação*;

vocativo — palavra ou frase que serve para chamar uma pessoa;

vocação — uma voz interior que nos chama a um certo estado no mundo, que nos faz preferir uma carreira a outra;

vocabulário — a lista de palavras de uma língua;

equívoca — uma palavra que pode ser compreendida de diferentes maneiras (*aequus*, igual);

equivocar — fazer jogos de palavras ou exprimir-se de maneira ambígua;

convocar — chamar diversas pessoas para se reunirem (*cum*, *vocare*);

convocação — a acção de convocar;

invocar — chamar alguém em nosso socorro; *invocação;*

evocar — chamar os demônios ou as almas dos mortos; fazê-las sair do lugar que habitam (*ex*, fora);

evocação — a acção de evocar;

provocar — jogar as palavras com antecedência para excitar uma pessoa a fazer qualquer coisa (de *pro*, em avanço, e *vocare*, gritar);

provocação — a acção de provocar;

provocador — aquele que provoca.